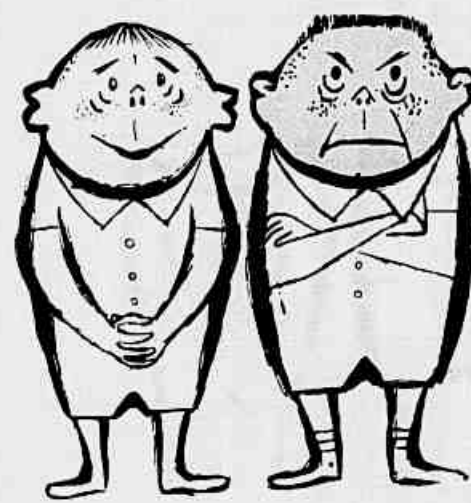


Semana

REVISTA DA

Nº 2 — 11 Jan. 58 — Cr\$ 10.00



Pág. 48

Deus gosta
dos homens
que soltam
luazinhas

Os astros:
58 será
terrível



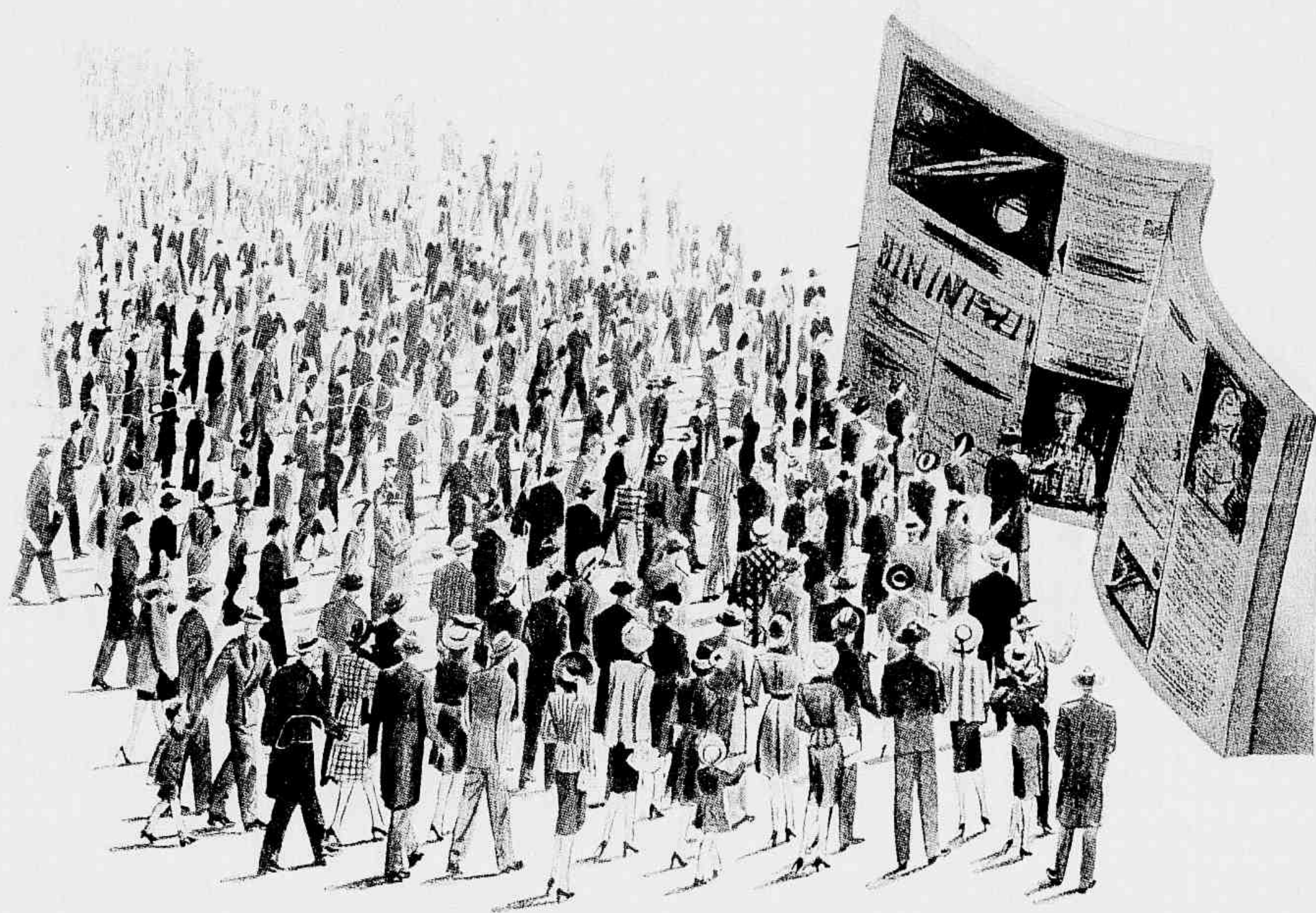
Monique
encontrou
seu amor
carioca

atral, Ci-
obilístico,
Calendá-
omia Do-
— etc.

LAPA

MILHÕES DE LEITORES

vão consultar o



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1958

MAIS DE 300 PÁGINAS DE LEITURA ÚTIL PARA TODOS — PREÇO Cr\$ 50,00

O ANO: Católico, Evangélico, Israelita, Espírita, Médico, Teatral, Cinematográfico, Artístico, Ex-Librístico, Científico, Automobilístico, Aeronáutico, Bancário. — Informações variadas sobre os Calendários. — Contos e Narrativas Históricas. — Ciência — Economia Doméstica — Testes — Cinema. — Política. — Literatura. — etc.

REDAÇÃO: RUA VISC. MARANGUAPE N. 15 — LAPA

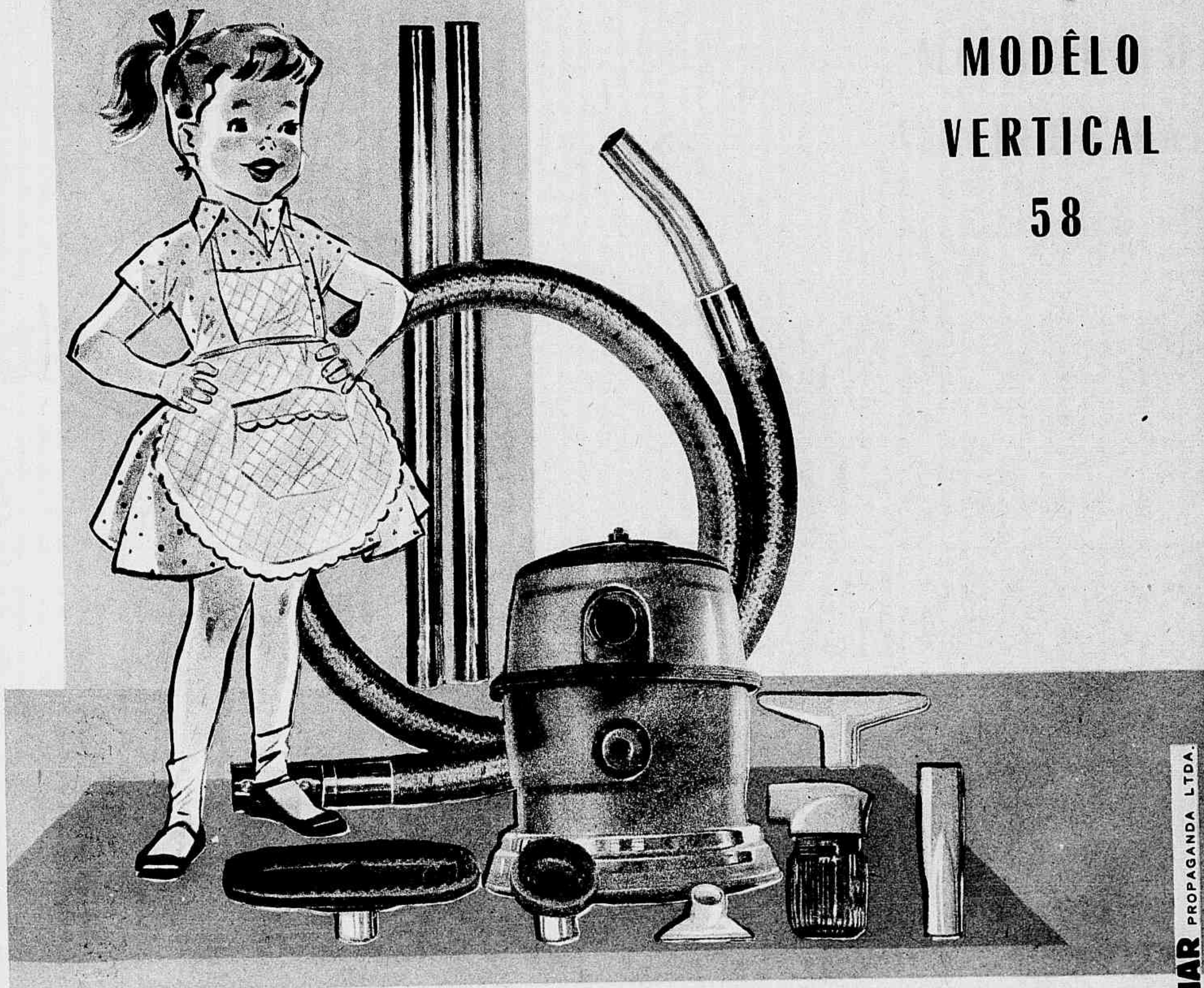
MAMÃE DEIXOU POR NOSSA CONTA...

e tem razão, porque EU e o ASPIRADOR DE PÓ VERTICAL EPEL damos conta do serviço.



- ① Dispositivo especial para eliminação de insetos.
- ② Fácil locomoção graças ao sistema de rodas.
- ③ Dispensa mala estojo, guarda os acessórios dentro do próprio aspirador.
- ④ Funciona com interruptor de pedal.

MODÉLO
VERTICAL
58



EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones 35-8531 e 33-1724

Em frente a Biblioteca Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416

JOMAR PROPAGANDA LTDA.

REVISTA DA **Semana**

Ano 57. N° 2, Rio, 11-1-58

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÚ**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES** — Política — Murilo Melo Filho. **Internacional** — Stelian Baciú. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Parahiba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & Tv** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Ignês Duque. **Estrada. Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **HUMOR** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves de Mesquita. **CHEFE DE PUBLICIDADE** — J. M. Costa Júnior. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA** — Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550 — Portaria — 22-5602 — Assinatura (anual) Cr\$ 500.00 — Via aérea, com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior, Cr\$ 900.00 — Número avulso, Cr\$ 10.00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

NACIONAL 7 — Gira a 60 mil cruzeiros por segundo a guitarra de J. Alkmim
8 — JK não quis embalar Mateus
9 — UDN: Toca sino pequeno para Ademar

ESPECIAL 11 — Tina Louise e o resto: 38-24-36

LITERATURA 16 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Victor
25 — Livros
50 — Dar alegria às crianças — Macedo Miranda

MERCADINHO 21 — O Caviar quer saber se será bem recebido

ESPAÇO 22 — Deus gosta dos homens que soltam luzinhas

TESTES 26 — Palavras/Cruzadas

CINEMA 27 — Os dez melhores filmes de 1957

EXTRA 32 — Terezinha Morango passeia de girafa em Manaus

HUMOR 43 — Mr. Abernathy

67 — Elas

ESPORTE 44 — Pedestres estomacais fundaram o Botafogo

SOCIAIS 46 — Lady Maxwell

PSICOLOGIA 47 — Porque são diferentes nossos filhos

MODA 53 — Monique encontrou no Rio seu amor

INTERNACIONAL 56 — Krushev inaugura (sem concorrente...) a estrada de Damasco
58 — Merdeka é pouco; queremos bebas

TEATRO 61 — O ano da proteção

ASTROLOGIA 63 — Os astros: 58 será terrível

POLÍCIA 60 — Os 10 Crimes mais Misteriosos de 57

ESPIONAGEM 59 — Eu fui espião para o Kremlin (5)

OPINIÃO 66 — Luiz Lobo

CONTATO



INGRID & FILHOS — "Pouca gente compreendeu minha mulher".



PIA & LINDSTROM
"Ela mudou de nome e ele de opinião".



INGRID & ROBERTO
"Nós ainda nos amamos muito".

DIVORCIADOS, Ingrid Bergman e Roberto Rossellini continuam amigos — informa de Madri nosso correspondente Edilberto Coutinho.

"E ele está indignado com a campanha da imprensa mundial, que o persegue há anos com mexericos (pérfidos, segundo diz)".

"Agora está sob tratamento médico, curando os nervos de estafa. E resolveu publicar dois artigos com suas "confissões", contando "tôda a verdade" sobre a sua vida sentimental".

"Têm aparecido centenas de confissões atribuídas a Roberto ou a Ingrid; mas a verdade é que ela não falou a ninguém (nem ao "Paris-Match", que ofereceu milhões) e ele só falou a um amigo particular, redator do "Il Tempo" de Roma".

"Mando para vocês um resumo dessas confissões (das autênticas), onde Rossellini diz entre outras coisas:

1. que é um homem discutido, o que o desagrada;
2. que não gosta de jornalistas (com razão);

3. não houve nada entre ele e Das Gupta, a atriz indiana apontada como pivô do rompimento com Ingrid;

4. fica muito feliz com o sucesso particular de Ingrid e não tem ciúmes dela;

5. ama Ingrid, "mas foi melhor assim", "porque não havia outra solução".

"Vai a matéria em duas partes, tal como foi publicada. Mando também algumas fotos".

"Um abraço do

E.

PS Vocês já repararam na filha de Ingrid Bergman?

NO PRÓXIMO número nós publicaremos as "confissões" de Roberto Rossellini. E a matéria que Edilberto mandou junto, contando os últimos boatos sobre o "caso" Ingrid-Rossellini.

PS Já. Estamos providenciando.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —

CIÊNCIAS — HISTÓRIA —

CURIOSIDADES — CINEMA

— LITERATURA E MUITOS

OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

CARTAS

CAFÉ

"... mas ainda não foi confirmada a notícia de que Café Filho é o candidato de Lott a senador pelo Rio Grande do Norte..."

Morais e Silva, Natal.



"BRUXA"

"Aqui o filme já passou há mais de seis meses".

Marilena Silva, São Paulo

BANDEIRA

"Excelente a reportagem sobre a Bandeira Nacional. E muito curiosa".

Juventino Abreu, Minas.

"Hilariante a ilustração sobre a reportagem da Bandeira Nacional. E a reportagem estava muito boa, com excelentes (e inéditas) informações".

Rui Santos, Pôrto Alegre.

MARYLIN

"Capa com Marilyn Monroe é sucesso de vendagem. Não acharam?"

Ricardo Pereira, D.F.

MULHERES

"Por que as revistas só publicam capas com mulheres, quando há muitos assuntos mais importantes do que caras bonitas para serem colocadas na capa?"

Jorge Silva, D.F.

♦ Veja nosso número 49, por exemplo.

Editor.

LER

"Espiei a Revista da Semana (n.º 49) e fiquei leitora assídua. Realmente, a revista tem o que ver e o que ler".

Sônia Vasconcelos, D.F.

CARDEAL

"... de boa vontade concedo a licença pedida pelo Cônego Jorge O' Grady para colaborar na REVISTA DA SEMANA, pois estou certo de que V. Revma. procurará em tudo ater-se às normas e orientação da Santa Sé".

Cardeal D. Jaime Câmara, D.F.

NIURA

"Menina bonita, mas sem certa graça".

Jorge Paiva, D.F.

POLÍTICA

"Apresentação muito boa da seção política do número 49. Gostei muito também da fotografia de Juscelino vestindo o paletó ajudado por Nixon".

Ari Franco, Minas.

HARÉM

"Achei uma maldade a filha de Farouk ir para um harém".

Marli Bueno, Vitória.

FLORES

"O que é sniff, sniff, sniff, legenda para a fotografia de Krushev na reportagem 'Krushev teve de cheirar as cem flores de Mao'?"

Carlos Ribeiro, Salvador

♦ "Sniff, sniff, sniff" significa cheirar em linguagem de histórias em quadrinho.

Editor.



LIBERDADE

"Liberdade de imprensa é o que existe nos Estados Unidos. Exemplo: a charge sobre o satélite russo publicada pelo 'Time' e reproduzida pela revista".

Alice Ribeiro, D.F.

JK NÃO QUIS
EMBALANÇAR
MATEUS

UDN: TOCA O
SINO PEQUENO
PARA ADEMAR

DOIS PAGAM
O PATO EM
STA. CATARINA

GIRA A 60 MIL CRUZEIROS POR SEGUNDO A GUITARRA DE J. ALKMIM

COM O SR. JOSÉ MARIA ALKIMIM girando a guitarra da inflação num ritmo de 60 mil cruzeiros por segundo, o Governo entrou em 1958 sob a pressão de 100 bilhões de cruzeiros em papel moeda circulante, mais de 300 mil desempregados, a perspectiva de um "deficit" de 34 bilhões e de uma queda superior a 10 % no volume global da produção.

Mas em seu discurso de Ano Novo ("Voz do Brasil", dia 31) o sr. Juscelino Kubitschek disse que há todas as razões para "o otimismo nacional" e lamentou que "ainda haja pessimistas neste país".

Eis alguns números reveladores da situação econômico-financeira do Brasil:

1 — O Tesouro Nacional só em 1957 utilizou 34,5 bilhões de cruzeiros obtidos por empréstimos ao Banco do Brasil (20.700 milhões), emissões de papel moeda (9.200 milhões) e emissões de letras (4.600 milhões).

2 — Além desse dinheiro, empregado na cobertura de "deficits", pagamento de soldos e vencimentos, etc., o Governo já emprestara a si próprio, até junho de 1957, 79.200 milhões, contra 39 bilhões em igual período de 1955. "Isso quer dizer — diz um porta-voz do Banco do Brasil — que os empréstimos para as obras e serviços governamentais dobraram em dois anos".

3 — A taxa de crescimento nacional (que os economistas norte-americanos em parte relacionam com o "Gross National Product" e que é o índice mais conclusivo do desenvolvimento ou retrocesso de um país) foi de 5,5 % de

1948 a 1954, caiu a 3 % em 1955 e a 0,6 % em 1956. Os cálculos preliminares para 1957 indicam a continuação do processo de queda.

4 — "Ponderados os fatos — diz o deputado Wagner Estelita, presidente da Comissão de Orçamento da Câmara — reestima-se a despesa em cerca de 126 bilhões, enquanto a receita não pasará de 92 bilhões". Resultado: "deficit" orçamentário de 34 bilhões.

5 — O Governo está tentando deflacionar, através da restrição do crédito, mas a política deflacionária do sr. José Maria Alkimim é unilateral: não visa os gastos governamentais. Além disso, aumentaram as despesas dos setores improdutivos da administração, à custa dos setores produtivos. Os orçamentos dos ministérios militares tiveram os seguintes aumentos sobre 1957: Guerra — mais 2,6 bilhões; Aeronáutica — mais 25 milhões; Marinha — mais 63 milhões. Enquanto isso o Ministério da Agricultura terá em 1958 menos 1 bilhão e 150 milhões e o da Viação 2 bilhões e 330 milhões do que em 1957.

6 — Para o índice 100 em 1955, a produção global do país alcançou 88,7 em 1956 e no início de 1957 estava em 72,5. Tudo indica que em 1958 sofrerá queda superior a 10 %. Os produtores queixam-se da falta de crédito.

7 — Cresce o número de falências. No primeiro semestre de 1957 foram requeridas, no Rio, 130 falências, contra 100 em igual período de 1956. Em São Paulo esse número foi de 333 contra 254.

8 — Também cresce o número de

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

DIRETÓRIO REGIONAL DO D. FEDERAL

Assinatura assinada, estando de acordo com o Programa e os Estatutos do PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO, solicita a sua inscrição, prestando as seguintes informações:

Nome do candidato: *Juarez Távora* Naturalidade: *Recife*

De nascimento: *14.1.1898* Estado Civil: *Casado* Profissão: *Médico (Rio de Janeiro)*

Endereço: *R. Band. Campesinato, 1955* Bairro: *Palmeira* Tel.: *46.93.71*

de Trabalho: _____

de Identidade: *Carteira nº 7.555 do Serviço de P. e M. Juarez*

Eletoral n.º: *4.848* Zona: *43* Seção: *93*

30.10.56

Assinatura: *Juarez Távora*

Assinado por: _____

Assinatura aprovada em: _____

JUAREZ

Será que o amor é assim?

JUAREZ

PROVOCA

CIÚME

A UDN está com ciúme do PDC por causa do general Juarez Távora. Dizem muitos udenistas que "não é honesta" a tática democristã de "aliciar" nomes feitos pela própria UDN. O sr. Juarez no PDC desviaria muitos votos dos udenistas no Rio (onde ele será candidato a deputado), inclusive do sr. Carlos Lacerda. Outros afirmam, porém, que o general não faz medo.

Outro que formará na chapa do PDC do Distrito: Alim Pedro.

concordatas. No Rio foram requeridas 24 no primeiro semestre de 1956 e 42 em igual período de 1957. Em São Paulo, no mesmo período, 23 e 62.

9 — No primeiro semestre de 1956 foram protestados no Rio e São Paulo 28 mil títulos no valor de 331 milhões de cruzeiros. Em igual período de 1957 o número desses títulos alcançou 34.300, no valor de 458 milhões de cruzeiros. Diz a Fundação Getúlio Vargas que isso indica a retração dos consumidores, provocada pelo crescente desequilíbrio entre o poder aquisitivo das receitas individuais, em contínuo decréscimo, e os preços das utilidades.

10 — A emissão de papel moeda continua em ritmo galopante. De 1 de setembro a 12 de outubro foram emitidos 3 bilhões e 600 milhões de cruzeiros: 60 mil por segundo. Nesse ritmo o meio circulante atingiu a cerca de 100 bilhões no fim do ano.

A SITUAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA poderá agravar seriamente a crise político-social, de que são amostras a recente greve geral de São Paulo, as lutas de posseiros no norte do Paraná e os acontecimentos de Alagoas. Os índices de desemprego (o número de desempregados já passa de 300 mil) e a ausência de medidas capazes de conter a espiral inflacionária não oferecem, ao contrário do que diz o Presidente da República, base para otimismo. Os técnicos são unânimes em afirmar que é preciso combater a inflação (o sr. Aliomar Baleeiro propõe substituir essa palavra por "hiper-emprêgo") e o Governo diz que está fazendo isso, mas a Oposição diz que não está, e que virá o pior.

SUCESSÃO ESTADUAL: JK NÃO QUIS EMBALANÇAR MATEUS

PROMETENDO "MANTER a mais absoluta imparcialidade nas eleições estaduais", o Sr. Juscelino Kubitschek está intervindo em vários Estados para ajudar candidatos de sua preferência.

1 — No Ceará estimulou e está apoiando o lançamento da candidatura Parsifal Barroso para enfrentar o Sr. Virgílio Távora.

2 — Em Pernambuco apoiou a ala pessedista do Sr. Jarbas Maranhão.

3 — Na Bahia apoiou a candidatura do Sr. Vieira de Melo, contra o próprio Governador pessedista, Antônio Balbino.

4 — No Espírito Santo seu candidato é o atual Ministro da Justiça, Sr. Eurico Sales.

5 — Em São Paulo quer fazer Governador o Sr. Ulisses Guimarães.

6 — REVISTA DA SEMANA

6 — No Rio Grande do Sul apoiou o Sr. Leonel Brizola contra o pessedista Peracchi Barcelos.

A atitude presidencial é mais ostensiva no Ceará, Bahia e Rio Grande do Sul. Neste Estado chegou a demitir o Sr. Fernando Ramos Alencar da presidência do INIC para nomear o Sr. Wolfram Metzler (que morreu, deixando o lugar ao Sr. Walter Chechela) porque os integralistas pediram o cargo em troca de seu apoio ao Prefeito de Porto Alegre.

Na Bahia o Sr. Antônio Balbino está sob pressão do Catete, que já demitiu o Sr. Pedreira de Freitas do cargo que ocupava no Banco do Brasil (o Sr. Pedreira de Freitas era candidato "fórmula alta" do Sr. Balbino).

No Ceará o Sr. Kubitschek estimulou pessoalmente o lançamento da candidatura Parsifal. Lá o PTB havia feito um acordo com a UDN para eleger Governador o Sr. Virgílio Távora (UDN)



JUSCELINO
Não é o pai de Mateus

e senador o Sr. Francisco Monte, sogro do Ministro do Trabalho. Alguns políticos pessedistas lembraram o acordo (que era de pedra e cal) ao Sr. Kubitschek, mas ele respondeu que "não é o pai da criança e quem pariu Mateus que o balance".

BOIS PAGAM O PATO E M STA. CATARINA

Aprofunda-se em Santa Catarina o fôso que separa o sr. Leoberto Leal da família Ramos.

Em consequência, a UDN está sendo disputada para apoiar uma das alas em

que se divide o PSD catarinense. De um lado, o sr. Leoberto Leal corteja o sr. Irineu Bornhausen, chefe da UDN daquele Estado, oferecendo-lhe uma aliança em bases vantajosas, com a finalidade de alijar os Ramos dos principais postos eletivos do Estado.

Mas a família não está disposta a ser derrotada pelo sr. Leoberto Leal. E procura compor-se com o governador Jorge Lacerda, que também é da UDN.

O sr. Leoberto Leal recebeu uma homenagem de 3 mil pessoas, durante a qual foram mortos 65 bois. O PSD dos Ramos está pensando em realizar uma concentração de 5 mil pessoas e mais de 100 bois.

Na homenagem ao senhor Leoberto Leal, dois Prefeitos catarinenses se revezavam em críticas aos Ramos, especialmente ao Nereu. Um deles disse, na hora da sobremesa:

"O Nereu é tão egoísta que não reparte nem o cabelo".

DE CAMA (PREOCUPANDO) A UDN

LÍDERES UDENISTAS lamentam que seus governadores estejam adoecendo e passando os seus respectivos governos a elementos adversários.

Os casos do Ceará e da Paraíba estão preocupando a alta direção da UDN, pois os vice-governadores desses Estados são, respectivamente, do PTB e do PSD.

O sr. Paulo Saracate está no Rio, há alguns meses, em severo tratamento de saúde e os seus médicos assistentes proibem terminantemente a sua volta ao governo do Ceará, por causa de um esgotamento nervoso. Sua volta ao governo poderia comprometer irremediavelmente o tratamento a que vem sendo submetido e que poderá recuperá-lo a tempo de

poder candidatar-se a deputado federal em outubro.

O vice-governador, sr. Flávio Marcílio, é do PTB, mas não se mostra disposto a acompanhar o PTB no rompimento do acôrdo com o sr. Virgílio Távora, ao lado do qual pretende ficar, inclusive por causa dos laços de parentesco que os prendem indissolúvelmente.

Na Paraíba, o governador Flávio Ribeiro após três enfartes do miocárdio, teve mesmo de afastar-se do mandato, a fim de tentar a recuperação da saúde. No seu lugar, fica um governador do PSD, o sr. Pedro Gondim, perfeitamente identificado com os planos pessedistas para derrotar a UDN em outubro próximo.

A situação na Paraíba é, assim, mais grave que a do Ceará, pois o governo passa às mãos de um adversário, num Estado onde a luta eleitoral se apresenta com características muito renhidas e acirradas.

Para completar êsse quadro, há ainda o caso de Alagoas, onde a UDN lutou ferozmente para derrubar o governador Muniz Falcão, do PSP e colocar, em sua substituição, o vice-governador Sizenando Nabuco, que é do PTB e pessoa da confiança pessoal do sr. Ary Pitombo, inimigo irreconciliável da UDN e dos udenistas.

BALBINO E A RAÇA DE VIEIRA

"UM HOMEM DE RAÇA para raça de homens" é o slogan principal da campanha do sr. Vieira de Melo ao Governo da Bahia. O sr. Vieira de Melo é de Barreiras (barranca do São Francisco) e o sr. Antônio Balbino, que também é, tem dito que vai mostrar sua raça, derrotando o líder da Maioria.

Os observadores dizem que o sr. Vieira quer a candidatura Juracy Magalhães, por que:

1. assim lhe seria mais fácil unir o PSD em torno de seu nome. (pessedista);
2. importaria um dilema ao sr. Antônio Balbino (que teria de decidir entre seu partido e a UDN; e
3. "lhe permitiria derrotar o presidente da UDN, um dos mais prováveis candidatos ao Catete em 1960".

Acrescentam que o Governador poderá acabar apoiando mesmo o líder da Maioria, se êste lhe assegurar um lugar de Ministro do Supremo Tribunal. O problema do sr. Antônio Balbino, ao deixar o Governo, resume-se em um lugar de projeção: não quer a sorte do sr. Régis Pacheco, que voltou a ser médico em Vitória da Conquista, lugar distante da capital um dia inteiro de viagem num ônibus em pandarecos.

Quanto a dinheiro, o Governador está em ótima situação financeira.

UDN: TOCA O SINO PEQUENO PARA ADEMAR

REVELANDO-SE MAIS realista do que o rei o Sr. Jânio Quadros aderiu ao PTB — e agora a UDN vai revelar-se ainda mais realista do que o Sr. Jânio Quadros, fazendo uma aliança com o Sr. Ademar de Barros para enfrentar o populismo petebo-janista.

O Sr. José Cândido Ferraz já insinuou, em ruidosa entrevista, o acôrdo com o Prefeito de São Paulo. Alguns observadores dizem que a insinuação tem caráter puramente pessoal e não conta com o apoio dos principais líderes udenistas. Mas outros, dizendo-se melhor informados, garantem que êle (apesar de seu conhecido realismo) não falou por conta própria e que, em casos sérios como êsse, "só bate o sino pequeno depois que o grande bateu".

A aliança UDN-PSP já existe em alguns Estados, mas no plano federal vinha sendo considerada impossível. E a UDN paulista tem mais horror ao Sr. Ademar de Barros do que o diabo à cruz. Mas os realistas afirmam que não poderão enfrentar a máquina do PSD, o dinheiro do Banco do Brasil e dos Institutos, a pressão federal por todos os meios, etc. sem uma base populista. Ga-

nhará as eleições — dizem — quem fôr mais populista.

ESMERINO ARRUDA DIZ QUE NÃO É ANTÔNIO HORÁCIO

"CHAMEI ESSE MENINO aqui em São Paulo e lhe disse que acabasse com essa história de prorrogação de mandatos, se não queria ser expulso do PSP."

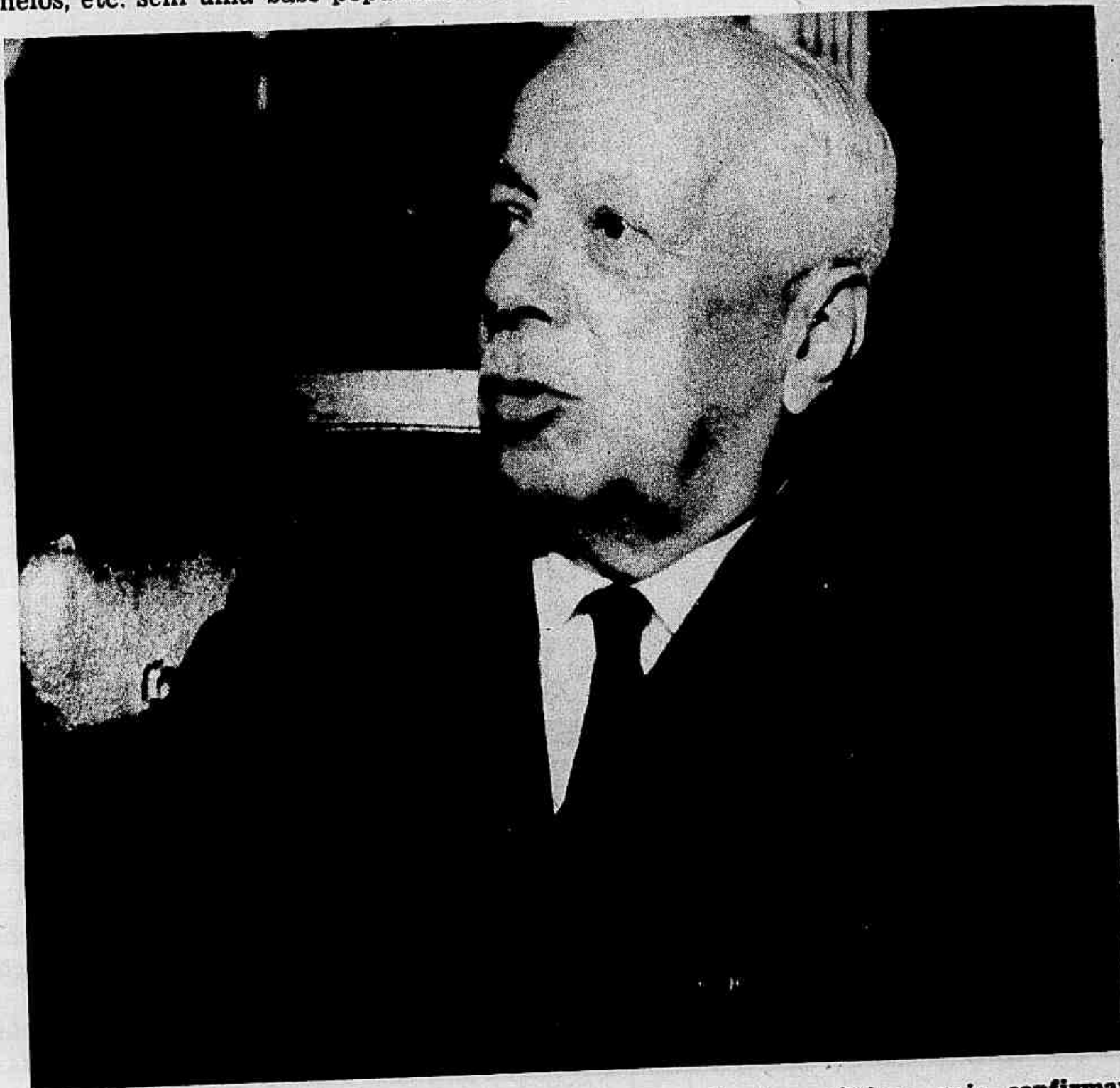
A declaração é do Sr. Ademar de Barros. O menino é o Sr. Esmerino Arruda, autor da emenda prorrogacionista.

Ao Sr. Ademar de Barros não interessa a prorrogação porque:

1 — O Sr. Jânio Quadros ficará no Governo de São Paulo por mais dois anos.

2 — Ele terá que esperar a sucessão presidencial como simples Prefeito, enquanto seu principal adversário poderia sair diretamente dos Campos Eliseos para os comícios eleitorais.

Mas o Sr. Esmerino Arruda não atendeu a seu chefe, dizendo que é pessepista e não ademarista. Ele não é o Sr. Antônio Horácio, "de quem o Juscelino conseguiu a retirada da emenda de prorrogação". E diz mais: que se fôr expulso do PSP vai para outro partido.



A volta do deputado Otávio Mangabeira ao Rio, domingo último, veio confirmar a previsão dos comentaristas políticos de que a Oposição está abandonando algumas de suas figuras mais representativas. O sr. Otávio Mangabeira, que retornava ao Rio (acompanhado da esposa) de uma viagem aos Estados Unidos, onde foi ver a filha e os netos, só foi recebido por quatro pessoas no Aeroporto Internacional do Galeão. Minutos antes da chegada do deputado, desembarcavam no Galeão, sendo recepcionados por muita gente, "Miss" Alemanha e as cinco modelos da Casa Jacques Heim.

COLÉGIO BRASÍLIA

BOLETIM SEMANAL

(Médias de 1957)

Só quatro alunos do Colégio Brasília tiveram média para passar de ano: Macedo Soares (4,8), Mário Meneghetti (3,1), Alves Câmara (3,1) e Clóvis Salgado (3).

O sr. Clóvis Salgado, Ministro da Educação, diz que numa turma de muitos reprovados o principal responsável é o professor (que só se preocupa com a mudança do Colégio).

MACEDO SOARES

Embora aprovado, não conseguiu ainda nota para global. É o mais velho e comportado da turma.

1º LUGAR: 4,8

MÁRIO MENEGHETTI

No começo do ano, escrevia jequitibá soletrando assim: a-l-f-a-c-e. Passou de ano graças a uma boa composição sobre o trigo.

2º LUGAR: 3,1

ALVES CAMARA

Veio para a festa de formatura com a roupinha marinheira um pouco amarrotada. No entanto, é bom colega.

2º LUGAR: 3,1

CLÓVIS SALGADO

Ainda não se sabe bem como é que passou. Tornou-se popular no colégio quando sugeriu o volibol como método seguro de fixação do homem no campo.

3º LUGAR: 3

MAURÍCIO MEDEIROS

Teve tifo, teve asiática e por isso faltou muito. É conhecido como o engraçadinho da turma. No grêmio do Colégio Brasília, fez uma conferência dizendo que todas as dificuldades do Brasil podem ser resolvidas com riso.

REPROVADO: 1,8

LÚCIO MEIRA

(reprovado) — 1,3. Faltou muito ao colégio, alegando que as estradas estavam intransitáveis, o que era verdade. Alegou, também, que tinha de ficar em casa tomando conta do rádio.

REPROVADO: 1,3

TEIXEIRA LOTT

Mal comportado e pretendendo entender de tudo (mais até do que o próprio professor), não será jubilado. Continua no colégio de qualquer maneira, mesmo que o professor saia.

REPROVADO: 1,8

CORRÊA DE MELO

Voou o tempo todo durante as aulas. Nomeado bebel da turma para enquadrar seus colegas, todos se lembraram dos seus tempos de primário, quando era conhecido como Melo Maluco.

REPROVADO: 2,6

EURICO SALES

É o calouro da turma. Entrou para coordenar a escolha do professor como paraninfo da turma. Mas, logo depois, disse que não havia o que coordenar.

REPROVADO: 2,3

PARSIFAL BARROSO

Não foi assíduo nos trabalhos. Também é popular no Colégio Brasília como grande assobiador. Parsifal é capaz de assobiar óperas inteiras, por música.

REPROVADO: 2,6



ALKMIM
Não conseguiu nota um

ALKMIM

Embora tesoureiro do grêmio, foi reprovado em Matemática. Criou um sistema de vales e comprometeu a merenda de todos.

REPROVADO: 0,6



TINA LOUISE, 38 — 24 — 36, gosta de mostrar as pernas e o resto (com o perdão da palavra) em público, "só para ver a cara de espanto que os homens fazem" — segundo ela confessa: "Os homens parecem ter grande prazer com isso e, afinal de contas, não custa nada, além de ser interessante". Ela está acabando de filmar pela primeira vez e os cronistas que viram as provas da película disseram que ela é "muito boa". (Ainda não foi esclarecido se ela é Tina Louise ou a película, mas Tina é favorita na proporção de nove para um).



TINA LOUISE E O RESTO: 38-24-36

ESPECIAL



VOCÊ FICA COM
APPASSIONATA
VAN CLIMAX
OU GRISELDA?

TINA LOUISE é uma pequena alta, de cabelo cor-de-fogo, que foi lançada na Broadway fazendo o papel de Appassionata Van Climax (a mulher fatal) na peça musical "Li'l Abner".

Appassionata é a mulher mais exuberante (digamos assim) já inventada por Al Capp para a história de Ferdinando (Li'l Abner) Buscapé. Nesse papel Tina pode ver os homens na platéia permanentemente com cara de espanto, porque seu traje é sumarríssimo.

Não se sabe se foi o seu talento ou (como diremos) o resto, que chamou a atenção dos produtores de Hollywood para Tina, mas seja o que for, foi um bom motivo.

TINA LOUISE ganhou o principal papel feminino de "God's Little Acre", fil-

me baseado na "mais controvertida novela americana" de Erskine Caldwell.

Ela é Griselda, uma das personagens mais conhecidas em todo o mundo, já que a novela vendeu oito milhões de exemplares, em 14 línguas, apesar (ou por causa) de ter sido condenada pelo maior número de censores que já se uniu contra alguma coisa.

A novela conta a história de um fazendeiro da Geórgia e tornou-se um "clássico americano". Tina Louise (outro clássico) tem um papel que lhe dá "a oportunidade de provar que é uma atriz dramática e não só uma mulher bem feita". Ao que muitos comentam: "Eu, particularmente, não me importo em saber se ela é boa atriz dramática. O que me importa é o resto (e que resto!)."





O engenheiro Carlos de Carvalho dirige, pelas ruas de Aracaju, uma grande máquina de terraplanagem.

UM NOVO TRATOR GOVERNARÁ ARACAJU

Texto de GILVAM MACEDO LINS

ARACAJU VIVEU um de seus grandes dias com o lançamento da candidatura do Engenheiro Carlos de Carvalho a Prefeito da cidade.

Aproveitaram seus amigos sua data natalícia, 15 de dezembro, para homenageá-lo condignamente. Era a festa do povo. Dêste povo que sabe compreender e, num gesto de gratidão ao seu amigo e benfeitor, se fez presente quando sua voz se ergueu dentro da madrugada bonita de um domingo ensolarado, cantando uma alvorada naviosa, cheia de civismo.

Aproximadamente 1.000 pessoas compareceram à residência do aniversariante e precisamente às 4,30 horas, quebrou o silêncio da calma e pacata cidade de Aracaju, entre salvas e aclamações, rendeu a primeira homenagem do povo de Sergipe ao seu filho dinâmico, honesto e trabalhador.

Cumprindo o programa das festividades, às 11,30 horas o homenageado foi recebido pelo industrial Euvaldo

Diniz em sua Cerâmica Santa Cruz, onde uma multidão incalculável tomou parte num churrasco, também oferecido ao aniversariante e candidato do povo à Prefeitura de Aracaju.

Foi mais uma grande festa. Sentia-se a identidade de pensamento daquela aglutinação, onde ricos e pobres, homens e mulheres vibravam cheios de civismo, certos de que estavam iniciando uma campanha de verdadeira redenção.

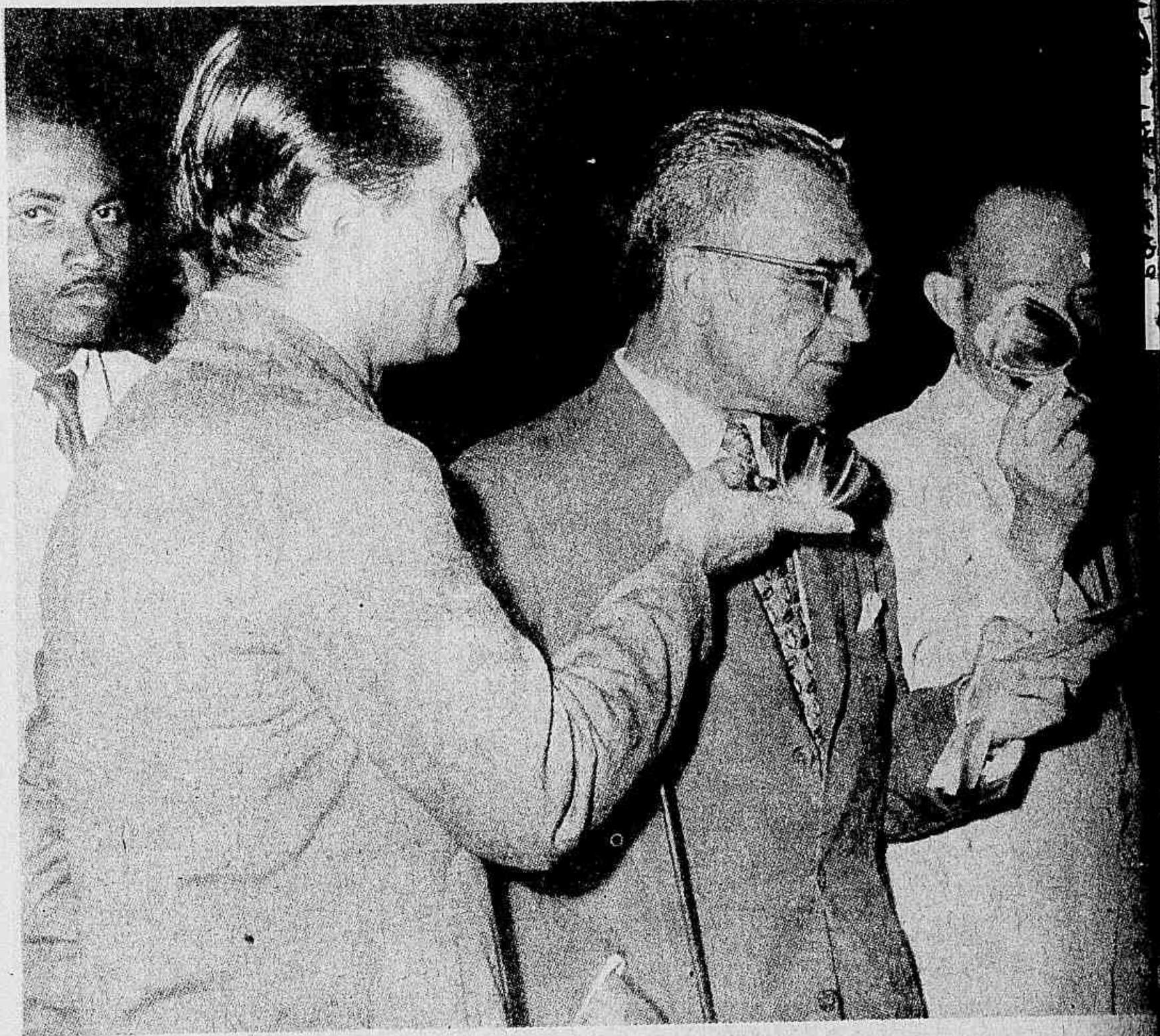
Sempre com o pensamento voltado para o seu povo, o "doublé" de aniversariante e candidato externa todo o seu sentimento de amor a sua Terra e entrega-se inteiramente à multidão, que não se cansa de aclamá-lo.

Já não há mais dúvida. Aracaju vibra de entusiasmo e de civismo. O povo ganha às ruas, e nesta altura o Engenheiro Carlos de Carvalho, pilotando uma possante máquina de terraplanagem de 9 toneladas, cruza a cidade acompanhado de um cortejo enorme: cerca de 200 veículos dão uma nota de destaque entre as aclamações do povo.

As 20,00 horas, no bairro Dezoito do Forte, realizou-se um comício onde foi mais uma vez patenteada a grande receptividade da candidatura Carlos de Carvalho. Vários oradores fizeram uso da palavra de maneira brilhante, destacando-se o líder trabalhista Lídio Santos que, numa fertilidade enorme de pensamento, discorreu seguramente sobre a pessoa do candidato e com grande conhecimento de causa, disse dos problemas e necessidade da capital. Antecedeu ao líder trabalhista o jovem Geraldo Vieira e em seguida subiram a tribuna o poeta popular Freire Ribeiro, Antônio Santana, vereador Oscar Leal, o líder ferroviário Walter Quirino, e a radialista Santos Mendonça que, fugindo ao tom da oratória, manteve uma palestra com o povo. Santos Mendonça falou como homem de rádio e candidato à vereança, dando todo o seu apoio ao candidato e pedindo aos seus amigos e admiradores que não faltassem ao chamamento pela redenção de Aracaju.

Encerrando o comício, falou o Eng. Carlos de Carvalho que, numa breve e eloqüente oração, historiou os motivos que o levaram a abraçar a luta eleitoral, lançando-se numa campanha livre de compromissos de gabinete, pois sua candidatura é imposição do povo de Aracaju. Ainda disse o orador dos laços de amizade que o prendem ao Governador Leandro Maciel, administrador emérito que tem dado a Sergipe uma nova fase onde o progresso se tem feito sentir em toda a sua plenitude.

Ao fim do comício deu-se início a um baile em um palanque armado para tal fim, coroando de alegria a festa do lançamento da candidatura simpática do Eng. Carlos de Carvalho.



Carlos de Carvalho no momento em que falava ao povo de Aracaju, encerrando com brilhantismo o grande comício de lançamento de sua candidatura



O candidato Carlos Carvalho, ladeado por homens do povo, quando se dirigia ao palanque armado no bairro "Dezoito do Forte"

O vagabundo e o menino

OITAVO CAPÍTULO

Léo Victor


NO BAR DA PRAÇA, ao lado da cozinha, havia um pequeno reservado onde "seu" Ferreira empilhava latas e caixotes. Ali se reuniam tôdas as noites para jogar "buraco" os fregueses mais assíduos e importantes.

Os freqüentadores do reservado não eram sempre os mesmos, mas pelo menos quatro dêles nunca faltavam.

O primeiro a aparecer e pedir o baralho ensebado era o Zé Passarinho. Depois, vinham os outros Zés, — porque havia por ali uma inflação de Zés, — o Zé Soldado, o Zé da Amélia e o Zé Nanico. Vinham, também, "se" Bernardino, Bom Cabelo, "seu" Chico. As vêzes, "seu" Ferreira participava do jôgo. Vez por outra, o Augusto Pintor, que era muito misterioso, comparecia ao reservado.

O Zé Passarinho e o Zé Nanico não podiam mesmo ter outros nomes. Eram muito amigos, mas viviam brigando. O Zé Passarinho tinha um nariz grande e curvo, semelhante a um bico e os olhos muito vivos. Como bom barbeiro, adorava discutir política. Já a grande paixão de Zé Nanico, homenzinho pequeno, careca, nervoso cheio de tiques, e tintureiro de profissão, era o comunismo. No entanto, apesar do seu amor à causa, não era um comunista sincero. Se tivesse um metro e oitenta, um emprêgo de escritório e o amor das mulheres, não seria comunista. Vivia falando na própria superioridade, considerava humilhante a profissão que exercia — seu maior desejo era tornar-se datilógrafo — e achava todo mundo ignorante. Suas grandes discussões com Zé Passarinho não giravam em torno do aspecto econômico ou político do comunismo, mas de seu aspecto religioso, porque o Zé Passarinho, sendo espirita feroz,

diretor de um centro e médium famoso, preferia morrer a aceitar o materialismo.

O Zé da Amélia, mais tranqüilo, funcionava sempre como elemento conciliador. Apareceu na cidade, como ele mesmo dizia, com os "bofes estourados". Curioso é que, de início, escondera a doença, cheio de complexos. Mas depois que se curou engordou, diante do espanto dos outros pela sua rápida recuperação, passou a orgulhar-se da doença e a dizer: — "Quando cheguei aqui botava sangue pela bôca que era uma barbaridade", e aí contava com detalhes sua doença.

Dona Amélia, costureira, viúva, de meia idade, era muito conhecida no lugar. Cortava calças tão bem, que até alguns veranistas faziam-lhe encomendas. Um dia, o Zé foi à sua casa experimentar umas calças e até hoje ninguém sabe como, começou o romance que acabou em casamento. Provavelmente, ambos sentiam-se sós. Mas é provável também que se tivessem apaixonado pelo outro. O certo é que dona Amélia, nos primeiros tempos de casada, relaxara um pouco no trabalho. Todos se admiraram muito, porque ela vivia dizendo que preferia ter prejuízo a fazer uma calça mal feita. E era uma verdade: em cada calça parecia que ela punha um pouco do seu coração. Há pessoas assim, que conseguem pôr um pouco do próprio coração nas coisas mais humildes que fazem. Dona Amélia era uma delas. Foi só depois que o Zé, empregando a indenização que recebera, na entrada de um "Chevrolet" 39 e tornando-se motorista de táxi passara a freqüentar com assiduidade a mesa de jôgo do bar, que dona Amélia readquirira à antiga classe.

Homem delicadíssimo como "seu" Bernardino nunca se viu. Tratava todo mundo de senhor e tinha uma idade indefinida. Pintava o bigode, as unhas e tinha sido em outros tempos, um funcionário zeloso que, apesar disso ou por causa disso mesmo, fôra preterido numa promoção à qual se julgava com absoluto direito. O fato o revoltara tanto, que se aposentara, antes do tempo, com um ordenado reduzido, nunca se conformando com a injustiça.

Zé Soldado era cearense. Diziam que tinha um crime de morte nas costas, lá na sua terra. O fato é que ali sempre se mostrou uma criatura fácil no trato, muito esperto, prestativo, e de uma regularidade de hábitos, verdadeiramente assustadora. Possuía um orgulho: nos sete anos que estava na cidade, ainda não dera um serviço. Vivia como uma espécie de ordenança do marechal.

Diz-se sempre que um marechal da reserva vale menos do que um segundo-tenente da ativa e as coisas muito repetidas devem ter um fundo de verdade. A primeira vista, parecia esquisito que um marechal tivesse por ordenança um soldado de polícia. Mas o filho mais velho do marechal era um desses generais que os jornais procuram ouvir nas crises e os políticos bajular. O homem estava sempre na crista da onda, era uma espécie de "eminência parda" do governo. Sabendo

disso, entendia-se porque Zé Soldado, à disposição do marechal, havia sete anos, não dava um serviço na delegacia.

No início, quando surgia alguma briga e Zé Soldado andava por perto, algum ingênuo, vendo-lhe a farda cáqui e as pernas negras o associava a um representante da lei e pedia-lhe que interferisse. Nessas ocasiões, Zé Soldado sempre se desculpava do mesmo modo: "Não estou de serviço", e se afastava lentamente. Tanto repetiu essa frase, que por fim ninguém mais se lembrava dele nas horas de conflito.

Mas apesar de sua falta cantada, dos seus gestos lentos, Zé Soldado era muito ativo. Diziam até que já estava rico. Tinha uma habilidade diabólica para unir o útil ao agradável e nunca foi homem de acreditar, nem de se surpreender com coisa nenhuma. Últimamente, engordara demais, porque era vigia do hotel de luxo — ainda que não vigiasse nada — onde comia e dormia e, se bem que não recebesse ordenado, ter casa e comida garantidas já representava uma boa economia. O marechal sempre lhe dava algum dinheiro e ele ainda tinha o sôldo, além de participação no suborno que as casas de jôgo pagavam à polícia. Não bebia, não fumava, não pagava condução nem cinema, e só comia no hotel. Assim, movimentava o seu dinheiro com bastante senso econômico e já comprara diversas casas de madeira, que alugava, e lotes de terreno, que pagava a prestações.

Essa mania de comprar terrenos começara, quando, certo dia, o marechal o promovera a corretor. O marechal tinha uma casa grande e antiga, com um vasto terreno nos fundos. Quando as terras começaram a se valorizar, ele decidira lotear e vender o terreno dos fundos.

O marechal era um velho simpático e simples, que costumava passear ao sol com a mulher, também já bem velha. Viviam o ano todo na cidade. Como a maioria dos velhos, o marechal tinha o jeito triste de dizer que estava com o pé na cova e precisava desfazer-se do que possuía para evitar brigas depois que morresse. Mas enquanto não metia o outro pé na cova, ia enterrando filhos, sobrinhos e até netos. A verdade é que sua família era grande e os casais novos quase sempre precisavam do seu auxílio para comprar um carro ou um apartamento, montar um consultório, coisas assim. Ora, o marechal não tinha nada de marechal, era apenas um velho patriarca, que gostava de ajudar sua gente, sobretudo, aos filhos casados, que lhe davam netos. Que prazer poderia ainda ter na vida se não desse de dar e sentir-se amado e prestigiado? Verdade é que procurava disfarçar suas predileções, mostrar-se equânime. Aparentemente, não se notava preferência nem por aquele filho que dera ao cacula o seu nome. Como seu sôldo, apesar de grande, não desse para atender às necessidades de todos, resolvera vender as terras do fundo da casa, reservando para si — ou melhor para os netos, que lhe enchiam a casa no verão — um bom quintal. Foi então que mandara o Zé Soldado



colocar uma placa anunciando a venda, depois de tratar das formalidades legais.

A essa altura, Zé Soldado já se insinuara tanto, que o velho não sabia fazer nada sem sua ajuda. Ele é quem comprava os jornais, as passagens de trem, carregava as malas, dava recados, aplicava-lhe injeções de insulina, arranjava cozinheiro ou copeira. Para tudo, Zé Soldado tinha uma solução prática.

Quando o marechal lhe falara sobre os terrenos, ele ficara realmente envaidecido. A profissão de corretor lhe parecia uma súbita e honrada promoção. Foi incansável nas providências iniciais de demarcação, plantas, registros, e, finalmente, ao colocar a placa, pintada com tinta negra, sentira-se um homem importante.

Na verdade, quem vendia era o marechal. Ao Zé Soldado cabia tratar com os prováveis compradores, dizer-lhes da metragem, do preço, forma de pagamentos, vantagens, elogiar o clima e tudo mais. Se o futuro comprador ainda estivesse de acordo, então Zé Soldado o levava à presença do marechal que fechava o negócio e, diga-se de passagem, sempre foi muito correto com ele e lhe deu, sem um tostão a menos, seus três por cento de praxe pelos serviços de corretagem.

A princípio, houvera certa dificuldade. Zé Soldado não entendia a razão porque custava tanto a vender e, quando vendia, custava tanto a comunicar-se com o comprador: acontecia sempre uma porção de mal-entendido. Examinou a questão sob todos os ângulos e, quando se considerou incapaz para resolvê-la, decidiu levar o problema ao Augusto Pintor, que, a seu

ver, era o único que poderia solucioná-lo. Bem no fundo, julgava existir qualquer coisa errada na placa, mas não podia determinar o que fôsse. Como Augusto era pintor, talvez pudesse pintar letras com tinta fosforescente, como aquela que havia na auto-estrada do Rio, anunciando pneus de uma grande firma americana.

Rodeou o Augusto, muito tempo, até que conseguiu pegá-lo sozinho em sua pequena casa de troncos. Depois de expor com muito tato a situação e revelar sua dúvida e a possível solução, ouviu Augusto Pintor rir às bandeiras despregadas:

— Zé Soldado, o negócio é o seguinte: vamos pôr um pouco de ordem na questão. Esse letreiro não presta.

— E' melhor do que qualquer outro por aí. Paguei cinquenta cruzeiros por êle.

— Leia, está aí. "Vende-se lotes. Tratar com José da Silva Cavalcânti, no Bar 15 de Novembro".

— E não está certo?

— Não, Zé Soldado. Isto que está aqui não existe.

— Mas como? — Zé Soldado cada vez entendia menos.

— Olhe: você não se chama José da Silva Cavalcânti, mas Zé Soldado.

— Isto é um apelido. — Zé Soldado estava começando a ofender-se. — Num negócio sério, não se usa apelido.

— Bobagem, Zé Soldado, deixe de ser acadêmico. Você é conhecido por Zé Soldado, portanto êsse é o seu nome. O nome quem dá é o povo, Zé.

— Ah! isso não! — Parecia ao Zé Soldado que renunciar ao seu nome oficial, seria diminuir a própria profissão de corretor e, por conseguinte, diminuir-se também.

— Olhe, Zé. Veja só: os maiores homens tiveram alcunhas como você. Preste atenção. Vou contar aqui nos dedos: um: Jesus, Nazareno; dois: Napoleão, o Corso; três: Ricardo, Coração de Leão; quatro: Plínio, o Moço; cinco: Plínio, o Velho; — Augusto começou a contar na outra mão, seis: Sebastião, o Venturoso; sete: D. Maria, a Louca; oito: Pedro, o Cru; nove: Sipião, o Africano; dez: José Joaquim da

Silva Xavier, o Tiradentes. Tudo papa fina, gente muito boa, "seu" Zé.

— Quer dizer que você acha que se pode fazer assim? perguntou Zé Soldado, completamente derrotado.

— Mas, claro! E agora veja êsse bar Quinze de Novembro. Que bar é êsse?

— O bar do Ferreira.

— E porque você não mandou escrever: bar do Ferreira?

— Porque o nome do bar é Quinze de Novembro.

— Mas, pelo amor de Deus, Zé! Deixa de ser acadêmico de uma vez por tôdas!

— Está bem. Você garante que não é mancada?

— Claro!

— Veja lá, hein?

— Eu garanto que vai dar certo. Agora usa a cabeça, Zé. Como é que os veranistas chamam o bar do Ferreira?

— Bar da praça.

— E quem é que poderia comprar êsses terrenos?

— Os veranistas.

— Então! Está na cara! Bota aí: "Vende-se lotes. Tratar com Zé Soldado no bar da Praça".

— E'. Assim ninguém vai se enganar mais — rendeu-se o soldado. Parecia tão simples agora!

— Evidente. Você complica as coisas.

— Mas ficava mais bonito.

— Que mais bonito! Dá aqui, que eu pinto num instantinho.

Augusto pintou e Zé, ainda desconfiado, colocou a placa no loteamento. Só deixou de se envergonhar da taboleta e olhá-la de lado, quando viu que os equívocos cessaram e vendia com relativa facilidade os lotes.

Augusto era mesmo um sujeito fabuloso! Estranho, é certo, misterioso, mas boa praça. Isto não era só o Zé Soldado quem achava, mas todo mundo. Chamavam-no de Pintor para não confundir-lo com o Augusto da Farmácia, também muito conhecido.

O pintor era um homem alto, já começando a engordar, com um rosto meio indiático e bigodes negros, caídos nos can-

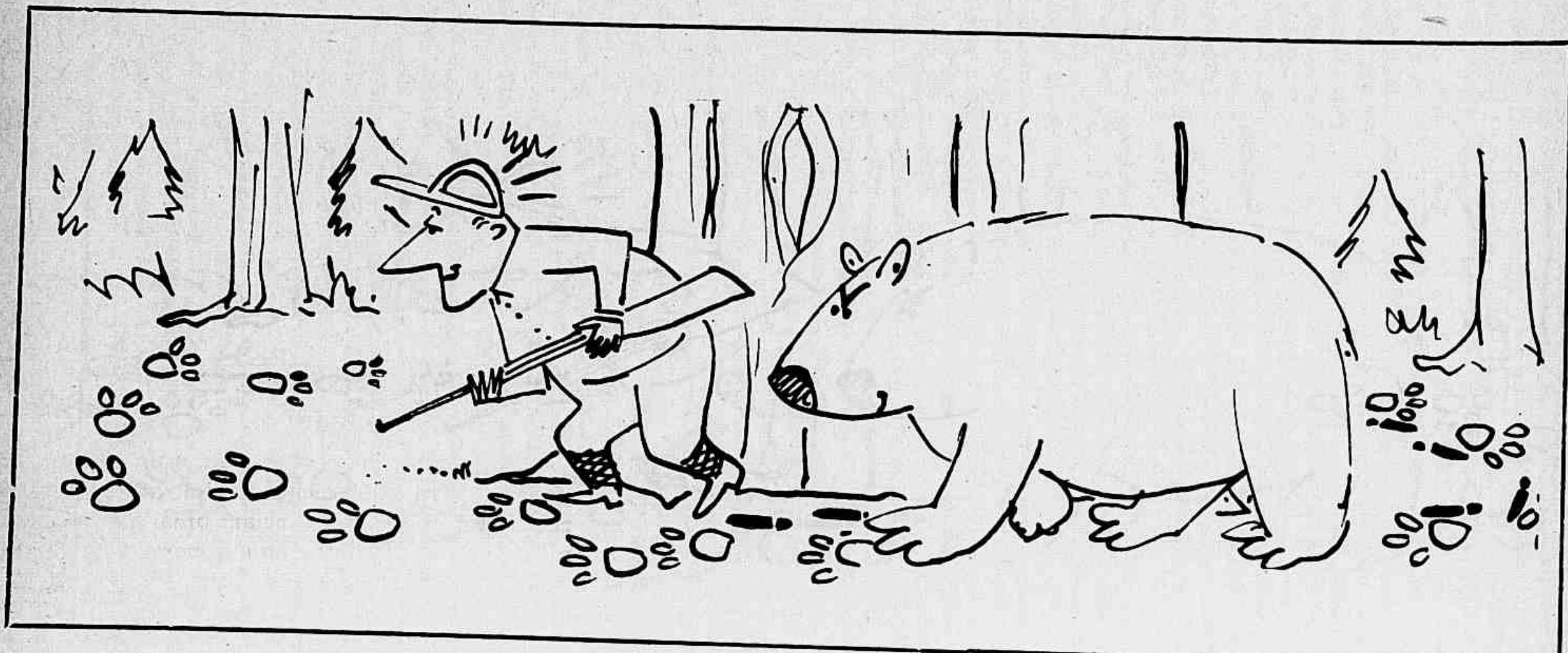
tos da boca. Aparecia e desaparecia, sem avisar a ninguém. Com êle não havia essa coisa de inverno e verão. Passava ali meses inteiros no inverno, sumia durante o verão, voltava no outro inverno, e quando pensaram que êle não gostasse da cidade no verão, aparecera em dezembro e só fôra embora em março. Vivia numa pequena casa de madeira pré-fabricada, na encosta de uma montanha. Nas noites em que bebia mais do que seria razoável, era um milagre que conseguisse subir aquela ladeira e chegar à casa. Bem diz o povo que Deus protege os bêbados e as crianças, porque o declive escorregava como sabão e nem estrada havia. Êle costumava subir morro acima por um caminho em linha reta, aberto pelas próprias botas e que chegava a sua casa através de lotes comprados e abandonados à espera de valorização. Na cabana, de vinte e cinco metros quadrados, havia uma sala, um quarto, um banheiro, e uma pequena cozinha e todos os que a haviam visitado mostravam-se unânimes em afirmar que era inacreditável que Augusto pudesse viver ali. Sabiam que a cabana não lhe pertencia. Êle havia explicado isso vagamente. Pertencia a um amigo que mudara de idéia e lhe dera autorização para usá-la.

A princípio, haviam custado a aceitar Augusto. Começaram por chamá-lo de doutor Augusto, depois de "seu" Augusto. Mas o homem era de cerimônia, jogava bem, falava bem, fazia até discursos, servia-se êle próprio da cachaça por trás do balcão, ia à cozinha destampar as panelas para ver a comida e não houve mesmo jeito se não acabar por chamá-lo de você, de tu, de Augusto Pintor.

Mas primeiro, êle passara por certas provas. Logo descobriram que não era rico, o que já facilitara as coisas. Em seguida, viram que tratava todo mundo de igual para igual, tanto veranista quanto o povo da terra.

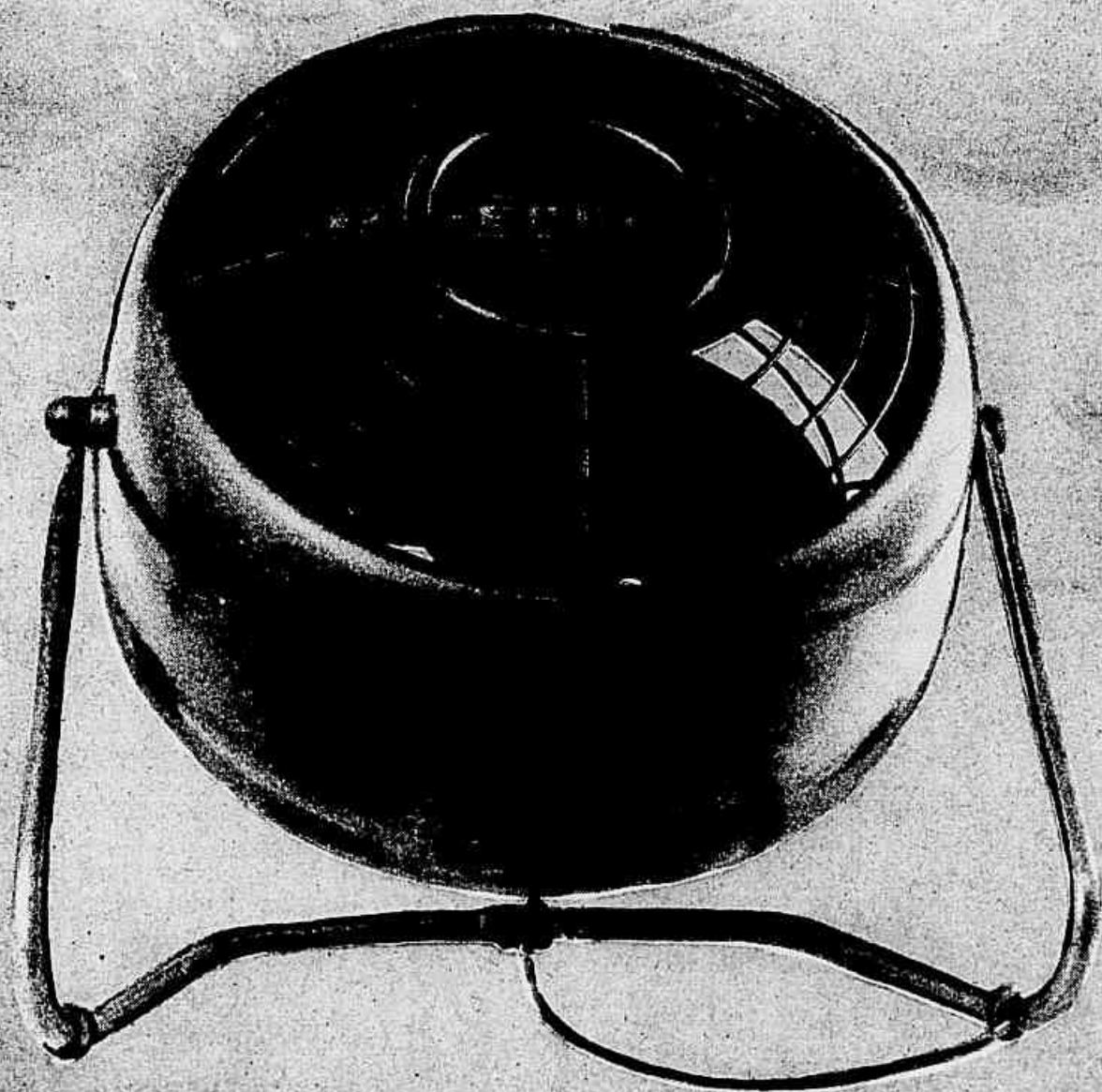
Mas o que realmente fêz com que Augusto se tornasse um dêles foi sua maneira de partilhar dos problemas da ci-

(Cont. na página 20)



DE VENTO EM PÔPA

O calor me disse Adeus!
Alegria de viver!
Meu serviço rende mais!
Eu trabalho com prazer!



Circulador de ar



11" de hélice e 14" de corpo
Maior expansão de ar
Refresca ambientes até 25 mts²

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones 35-8531 e 33-1724

Em frente a Biblioteca Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416

JOMAR PROPAGANDA LTDA.

(Continuação)

dade. O seu primeiro discurso tinha sido quando levaram ao prefeito o projeto de reforma da praça. Saiu-se tão bem, que daí em diante sempre fazia os discursos, quando era preciso. E se falava bem, escrevia melhor. Cabeçalho de listas, reclamações no jornal, cartas importantes, para tudo recorriam a êle. Aniversários, casamentos, inaugurações, lá estava Augusto fazendo discursos, com ar de quem estivesse se divertindo a valer.

Houve um tempo em que andara amigado com Maria da Serra. Mas durara pouco. O suficiente para êle pintar-lhe o retrato e ela dar um pouco de ordem na sujeira da sua cabana. Mas só o fato de ter dormido com a única prostituta oficial do lugar e que já servira a todos os outros, acabara de nivelá-lo.

Sempre havia alguém que comentava. Desconfiavam dêle. Bebia de mais como se quisesse esquecer alguma coisa. Do mistério que o envolvia. Da origem do dinheiro que arranjara para viver, porque nunca acreditaram que a venda dos seus quadros desse para isso. Das suas reticências sempre que queriam entrar na sua vida particular. Mas Bom Cabelo dizia e garantia que o mal dêle era "dor de cotovêlo" e da braba. E a maioria concordava com Bom Cabelo.

x x x

Para chegar à cidade, quem vinha do Rio pela Baixada Fluminense, passava por três localidades: a Raiz da Serra, a Serra e o Alto da Serra. Maria era da Serra. Andou dando um mau passo por lá e a família, gente humilde, mas conceituada, a expulsara. Maria, muito moça ainda nessa ocasião, ficou desamparada e a única providência que tomou para defender-se da fúria da família fôra fugir para o Alto da Serra. Era uma mulata quase negra, bem bonita e, nessas condições, desorientada como estava, seria difícil escapar à prostituição).

Nos primeiros tempos, Maria andou se entregando ao desespero e caíra em excessos. Mas, com o passar do tempo, retomara o equilíbrio e a formação que tivera dera-lhe afinal o bom senso, a ordem e a limpeza que hoje tinha. Dizia-se que muita gente boa já dormira com ela, mas, como não fizesse nenhum segredo de sua profissão, vivia como uma marginal. Agora, já estava um pouco gorda, contudo seu rosto ainda era bonito e tranqüilo. Apesar de sexualmente atraente, não tinha aspecto lascivo, mas o de um animal sadio que segregasse seus hormônios sem usura.

A casa de Maria da Serra era de taipa, coberta de sapé e de chão batido. E o que ela fazia em condições tão precárias, constituía um milagre de ordem e limpeza.

Maria tinha uma filosofia, adquirida através de amargas experiências. Sabia, por exemplo, os lugares que lhe eram vedados, não parecendo sofrer com isso. Marcava hora para receber sua clientela e nunca teve em casa qualquer briga. As

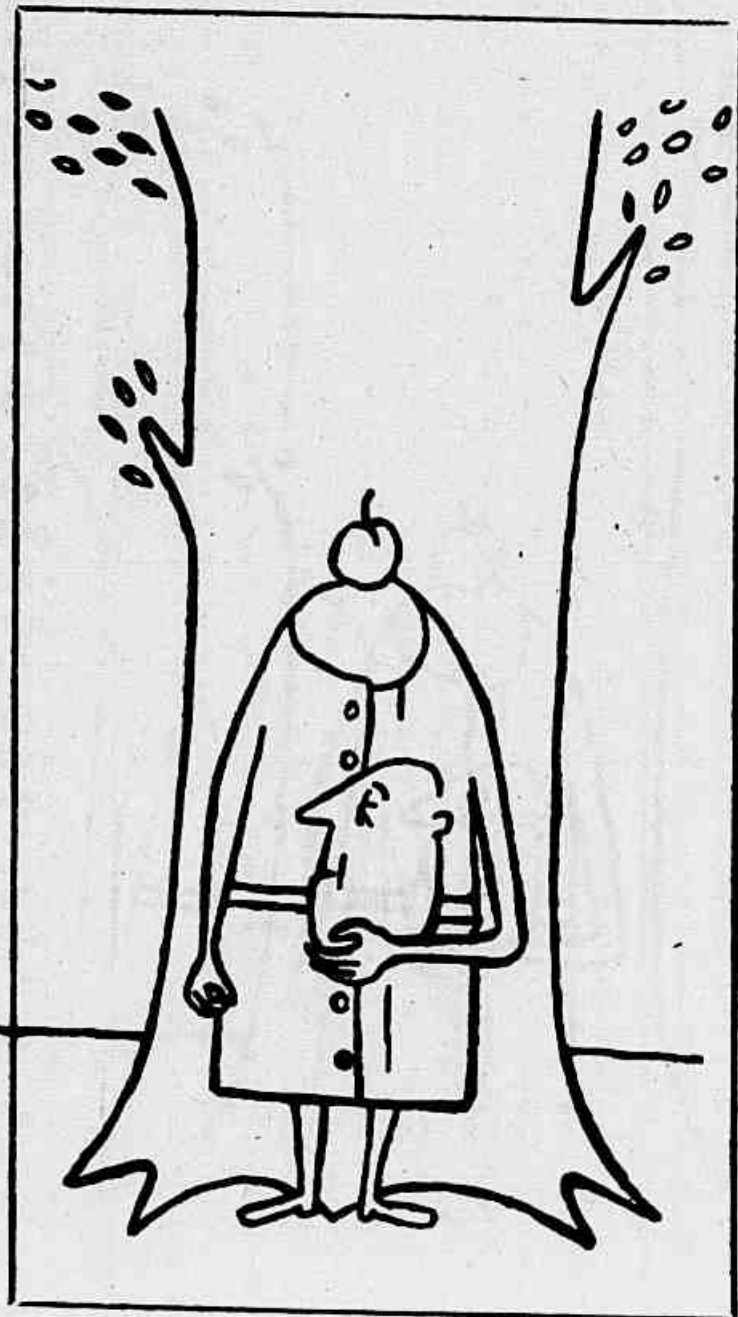
brigas ocorriam na rua. As vezes, independente de sua vontade, dois homens se atracavam por sua causa. Nessas ocasiões, a polícia a prendia. Já fôra prêsia muitas vezes e nunca se rebelara. Fazia também parte de sua filosofia não brigar com a polícia. Seria inútil. Depois, sabia que a prendiam, porque do contrário qualquer borra-botas poderia criticar a polícia por não tomar atitude para restabelecer a ordem pública. E sabia também que a prendiam, porque vinha soldado por soldado à sua cela servir-se dela, de graça, já que em casa ela cobrava caro. Vinham os seis soldados, o cabo e, certa vez, aparecera até o escrevente. Zé Soldado nunca perdia essas oportunidades. Além dos recados que o marechal mandava ao delegado, que era seu amigo e comensal, essas eram as únicas ocasiões em que o viam na delegacia. Quando se divertiam com êle por causa disso, desculpava-se, filosofando:

— Ora, amiga de soldado de polícia é mulher da vida mesmo.

x x x

Abel aprendeu a ir à estação e, com o tempo, gostou. O trem apitava e entrava na estação, tocando o sino. Os vagões vinham iluminados. Gente saltava apressada, sorrindo, carregando malas, distribuindo beijos e abraços. Abel olhava encantado todo aquele movimento. Depois, o jornaleiro lhe entregava o jornal do "seu" Ferreira e o comissário, que levava e trazia encomendas, passou a confiar-lhe não só as encomendas de "seu" Ferreira, como as endereçadas ao bar, onde os donos as iriam buscar mais tarde.

Abel estava inteiramente compenetrado dessas novas funções. Era o primeiro a chegar à estação e jamais faltou um dia, exceto quando andava sumido com os seus ataques.



MARIUS

Tanto o seu dever de rachar lenha — sempre foi necessário mandá-lo parar para que êle não rachasse demais — quanto a nova obrigação de buscar encomendas e jornais na estação êle os cumpria com um senso de responsabilidade exagerada. Orgulhava-se de estar fazendo alguma coisa de útil.

Maria da Serra gostava de ir ao Rio. Pelo menos uma vez por mês, descia. Já lhe haviam aconselhado morar definitivamente no Rio onde poderia ter uma clientela muito maior e melhor. Maria, porém, permanecia fiel à sua cidadezinha. Gostava de ir ao Rio apenas para fazer compras. Descia pelo trem da manhã e voltava pelo da noite e, durante o intervalo, percorria as ruas, vendo as vitrinas e comprando coisas.

Uma noite, Maria voltava de uma dessas excursões. Embora econômica, uma despesa fazia sempre: entregava os embrulhos a um carregador e passava triunfante pelo corredor formado pelas pessoas que assistiam ao desembarque dos passageiros. Em seguida, tomava uma charrete, porque o preço da corrida era a metade do táxi e, do lado de fora, sem ninguém a observá-la, seria uma bobagem não aproveitar a diferença.

Nessa noite, Maria da Serra não achou um carregador e, vendo Abel, que não conhecia porque não freqüentava o bar da praça, pensou que estivesse ali tentando apanhar algum carreto e ganhar uns trocados. Mandou, com voz doce, que êle lhe segurasse os embrulhos e a seguisse. Abel não hesitou um instante: obedeceu, como fazia sempre, com a maior disposição. Imediatamente, segurou os embrulhos e seguiu Maria. Mas seu equilíbrio era realmente muito precário. A perna esquerda cada vez se tornava menos articulada e carregar aqueles embrulhos era extremamente difícil para êle. Quando os dois atravessaram o "hall" da estação entre duas alas de curiosos, ouviram-se palmas, risos e pilhérias.

Abel, por mais que se esforçasse, não conseguia andar em linha reta e cambaleava como um bêbado. Finalmente, quando, colocou os embrulhos na charrete e Maria da Serra, vagamente humilhada, estendeu-lhe uma cédula de cinco cruzeiros. Abel recusou-a. Insistiu e êle tornou a recusar, sacudindo a cabeça com veemência. Maria olhava-o, surpreendida.

O charreteiro explicou-lhe, então, ao ouvido, de quem se tratava. Maria sorriu com seu melhor sorriso e disse-lhe:

— Muito obrigada, amigo.

Abel iluminou-se. Deu dois passos para trás, sempre cambaleando, e levantando o braço, abriu e fechou a boca várias vezes até conseguir dizer:

— A paz seja convosco!

A charrete arrancou. Maria levava nos ouvidos a saudação do idiota. Sentiu um arrepiamento pelo corpo que atribuiu à friagem e abrigando-se melhor no grande casaco grená que havia comprado, naquela mesma tarde, foi até à casa muito pensativa.

O CAVIAR QUER SABER SE SERÁ BEM RECEBIDO

IMPORTADORES ESTÃO pesquisando o mercado de gêneros alimentícios para fazerem grandes importações de caviar. O caviar está custando atualmente 5.200 cruzeiros o quilo. A pesquisa consiste em saber se o produto conseguirá alcançar uma venda que determine uma queda de pelo menos 60% do preço atual. Programa-se uma campanha de difusão do caviar, através das suas diversas formas de ser preparado e servido. Também estão procurando saber se o varejista receberá sem prevenções, o produto e se ele está decidido a inverter capital com a chegada do artigo. Se os resultados forem favoráveis brevemente, teremos caviar em tôdas as casas.

O ARROZ ESTÁ SEGUINDO um ritmo muito forte de alta de preços. Até março teremos de suportar com abnegação, pois compraremos até por trinta cruzeiros o quilo. Falamos trinta para as casas que vendem mais barato, não os exploradores que em qualquer época vendem o artigo por este valor. Assim, é aconselhável fazer-se estoque para janeiro e fevereiro, pois a economia é grande. O arroz, guardado em local seco e fresco, conserva-se por tempo indeterminado. Deve-se entretanto colocá-lo dentro de recipientes, de preferência latas, para evitar a penetração de purgões

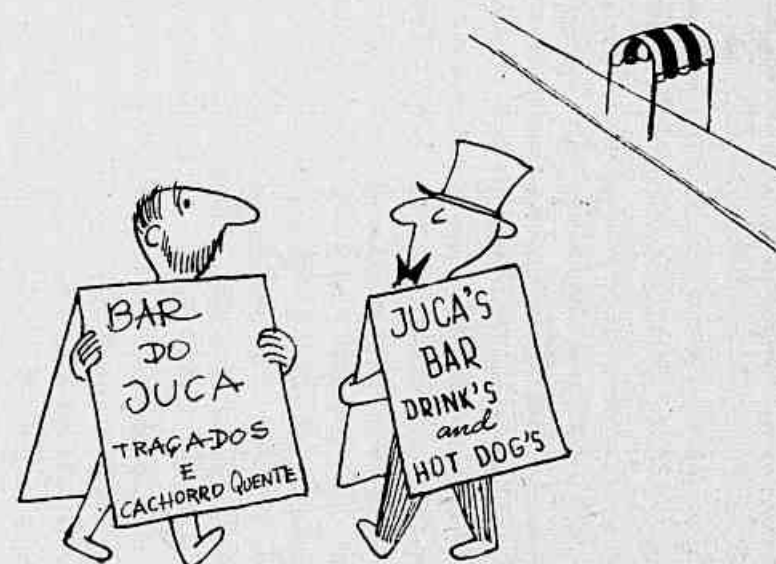
**VELHO É
QUE É BOM
(ARROZ)**

**TEMPO
DE FRUTA**

**NATAL
DE WHISKY**

**AGORA,
ÁS CASTANHAS**

e outros bichinhos comuns a esta espécie de mercadoria. Antes de guardá-lo, porém, deve-se fazer uma catação para evitar corpos prejudiciais e insetos de fácil proliferação. O arroz é diferente do feijão. Este quanto mais novo mais saboroso e de melhor cosedura, o outro



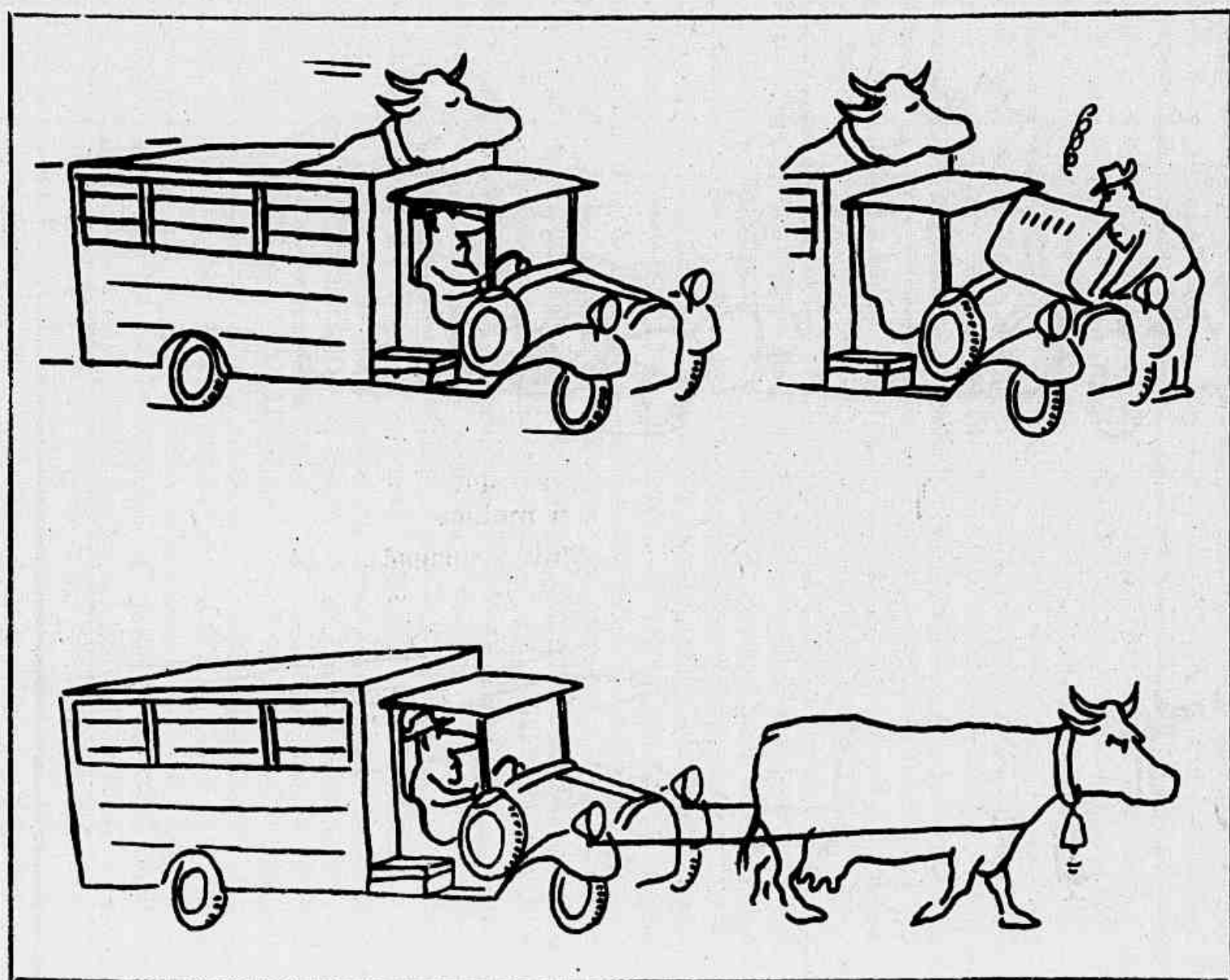
quanto mais velho mais saboroso e mais solto fica, depois de preparado.

ESTAMOS EM PLENA ÉPOCA de boas frutas: muita uva, bastante abacaxis, mangas, abacate, ameixas, cerejas, figos, etc. A uva é a que está mais em evidência. A nacional, embora seja qualquer coisa de azeda, compensa pelo seu preço, de apenas 30 cruzeiros. E ainda vai baixar mais.

VENDEU-SE MAIS BEBIDAS este ano, durante as festas, que todos os outros artigos reunidos. A zona sul, maior consumidora de bebidas alcoólicas do Distrito Federal, gastou bem. Pagou caro, principalmente pelo whisky. Os navios que deviam atracar com os carregamentos não chegaram a tempo. Somente um ou outro importador teve a sorte, daí ter o produto alcançado preços excelentes. Aquêles que receberam as suas importações, agora, terão de torrâ-las com pequenos lucros, como aliás já estão fazendo, ou retê-las até uma nova alta.

DEPOIS DE TANTA especulação e jogo de preços, hoje compra-se castanhas portuguesas a 20 cruzeiros o quilo. Poucos foram os comerciantes que não ficaram com estoque de no mínimo dois sacos, quantidade bastante grande nessa espécie de mercadoria. Quando o fim de ano vai se aproximando, todos os varejistas ficam de olho nas castanhas, para ganharem rios de dinheiro. No fim das contas sempre saem perdendo, pois jamais deixa de existir o encalhe. O resultado é a concorrência de preços depois do Natal. Uns com castanhas a 40 cruzeiros, outros a 35 cruzeiros, e até por 20 cruzeiros compra-se o produto. O artigo não tem longa vida fora da geladeira, isto é, do frio, e como uma armazenagem durante um ano nos frigoríficos custa o dôbro do preço do produto, todos preferem jogá-lo fora.

Este Natal foi realmente interessante: lançou-se um boato de que ia haver uma baixa nos preços, no atacado. Houve uma corrida para vender. Cada um oferecia mais barato os seus estoques. Entretanto não havia compradores, pois estes aguardavam maiores baixas. Surgiu no entanto um esperto, espalhando uma suposta alta. Começaram a subir os valores e as compras se fizeram violentamente. Conclusão: O atacadista se desfez do que tinha e o retalhista ficou com o prejuízo.



BOSC

NO ESPAÇO

DEUS
QUE



OS GOSTA DOS HOMENS E SOLTAM LUAZINHAS

PERGUNTA

Já se realizaram 8 Congressos Internacionais de Astronáutica. Como vê o Santo Padre êsses certames?

RESPOSTA

O 7.º Congresso Internacional de Astronáutica realizou-se em 1956, em Roma. Com a sua larga visão do homem e do mundo, não podia o Santo Padre Pio XII deixar passar religiosamente despercebido êsse Congresso realizado na Cidade Eterna. Sua atitude não foi de simples formalismo, mas traduziu aprovação, entusiasmo e incentivo. Eis as palavras com que fez acompanhar a Bênção Apostólica dada, naquela ocasião, aos congressistas: "O homem tem de tomar nova posição perante Deus e o seu Universo. Quando o Criador destinou o homem para a conquista da terra, nesta conquista também incluiu, sem qualquer dúvida, todo o cosmos. Vossos esforços não só são legítimos como dignos de todo louvor".

Inspirando-se nessas palavras foi que, certamente, pôde dizer D. Helder, em declarações à imprensa quando de sua recente volta de Roma, onde se achava ao ser lançado o 1.º Sputnik: "Todos os nossos esquemas mentais terão de ser alterados; vivemos um século mais decisivo para a humanidade que os dos grandes descobrimentos".

PERGUNTA

Não se esperava que S.S. fizesse declarações, em sua mensagem de Natal, sobre a conquista do espaço?

RESPOSTA

Sim, porquanto o Santo Padre, nessas mensagens de todo ano, sempre aborda os mais notáveis acontecimentos mun-

diais. Mas se Pio XII nada disse expressamente sobre tal conquista, não deixou de fazer alusão a ela, de maneira implícita, ao recomendar que as nações devem alimentar rivalidades entre si, como fomentadoras de guerras. Não sendo possível à Igrejas, dadas as novas circunstâncias históricas que hoje imperam no mundo, traçar escala astronômica, novo meridiano das Tordesilhas para dividir os astros entre as grandes potências da terra, apelou, para a boa vontade dos governantes a fim de que cheguem, êles próprios, a entendimentos pacíficos no que concerne à corrida aos astros. E' êsse, sem dúvida, o velado sentido do seu veemente apêlo.

PERGUNTA

Muitas pessoas religiosas acham que a conquista dos astros é um desafio a Deus e que o homem deveria contentar-se com a terra para a qual foi feito. Que dizer a isso?

RESPOSTA

A bênção do Santo Padre ao 7.º C. I. A. implica numa resposta a essa pergunta. Mas façamos uma comparação, deveras convincente. Se o filho de um engenheiro de estrada de ferro construísse um trezinho elétrico de brinquedo e o pusesse a funcionar, tal qual o pai com um trem de verdade, que experimentaria o engenheiro, ao ver o trem de brinquedo do filho movendo-se perfeitamente e dentro dos mesmos princípios do trem verdadeiro? Só poderia sentir grande satisfação ao ver-se espelhado no filho. Pois outro tanto é o que acontece com Deus, ao ver o homem, seu filho, colocar numa órbita um satélite artificial, obedecendo às mesmas leis dos satélites naturais por Ele criados. O homem, ao orbitar um satélite de sua fabricação, está "brincando de lua" e, com isso, dando contentamento ao Pai, que criou as luas naturais e que ao fazer o mundo, conforme diz a Sagrada Escritura, também "brincou": *ludens in orbe terrarum* (Prov. 8, 31).

Não é, portanto, desafio a Deus procurar conquistar os astros; é, pelo contrário, tornar-se mais semelhante a Deus, a cuja imagem foi o homem feito.



FASTIO AMANHÃ



GULA HOJE

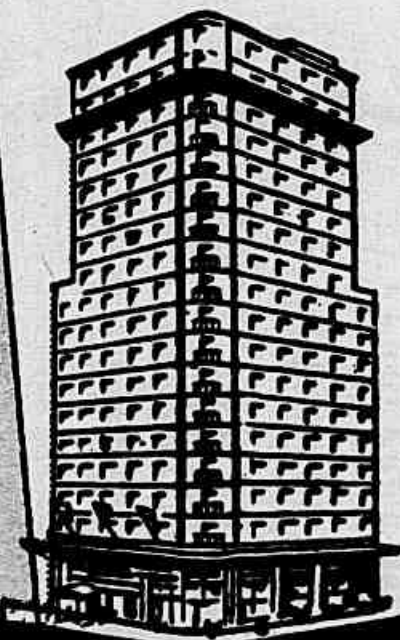
Para que tal não aconteça VENTRE-LIVRE deverá estar presente. VENTRE-LIVRE é o grande amigo da meninada, tendo já se tornado convidado obrigatório nas festinhas infantís dentro de muitos e muitos lares! As mães experientes não se descuidam, com efeito. Elas recorrem sempre a este valioso remédio, de gosto agradável, cuja ação segura previne e corrige as indigestões e a prisão de ventre, aliviando logo os penosos sintomas dos distúrbios gástricos, que tão facilmente podem diminuir o brilho alegre dos olhos das crianças.

Não esquecer nunca:

VENTRE-LIVRE não é purgante.

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



Enderêço permanente dos mais ilustres visitantes

Restaurante com ar condicionado. Bar com atrações tôdas as noites. Jantar dançante aos domingos.

Serviço de restaurante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO

PERGUNTA

Indagam outras pessoas: até que ponto será lícito ao homem avançar na técnica e dominar as forças da natureza?

RESPOSTA

Não é possível impor limites à capacidade da inteligência humana e traçar uma fronteira à técnica do homem. Se Deus o fez para que dominasse a natureza e para isso o dotou da necessária capacidade intelectual, só a Deus compete dizer basta ao homem. O que parece, aliás, ser uma libertação do próprio Deus, sobrapondo-se o homem às forças da natureza, é, pelo contrário, uma maior glorificação do Criador. Não fez Deus o homem sábio, impassível e imortal? Se, pelo pecado, perdeu ele essas prerrogativas preternaturais, é do plano divino que as reconquiste pelo seu próprio esforço, até certo ponto, pois a recuperação desses dons só será integral com a ressurreição da carne, conforme ensina, a Igreja. Mas aos poucos, pela evolução, marcha o homem no encalço dos dons perdidos: cada avanço da técnica é mais um passo nesse sentido. Aí está a medicina a dominar, cada dia mais, as doenças, a fim de prolongar a vida e torná-la saudável; os conhecimentos humanos valendo, hoje, quase por uma infusão de sabedoria; as comunicações radiotelegráficas e radiofônicas, tornando o homem presente em toda parte; a anestesia dominando a dor quase que em absoluto; e se a morte não foi nem parece será dominada, entretanto o prolongamento da vida até centenas de anos será uma realidade com a conquista da velocidade fotônica. A verdade é que o homem, pelo seu esforço, recupera, dia a dia, um pouco mais dos dons perdidos, até que a ressurreição da carne complete a obra e torne o homem qual era ao ser criado por Deus: dotado de ciência infusa, impassível e imortal. Em conclusão: não se opõe a técnica ao destino sobrenatural do homem, mas este só a deve empregar em seu proveito moral. Só uma técnica é má: a que se divorcia da moral, a que não é empregada para o aperfeiçoamento da espécie. Em si mesma, nada tem a técnica de condenável e está na linha da própria libertação do homem das consequências do pecado. Não é diverso o ensinamento de S. Paulo aos Romanos (8, 22 e 23): "Não só as criaturas gemem e estão em trabalho de parto; nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos dentro de nós mesmos, esperando a libertação do nosso corpo". Ora, não dá a técnica sua contribuição para a realização dessa esperança?

PERGUNTA

Há "barreiras religiosas" a vencer, face à pluralidade dos mundos habitados?

RESPOSTA

Sim, será preciso fazer uma adaptação aos dogmas cristãos, revelados que foram na presunção de só a terra ser habitada. Mal tal trabalho de natureza teológica já vem sendo feito, tanto na Europa como na América. Teólogos como Schmaus e Staab, na Universidade Católica de Munich e como Grasso, da Universidade Gregoriana e ainda como O'Connel, da Universidade Católica de Wasghinton, para só citar teólogos católicos, estão atacando, com descortínio e segurança "as barreiras religiosas", conseqüente à nova concepção do Universo da qual falou Pio XII.

No Brasil há também teólogos interessados na matéria. De nossa parte enviamos modesta contribuição à REB (Revista Eclesiástica Brasileira), estudando "O Homem cósmico e a fé cristã", trabalho em que divulgamos o estado atual da questão e procuramos equacionar, quanto nos é possível, o problema teológico da habitabilidade dos astros.

TODOS MORAM EM ARUANDA

AS CRÔNICAS de Eneida que compõem o livro "Aruanda", ora lançado por José Olympio (1), tôdas versam sobre as próprias reminiscências da autora, da infância à atualidade. Só por êsse motivo, já se poderia estabelecer uma diferença entre elas, e as crônicas de um Rubem Braga, por exemplo: "Aruanda" é um livro de memórias, de memórias esparsas em capítulos, cada um sendo uma crônica.

DO GÊNERO — Onde e quando terá nascido a crônica? Não se sabe bem, mas o certo é que, tal como a entendemos, é gênero recente: no Brasil é de 1900 que data. E nesse breve espaço de tempo, já contamos com muitos e bons cronistas.

O fastígio da crônica acompanha o desenvolvimento de nossos jornais; e hoje em dia é tão indispensável o cronista, num grande diário, como (quem sabe?) o comentarista esportivo: um e outro se dirigem a um grande público, com o qual comungam. Mas, perguntamos: será a crônica gênero literário puro, ou participa, por suas próprias características, da natureza do jornalismo? E o que é mais: escrita para viver um curto tempo — o suficiente para comemorar o evento que celebra —, feita para brilhar nas páginas do jornal e ter, depois, o destino que têm os jornais passados, não será uma espécie de traição ao espírito da crônica êsse recolhimento ao livro, ora tão em uso?

A primeira questão, diremos que a crônica é algo a meio caminho entre o jornalismo e a literatura: do primeiro, tem que ter a atualidade, a concisão, a simplicidade; e atinge, por vêzes, a condição de literatura, isso variando com a maior ou menor habilidade e arte de quem a escreve. Quanto à segunda pergunta, quer-nos parecer que já está contida na resposta à primeira a sua solução: pois é claro que, sempre que uma crônica, ultrapassando os puros limites do registro ou da glosa, alcança nível artístico, colocando-se em determinado plano estético, poderá subsistir por si mesma, merecendo as páginas do livro. No caso particular de "Aruanda", acreditamos que se justifica plenamente a publicação, em volume, das 18 crônicas que o compõem.

QUEM É ENEIDA? — A Livraria José Olympio vem, de tempos para cá, adotando um sistema que capacita o leitor de tomar contato com o autor que irá ler, de modo mais íntimo e completo: publica uma pequena tábua biográfica de cada

escritor que edita, tanto quanto possível completa. E é por essa indicação biográfica que precede as crônicas de "Aruanda" que o leitor fica sabendo vários detalhes sobre a vida de Eneida, Eneida de Moraes, nascida no Pará, na capital, de mãe natural da Bahia, e pai comandante de navios da "Amazon River", rico, graças ao Eldorado da borracha, que em princípios do século floresceu na Amazônia, para logo depois desaparecer envolto em melancolia. Aos 4 anos, ela já sabia ler — graças, sobretudo, aos desvelos da mãe interessada nos livros, "muito entendida em Bakunin e Kropotkin" — afirma a própria cronista, em "Seu Lima" (página 37) —; e desde então até hoje, Eneida não largou mais os livros.

Menina, veio a futura escritora para o Rio, como interna no Sion de Petrópolis, e ao regressar a Belém, perde, com quinze anos, a mãe e amiga mais velha: golpe terrível, de que ainda não se refez, como se pode deduzir da leitura da crônica, ou capítulo, "Amiga, Companheira" (página 29). Desaparecida a mãe, a menina-moça de 16 anos entra em choque com o temperamento paterno, e ei-la, logo depois, a requerer ao Juiz de Menores de Belém u'a maioridade logo indeferida... Enve-



reda a seguir, e tão só para, mediante o diploma, escapar ao jugo paterno, pela carreira odontológica (quem já imaginou uma Eneida dentista?); forma-se e logo após casa-se; dois filhos; o desquite; o primeiro livro, "Terra Verde"; o Rio, em 1930; o encontro com Marx, a instabilidade financeira, a prisão; a aventura européia, em 1949-1951 (Eneida partiu com 4 dólares no bolso); as crônicas para o "Diário de Notícias", a partir de 1951; o

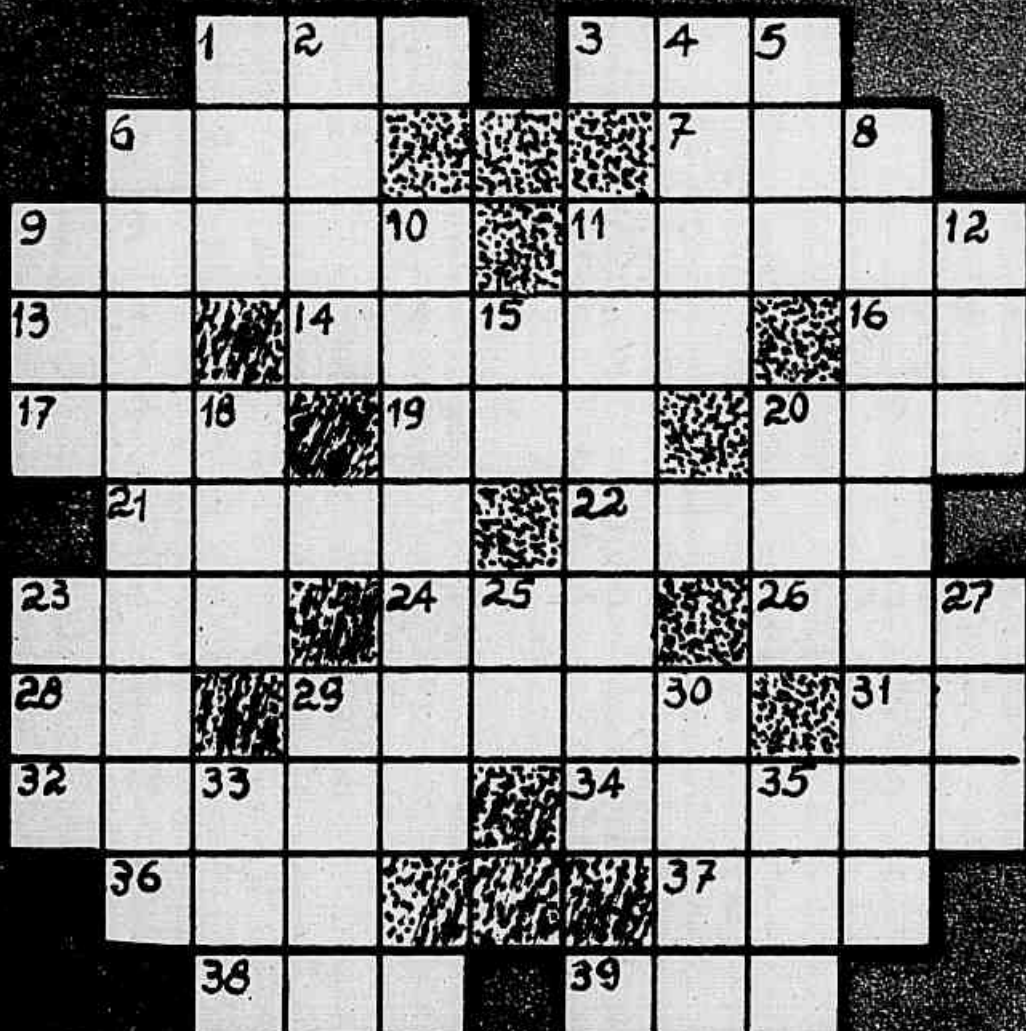
"Cão da Madrugada", em 1954; afinal, êsse "Aruanda", que passamos a comentar.

SOBRE "ARUANDA" — Eneida conseguiu escrever um livro cheio de emoção, para isso retornando ao país de "sonhos, ambições e desejos" que se chama Aruanda (de Luanda, capital de Angola, na corruptela dos negros minados de nostalgia): Aruanda é, para Eneida, o mesmo que Pasárgada representa para Manuel Bandeira; só que a cronista optou, para a localização da terra de seus sonhos, pelo coração da África — nisso estando bem mais perto da realidade psicológica (quando não étnica igualmente) do brasileiro —, enquanto que Bandeira preferiria escapar para o planalto persa, de onde vieram os Arias em sucessivas levadas, que inundaram a Europa...

Veja-se a explicação da própria autora, para o porque dêse seu amor ao vocábulo "Aruanda": "Era apenas uma palavra, mas trazia um cheiro violento de terra e de liberdade, gosto de fruta madura, uma palavra apenas, porém usando paladar e olfato". Bela frase, em verdade, e que nos dá muito do que seja não só o estilo, como a própria essência da arte de Eneida, em quem som, olfato e paladar combinam-se às maravilhas (exemplo marcante, a crônica "Banho de Cheiro", à página 42).

Geralmente, Eneida dota seus parágrafos de frases de misturados ritmos, sem escolher palavras, sem grandes preocupações formais ou estilísticas. Por isso mesmo, tudo quanto lhe sai da pena é espontâneo — mas é também por isso que algumas incorreções conseguem, vez por outra, empanar-lhe os escritos; incorreções de fundo gramatical (em verdade ínfimas), de pontuação sobretudo. Eneida não elabora crônicas como quem confeita um doce: deixa-as se desenrolarem, naturalmente, sem violência. Daí, decerto, a facilidade com que pode ser lida e compreendida cada linha, cada página de "Aruanda": Eneida quer, e consegue, a comunicação com seu público.

E de que fala a escritora, nos dezoito capítulos de seu livro? De uma promessa velha, feita pela avó, de que só se vestiria, até aos 15 anos, de azul e branco; dos personagens populares que povoaram sua meninice — a Laurista, a "Burra Cega", o capenga ("Tôda mulher tem papo..."), sobretudo a figura trágica de Arantes, devorada eternamente por uma angústia terrível; das árvores que marginavam a



PROBLEMA N.º 15 — PARA VETERANOS

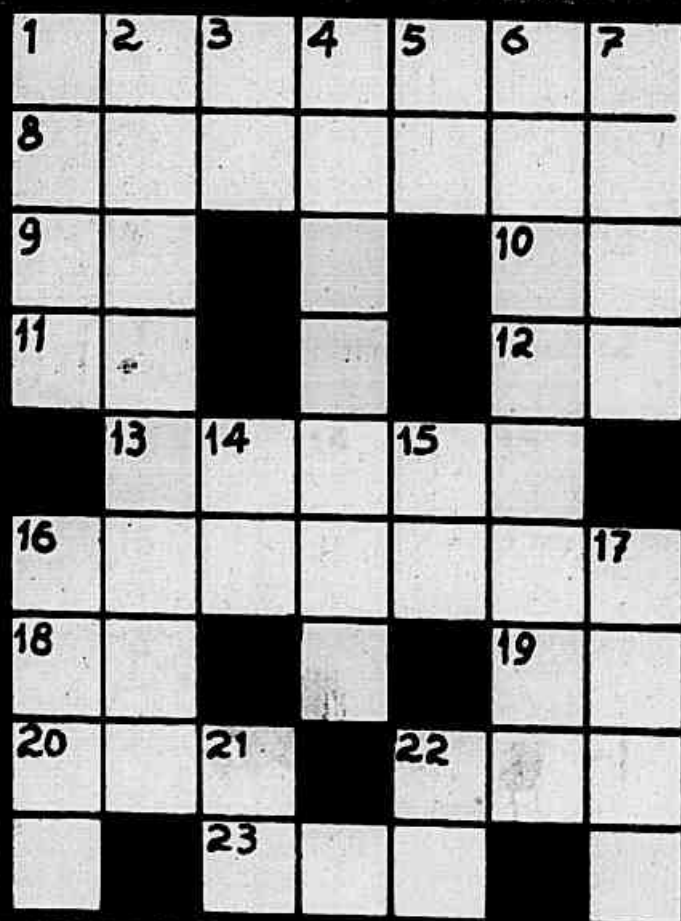
HORIZONTAIS: — 1. Bebida das Índias Orientais — 3. Imensidão. — 6. O vencimento diário de um soldado — 7. Cidade de que fala o Velho Testamento, provavelmente na Etiópia — 9. Espécie de biscoito — 11. Aparelho de pesca — 13. Segundo — 14. Doido — 16. Moeda chinesa de cobre ou estanho — 17. Pimenta da Guiné — 19. Constelação austral perto do Escorpião — 20. Patroa — 21. Cidade da Argélia — 22. Instrumento com que se marcam ângulos no terreno — 23. Única no gênero ou na espécie — 24. Zás-trás — 26. Nome próprio feminino — 28. A genie — 29. Pano com que se cobre a sela do cavalo — 31. Chefe — 32. Estante — 34. Pano branco e fino de algodão — 36. Escudeiro — 37. Medida javanesa de extensão, equivalente a um quilômetro — 38. Cotio — 39. Mealheiro.

VERTICAIS: — 1. Nome de homem — 2. Alimento — 4. Mordaz — 5. Baile aristocrático — 6. Amóricos — 8. Variedade de figueira algarvia — 9. Laguna — 10. Lengalenga — 11. Fio com que se cosem as malhas da rede ou tarrafa — 12. Sinhá — 15. Brisa — 18. Cana — 20. Peia — 23. Veste — 25. O mais — 27. Om — 29. Homem dinheiroso (pl.) — 30. Trôpego — 33. Mangou — 35. Arrás.

PROBLEMA N.º 16 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Apossaram-se; beberam — 8. O Novo Continente — 9. Estudai — 10. Andar — 11. Artigo masculino plural — 12. Concede — 13. Hora de descanso, depois do almoço — 16. Carregara — 18. Interjeição de espanto — 19. Brisa — 20. Membro de ave — 22. Senhor — 23. Monarca.

VERTICAIS: — 1. Caule — 2. Lacunas. — 3. Variação do pronome eu — 4. Pessoa que faz profissão de uma arte — 5. Escarnece — 6. Tornaram ácido — 7. Mamífero roedor da América — 14. Símbolo químico do érbio — 15. Basta! — 16. Bico de verruma (pl.) — 17. Argolas — 21. Atmosfera — 22. Nesse lugar.



rua em que nasceu; da mãe, desaparecida aos 35 anos, amiga e companheira; de seu Lima, alto e magro, pobre diabo sempre concordando com opiniões alheias; do São João em Belém, com seu banho de cheiro e suas frutas selvagens; da Revolução de 1930, que não foi a sua; de pés e de mãos anônimas; de relógios partidos no estrangeiro; de domingos vividos na solidão (já não dizia Sá-Carneiro: "Porque um domingo é família, — é bem-estar, é singeleza, — e os que olham a beleza — não têm bem-estar nem família"?); dos meninos de Rosa, do noivo de Beatriz ou do marido de Nitinha — companheiras de prisão; de Clócló com seus seios grandes, boa e simpática Clócló; de um grande e bom amigo ("Se é dever dos cronistas fugir de assuntos pessoais, para só tratar dos coletivos, que esta crônica valha para aqueles que não sabem o que é ter um amigo como o meu, para aqueles que não souberam conquistar um amigo assim"); de uma insônia entrecortada de lembranças; de operações plásticas, do hipotético roteiro de um filme, e afinal de José, um gato muito humano e muito digno.

De todos esses assuntos, somente alguns tiveram por motivo a gênese comum de toda crônica digna de tal nome: o fato cotidiano, comentado com maior ou menor habilidade pelo escritor. Particularmente crônicas nos parecem "Delírio Número Um" e "Delírio Número Dois", "Pé de Cachimbo", "Clócló entre oceanos, mares e rios", "Amigo Maior", "Insônia", "Conversas de Mulher", "Argumento para um Filme", "Meu Amigo José"; as demais peças são como que capítulos de memórias, que talvez possamos reclamar de Eneida. De qualquer modo, a diferença é tênue, e não tanto quanto à forma, mas pela essência.

Construção de frase interessante, por vezes utilizada por Eneida: "muitas vezes madrinha fui" (página 47): a ordem inversa é adotada, o verbo vai para o fim do período, após o complemento (influência, talvez, do linguajar amazônico?).

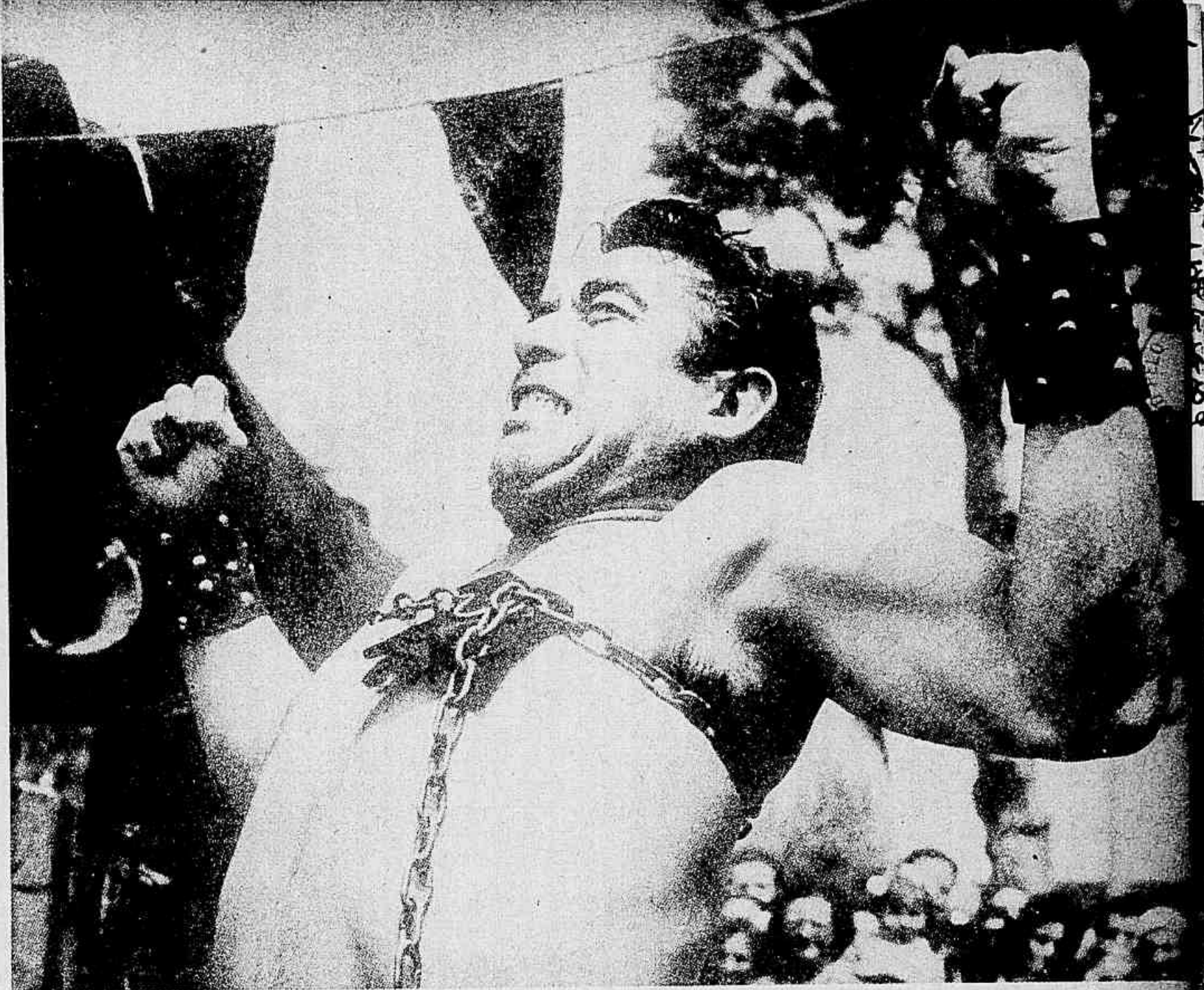
EM RESUMO — "Aruanda" é um livro belo e humano, e nele consegue Eneida, mais de uma vez, emocionar o leitor (o bilhete de despedida de Clócló, por exemplo, é um grande momento de emoção); a escritora construiu um livro todo de saudades, ternura, amor aos semelhantes, bichos e árvores; livro que se lê de um fôlego (em que pese o lugar comum...); livro, afinal, que em seu gênero pode ser considerado um dos melhores de 1957, e que é, fora de dúvidas, o lançamento da última semana do ano. Quanto à forma gráfica do livro, é agradável: bela capa (de Antônio Bandeira), tipos cómodos de se ler, boa revisão (registramos um só erro: "ágis", no lugar de "ágeis" (página 79). Em poucas e breves palavras: um bom lançamento, de obra de uma de nossas mais admiráveis cronistas.

(1) — "Aruanda" — Crônicas por Eneida. Livraria José Olympio. Capa de Antônio Bandeira. 165 páginas.

Com exceção de "Rastros de Ódio" (The Seachers), em "Vista-Vision", os melhores filmes lançados no Rio em 1957 ignoraram os "processos especiais". E nenhuma grande produtora de Hollywood contribuiu para a lista. A Warner apenas distribuiu "Rastros de Ódio" e os outros "melhores" americanos são de independentes ligados à United Artists.

(1) "Na Estrada da Vida" (La Strada), dirigido por Federico Fellini. "Script" de Fellini e Tullio Pinelli. Produção Ponti-De Laurentiis, Itália, 1954. Distribuição: Paramount.

(2) "Europa 51", direção de Roberto Rossellini. História de Rossellini. "Script" de Sandro de Feo, Diego Fabbri, Mario Pannunzio, Ivo Perilli, Rossellini. Produção Lux, Itália, 1951. Distribuição: Art Films.



ANTHONY QUINN: é arribatto Zampanó

Os 10 melhores do cinema em 57

(3) "A Morte Passou por Perto" (Killer's Kiss), produzido, escrito, cenarizado, dirigido, fotografado e contado por Stanley Kubrick. Produtor associado: Morris Bousel. EE.UU., 1955. Distribuição: United Artists.

(4) "Rastros de Ódio" (The Searchers), dirigido por John Ford. "Script": Frank S. Nugent, baseado na novela "The Aving Texans", de Alan LeMay. Produção de Merian C. Cooper e Patrick Ford. C. V. Whitney Productions, em "Vista-Vision" e "Technicolor", EE.UU., 1956. Distribuição: Warner.

(5) "Morte sem Glória" (Attack!), produção e direção de Robert Aldrich. "Script": James Poe, baseado na peça "Fragile Fox", de Norman Brooks. Produção: "The Associates and Aldrich" para a United Artists, EE.UU., 1956.

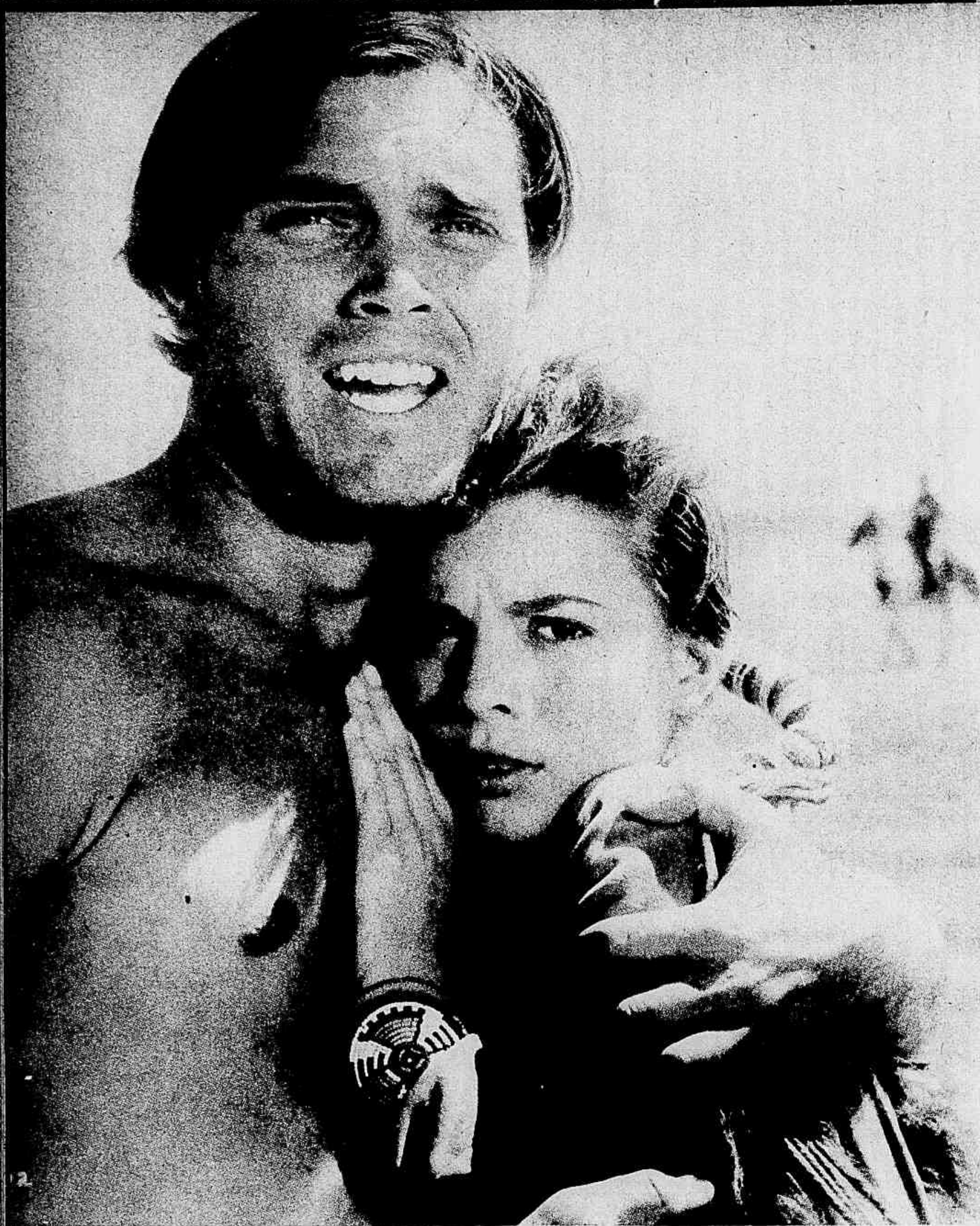
(6) "O Último Ato" (Der Letzte Akt), dirigido por G. W. Pabst. "Script": Erich Maria Remarque, baseado no livro "Dez Dias Para Morrer", de Michael A. Musmanno. Produção Cosmopol, Austria, 1955. Distribuição: Columbia.



ANTHONY PERKINS: a revelação de 57



INGRID: de volta ao "Oscar"



JEFFREY HUNTER & NATALIE WOOD; "Rastros de Ódio"



IRENE KANE & JAMIE SMITH: a morte passou por perto

(7) "As Estranhas Coisas de Paris" (Elena et les Hommes), dirigido por Jean Renoir. "Script": Renoir. Filme francês produzido por Franco London Film/Films Gibé (França) e Electra (Itália), em "Technicolor", 1956. Distribuição: Fox.

(8) "O Grande Golpe" (The Killing), dirigido por Stanley Kubrick. "Script": Kubrick, baseado na novela "Clean Break", de Lionel White. Produção de James B. Harris para a United Artists, EE.UU., 1956.

(9) "Quinteto da Morte" (The Ladykillers), dirigido por Alexander Mackendrick. "Script": William Rose. Produção de Michael Balcon, Ealing, em "Technicolor", Inglaterra, 1955. Distribuição: Organização Rank.

(10) "As Férias do Senhor Hulot" (Les Vacances de Monsieur Hulot), dirigido por Jacques Tati. "Script": Tati e Henri Marquet. Produção de Fred Orain para Cady Films e Discina, França, 1953. Distribuição: Columbia.

O melhor musical: "Meias de Seda" (Silk Stockings), direção de Rouben Mamoulian. "Script": Leonard Gershe e Leonard Spigelgass, baseado na peça musical escrita por George S. Kaufman, Leueen McGrath e Abe Burrows, à base de "Ninotchka", com música de Cole Porter. Coreografia: Hermes Pan (números com Fred Astaire) e Eugene Loring. Produção de Arthur Freed, Metro, em "Cinemascope" e "Metrocolor", 1957.

Documentário de longa metragem: "O Leão Africano" (The African Lion), dirigido por James Algar. "Script": Algar, Winston Hibler, Ted Sears, Jack Moffitt. Fotografia de Alfred G. & Elma Milotte. Produtor associado: Ben Sharpsteen. Produção Walt Disney, copiada em "Technicolor", EE.UU., 1955. Distribuição: RKO.

O melhor curta-metragem: "O Balão Vermelho" (Le Ballon Rouge), de 30 minutos. Direção e "script": Albert Lamorisse. Fotografia: Edmond Séchan. Produção: Films Montcuris, em "Technicolor", França, 1956.

AS MELHORES ATRIZES — (1) Ingrid Bergman, em "Europa 51", "As Estranhas Coisas de Paris" e "Anastácia, a Princesa Esquecida". (2) Giulietta Masina, em "Na Estrada da Vida" e "Europa 51". (3) Deborah Kerr, em "Chá e Simpatia", "O Céu é Testemunha" e "O Rei e Eu". (4) Eva Marie Saint, em "Cárcere sem Grades". (5) Lilli Palmer, em "Anastasia". (6) Katharine Hepburn, em "Amor Eletrônico". (7) Judy Holliday, em "Um Casal em Apuros" e "Cadillac de Ouro". (8) Dorothy McGuire, em "Sublime Tentação". (9) Kim Hunter, em "No Labirinto do Vício" e "No Despertar da Tormenta". (10) Simone Signoret, em "Teresa Raquin". Revelação: Elizabeth Mueller, em "Os Grandes Dêste Mundo". Infantil: Brigitte Fossey, em "Todos a Paris".

OS MELHORES ATORES — (1) Anthony Quinn, em "Na Estrada da Vida", "Blefando a Morte", "Orgia Sangrenta",



GIULIETTA MASINA: a sublime Gelsomina

"O Salário do Pecado" e "Sêde de Viver". (2) Jack Palance, em "Morte sem Glória" e "O Bandoleiro Solitário". (3) Pierre Fresnay, em "Desespêro d'Alma". (4) Albin Skoda, em "O Último Ato". (5) Alec Guinness, em "Quinteto da Morte". (6) Frank Sinatra, em "O Homem do Braço de Ouro". (7) James Mason, em "Delírio de Loucura" e "Ilha nos Trópicos". (8) Glenn Ford, em "A Casa de Chá do Luar de Agosto" e "Gatilho Relâmpago". (9) Everett Sloane, em "A História de um Egoísta". (10) Rex Harrison, em "O Passado de Meu Marido". Revelação: Anthony Perkins, em "Vencendo o Medo" e "Sublime Tentação". Infantil: Pablito Calvo, em "Marcelino Pão e Vinho".

ATRIZES COADJUVANTES — (1) Katina Paxinou, em "Grilhões do Passado". (2) Helen Hayes, em "Anastácia, a Princesa Esquecida". (3) Margaret Leighton, em "O Passado de Meu Marido". (4) Marie Windsor, em "O Grande Golpe". (5) Eileen Heckart, em

"Marcado pela Sarjeta". (6) Diana Wynniard, em "Ilha nos Trópicos". (7) Ann Harding, em "O Homem do Terno Cinzento". (8) Madeleine Robinson, em "O Caso Maurizius". (9) Norma Crane, em "Chá e Simpatia". (10) Marcelle Géniat, em "Desespêro d'Alma".

ATOES COADJUVANTES — (1) Michael Redgrave, em "Grilhões do Passado", "1984", "Labaredas do Inferno" e "Todos a Paris". (2) Fredric March, em "O Homem do Terno Cinzento". (3) Anton Walbrook, em "O Caso Maurizius". (4) Jay Robinson, em "Orgia Sangrenta". (5) Vittorio de Sica em "O Signo de Vênus", "A Bela Moleira". (6) Barry Fitzgerald, em "A Festa do Casamento" e "A Morte do Fantasma". (7) Richard Basehart, em "Na Estrada da Vida". (8) Cecil Parker, em "A 23 Passos da Rua Baker", "Quinteto da Morte" e "O Passado do Meu Marido". (9) Akim Tamiroff, em "Grilhões do Passado". (10) Burl Ives, em "Os Grandes Deste Mundo".

FOTOGRAFIA EM CORES — (1) Claude Renoir, em "As Estranhas Coisas de Paris". (2) Winton Hoch, em "Rastros de Ódio". (3) Robert Burks e J. Poverell Marley, em "Águia Solitária". (4) Ellsworth Fredricks, em "Sublime Tentação". (5) Robert Krasker, em "Trapézio".

FOTOGRAFIA EM PRETO-E-BRANCO — (1) Gunther Anders, em "O Último Ato". (2) Joseph Ruttenberg, em "Marcado pela Sarjeta". (3) Sam Leavitt, em "O Homem do Braço de Ouro". (4) Stanley Cortez, em "Blefando a Morte". (5) Stanley Kubrick, em "A Morte Passou por Perto".

MÚSICA — (1) Nino Rota, em "Na Estrada da Vida". (2) Gerald Fried, em "A Morte Passou por Perto" e "O Grande Golpe". (3) Max Steiner, em "Rastros de Ódio". (4) Joseph Kosma, em "As Estranhas Coisas de Paris". (5) Louis e Bebe Barron, pelas "tonalidades eletrônicas" de "Planeta Proibido".

JACAREACANGA NA VENEZUELA

NAS PRIMEIRAS HORAS do primeiro dia do ano, 50 aviões da base de Maracay, que é a maior e a mais moderna base aérea da Venezuela, levantaram vôo em direção a Caracas. Pouco depois, a capital venezuelana estava sendo fortemente metralhada, e o Palácio de Miraflores, sede do Governo e residência do ditador Marcos Perez Jimenez — bombardeado pelos aviões dos insurretos.

Apenas quatro bombas caíram sobre Miraflores, duas das quais não explodiram. As duas outras causaram danos apontados como sendo "sem maior importância".

Enquanto os aviões pilotados por jovens oficiais da Aeronáutica sobrevoavam Caracas, o Exército sediado em Maracay e Los Teques se preparava para atacar a capital, guardada por fortes contingentes de tropas que iam aderir ao movimento revolucionário. O levante em Caracas devia estourar na mesma hora em que os aviões levantavam vôo de Maracay, mas, como quase sempre acontece nessas circunstâncias, um fato inesperado estragou todos os planos.

As 15 horas do 31 de dezembro de 1957, isto é, dez horas antes da hora H, a polícia política chefiada por Pedro Estrada, prendia o general Hugo Fuentes, comandante das forças terrestres, cujo papel era liderar o movimento na capital. Até hoje não se sabe com exatidão em que circunstâncias ocorreu a prisão do general Fuentes, mas parece que as autoridades souberam do plano revolucionário e da adesão de Fuentes, na manhã do dia 31 de dezembro, ao decifrar um telegrama em código, que o embaixador do Canadá na Venezuela mandou ao seu Governo.

Nesse telegrama, o embaixador canadense fazia um completo relato do movimento, dando todos os pormenores que, conforme consta, lhe foram fornecidos pelo diplomata chileno Jorge Basulto, expulso recentemente da Venezuela, e cuja prisão anterior causara a interrupção das relações chileno-venezuelanas.

Percebendo que as tropas do general Fuentes não haviam entrado em ação, os aviadores de Maracay, liderados pelo major Martim Parada, limitaram-se a lançar sobre a capital apenas manifestos, e as tropas do Exército retardaram sua partida.

Esta mudança de plano permitiu ao ditador que enviasse para a cidade rebelada quatro colunas blindadas, que conseguiram liquidar os focos revolucionários menos de 24 horas após o início do levante. Na madrugada do dia 2 de janeiro, um grupo de 14 oficiais da Aeronáutica, dois pilotos e dois civis, embarcavam no avião particular de Perez Jimenez, voando para a Colômbia, e pediam asilo político na cidade de Barranquilla.

O fracasso do movimento permitiu que a polícia realizasse centenas de prisões:

informa-se oficialmente que mais de 50 oficiais foram encarcerados, mas não se fala no número total dos presos. Ao mesmo tempo, o ditador ordenou severo expurgo na força aérea, considerada inimiga do governo.

Por que fracassou o movimento dos oficiais de aviação de Maracay?

Primeiro, evidentemente, porque o general Hugo Fuentes que devia desempe-



ELIZABETH FAZ REGIME PARA FICAR ELEGANTE

MARGARET SAIU DA lista das dez mulheres mais elegantes do mundo e sua irmã Elizabeth passou a ser uma das "dez mais", figurando em quarto lugar, depois da sra. William Ialev (mulher do presidente da CBS), da Duquesa de Windsor e da Condessa Consuelo Crespi.

Essa lista das "dez mais" foi organizada pelo New York Dress Institute, depois de ouvir dois mil especialistas de todo o mundo na eleição mais famosa no gênero.

A eleição de Elizabeth causou surpresa nos círculos britânicos, principalmente porque a Rainha só figura na lista inglesa deste ano por ser a Rainha.

Muito criticada, principalmente por sua maneira de vestir ("um pouco britânica de mais"), Elizabeth reconhece que prefere usar — por exemplo — pesados e feios sapatos, muito confortáveis.

Por outro lado, sabe-se que Elizabeth está fazendo regime para emagrecer e manter a silhueta, a conselho do fotógrafo oficial da Corte, que já não conseguia fotografias tão boas de Sua Majestade ("como no princípio").

nhar importante papel na revolução, foi denunciado e prêso. A revolução teria tido, porém, chances bem maiores, se os oficiais tivessem previamente entrado em contato com os representantes dos partidos políticos que dirigem a resistência no país.

Em Nova York e México, os líderes da oposição, Rômulo Gallegos, Rômulo Betancourt e Jovito Villalba declararam que seus partidos nada sabiam a respeito do movimento e que, em consequência, foi impossível organizar o apoio em menos de 24 horas. Deste ponto de vista, não resta dúvida de que Jimenez teria liquidado a revolução com grande dificuldade, se os aviadores contassem, em terra, com o apoio dos estudantes e das forças de resistência, bastante bem organizadas.

Marcos Perez Jimenez costumava dizer — até agora — que foi eleito presidente da Venezuela "por vontade das Forças Armadas". Após o movimento de Maracay, ninguém poderá negar que o Exército venezuelano está seriamente dividido.

E' preciso, além disto, levar em conta o fato de que Perez Jimenez desencadeou uma onda de violência, mandando prender vários diretores de jornais que se recusaram a escrever artigos contra a revolta. Entre estes, encontra-se o diretor do órgão católico de Caracas (La Religion), monsenhor Hernandez Capellin e o diretor da folha semi-oficial "La Esfera", Angel Capriles.

Os gráficos recusam-se a trabalhar nestas condições, e um começo de greve vislumbra-se em Caracas. Isto poderá constituir o começo do fim do regime ditatorial, que não passará do próximo mês de março.

INTERNACIONAL

SEM CONSULTAR os aliados da Grã Bretanha, o Primeiro Ministro Harold Mac Millan fez a proposta de um pacto de não-agressão entre o Oeste e o Leste. Vinte e quatro horas após o discurso em que o premier inglês lançava sua idéia, nenhum comentário foi feito nas capitais ocidentais. Até o Primeiro Ministro da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, que costuma falar com bastante facilidade, recusou-se a dizer alguma coisa. Acrescentou que estudará o discurso.

VINTE PARTIDOS apresentarão candidatos nas eleições presidenciais que se realizarão na Argentina no próximo mês de fevereiro.

O MÉXICO anunciou oficialmente que não interrompeu suas relações com a Venezuela. Este país não mantém atualmente relações diplomáticas com o Uruguai,

Chile, Argentina e Costa Rica. Apesar do desmentido oficial, existe um mal-estar entre os dois países: o México chamou de volia seu embaixador em Caracas, onde mantêm apenas um encarregado de negócios.

EM SEU DISCURSO de Ano Novo, o presidente Tito se pronunciou novamente a favor da coexistência pacífica ativa. Apesar das ótimas relações existentes atualmente entre a Iugoslávia e a União Soviética, Tito não fez nenhuma referência especial a respeito da URSS.

AINDA DURANTE esta semana os Estados Unidos farão nova tentativa para lançar um projétil balístico intercontinental. Em Cabo Cañaveral estão sendo feitas experiências para realizar o lançamento.

APESAR DOS ESFORÇOS que empenhou durante uma semana, o premier de Israel, David Ben Gurion, não conseguiu formar o novo gabinete.

POLÍTICA

SE A OPOSIÇÃO alagoana não encontrar uma nova fórmula de "prevenir os azares da sorte", o Sr. Muniz Falcão terá nova chance com a decisão do Supremo Tribunal, que anulou o sorteio dos deputados para o Tribunal Misto encarregado do julgamento do processo do "impeachment" do governador. O sorteio anulado foi feito "em família": só havia oposicionistas na reunião da Assembléia (os governistas não foram avisados) e a sorte só escolheu oposicionistas.

Agora é possível que haja um sorteio com a participação de todos e, se a escolha realmente depender da sorte, não é impossível que a Oposição perca o "quorum" (legal) de dois terços no Tribunal Misto, exigido para a decretação do "impeachment".

Se isso acontecer, começa outro capítulo da história. O Sr. Muniz Falcão diz que está disposto a voltar. O Sr. Oséas Cardoso (autor da denúncia) diz que "ele não voltará" e, segundo se diz em Maceió, já está com os revólveres no ponto. O Padre Medeiros Neto diz que "talvez abandone a atividade política e se recolha à vida privada", pois como as coisas vão "terá de andar armado" e "não fica bem um padre com revólver na cintura".

O Supremo anulou o sorteio porque a reunião da Assembléia foi feita sem o conhecimento de todos: a Ordem do Dia não foi publicada no "Diário Oficial" com 24 horas de antecedência e os deputados governistas (além do governador e seu advogado) não sabiam de nada.

GENTE

A PRIMEIRA CRIANÇA nascida no Distrito Federal em 1958 foi um homem:

nasceu no Hospital Miguel Couto (Gávea), aos primeiros minutos do ano, filho da sra. Maria dos Prazeres Feitosa (Rua Miguel Lemos, 46, apto. 202, doméstica), pesa 3 quilos e 400 gramas. Foi parteiro o dr. Rogério Rocco, médico-obstetra que deu plantão no Ano Novo no Hospital Miguel Couto.

O primeiro homem nascido em 1958 chorou pela primeira vez aos 5 minutos do Ano Novo. Vai se chamar João.

LITERATURA

MORREU DO CORAÇÃO na madrugada de 1.º de janeiro o poeta Emilio Carrera Guerra (41 anos), que assinou recentemente o prefácio das "Poesias Completas de Fagundes Varela", projetando-se como um dos melhores críticos literários do Brasil.

O poeta morreu quando comemorava o Ano Novo numa festa na casa do cineasta Alex Vianny. Estava contando um episódio humorístico quando caiu ao chão vitimado por um colapso cardíaco.

Emilio Carrera Guerra era casado com a Sra. Maria Júlia e tinha uma filhinha de 13 anos de idade, aluna do Instituto de Educação.

Além de escrever para as principais revistas literárias do Brasil e para a imprensa do Rio, São Paulo e outros centros, E. Carrera Guerra editara os livros "Cano Grosso e outros Poemas" (1948) e "Poemas de Companheiro". Para sair, deixou na Editora Civilização Brasileira as traduções da "Vida e obra de Maiakovsky" e "O Sobrinho do Tio Rameau".

UM INQUÉRITO realizado nas livrarias de São Paulo sobre os resultados da campanha anti-Lobato do padre (baiano) Salles Brasil, autor do livro "Comunismo para Crianças", em que denuncia o famoso escritor Monteiro Lobato de subversivo e materialista, deu no seguinte: nunca as livrarias de São Paulo venderam tantos livros de Monteiro Lobato para as crianças. Principalmente o "Pica-Pau Amarelo", em cujo sítio o padre Salles Brasil disse que havia uma célula do Partido Comunista.



DANNY CHAMOUN, filho do Presidente do Líbano, se prepara para beijar a noiva, Patti Morgan, após terem casado no civil em Kensington, Londres. O casamento religioso foi na Igreja St. Columba. Os noivos partiram depois para Beirut onde morarão. A noiva era modelo na Austrália.



PARA DESMENTIR a versão (francesa), segundo a qual os soldados da Frente de Libertação da Argélia são comunistas ou ateístas, foi distribuída essa foto, que mostra alguns desses soldados, com a cabeça curvada, rezando durante o combate. Note-se os rifles.

THEREZINHA MORANGO PASSEIA DE GIRAFA

O Saci saiu da garrafa de guaraná do Amazonas e perguntou — dois pontos:

— Therezinha ("quem me dera ser o creme dêsse Morango"); o que é que você quer?

— Therezinha fez também um ar de dois pontos e respondeu:

— Uma girafa.

Val daí o Saci disse:

— Uma girafa para você é pouco. Vou lhe dar uma árvore-girafa que tem lá no meu sítio, na barranca do Rio Negro, e que não se encontra em nenhum jardim zoológico, nem na África, nem na Bahia, nem em Nova Iorque ou até Belo Horizonte. Nem no Sítio do Pica-Pau Amarelo.

E deu.

Aí Therezinha ficou dias e dias brincando com a árvore-girafa, até que cansou. Pegou chamou Saci e disse:

— Eu queria uma amiga.

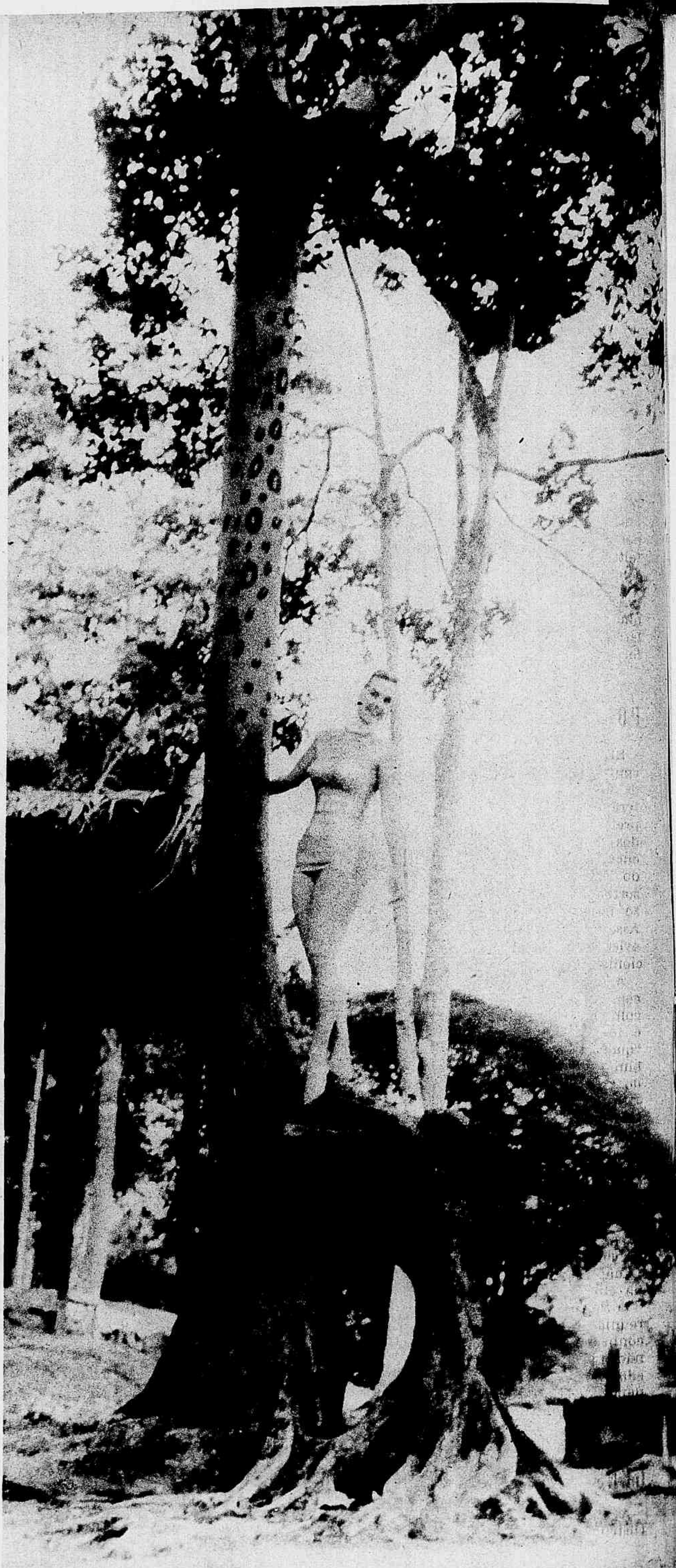
Então o Saci pegou o Verão que estava espelhado num igarapé, deu uma pitada de cachimbo de barro e disse: vira-mulé três vêzes.

Levou na igreja e deu pro padre batizar Selene, de sobrenome no cartório Vieira — "Miss Verão do Amazonas" para servir aos nossos olhos.

Val daí que elas se deram bem. Mas Therezinha brincava com Selene e sentia calor, por causa de que ela era "Miss Verão". E Selene foi convidou:

— Vamos tomar banho de cachoeira? E foram.

E lá encontraram uma sereia de nome Mariza Arnaud. E como aí já eram três brasileiras juntas não houve outro jeito: foram jogar pelada na praia. Com ovo de tartaruga de matéria plástica.





*toma banho
de cachoeira
no Rio Negro
com Miss Verão*

*e joga
pelada
com outra
sereia*



MISS ALEMANHA NASCEU NA HOLANDA



TEREZINHA & GERTI — A maioria



"MISS" ALEMANHA nasceu na Holanda, tem 20 anos e o apelido de "Gambo". Ficou muito espantada quando soube que no Rio sanduiche de carne moída chama-se "hamburger": ela vive desde criança em Hamburgo e nunca pensou que o sanduiche de sua cidade tivesse o mesmo nome no Brasil.

"Miss" Alemanha tem:

1. Cabelos louro-acinzentados (naturais), "os mais belos do mundo";
2. Olhos azuis transparentes;
3. Um sorriso muito simpático;
4. Corpo magro, mas elegante;
5. Um andar muito brasileiro.

Mas os críticos apontam:

1. Sua pele é muito clara para o nosso gosto (nosso, latino);
2. Seus pés seguem a "linha européia": são grandes;
3. Tem um pouquinho de sardas;
4. É simples demais;
5. Quando ri faz rugas em volta da boca.

Gerti Daub ("daub" em alemão quer dizer surdo) passou pelo Rio domingo, 5, às 10,50 horas, com destino a Porto Alegre, na viagem inaugural da linha Hamburgo-Buenos Aires, via Porto Alegre, da Lufthansa.

Ela nasceu em Utrecht (Holanda) fi-

GAMBO é o apelido de Gerti



preferiu o creme ao morango

lha de alemães. Recebe centenas de cartas de pedido de casamento. Seu pai lê primeiro e seleciona as que Gerti pode ler. Dessas, Gerti só responde algumas.

É diplomada em cosméticos (que não usa) e dona de um salão de beleza em Dusseldorf (Alemanha), há dois anos.

Thomas Mann é seu autor preferido. Já fez um documentário "Coração de São Paulo", (bairro de Hamburgo onde há "boites" e bares) mas não se considera boa artista, tendo recusado proposta de 250 mil dólares para ficar no cinema norte-americano.

Gerti gosta de dançar e nadar, mas não irá à praia no Rio porque não pode estragar o cabelo com água salgada. Motivo: tem muitos compromissos sociais e não tem hora para ir ao cabeleireiro.

Tipo preferido de homem: homem.

Modêlo que gosta de vestir: estreito em cima e largo em baixo. Já usou a "saco", mas não a acha elegante.

Passou pelo Rio usando saia branca, com listas azuis e calçando sapatos brancos. Sentiu muito calor no Galeão e bebeu um guaraná.

Considera muito perigoso usar maiô de duas peças: "... por causa do sol".

Quarta-feira, 8, "Miss" Alemanha voltará ao Rio, para passar três semanas viajando pelo Brasil.



DAUB em alemão quer dizer surdo

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um —
Guaracha — Bolero — Marcha —
Rumba — Swing — Samba —
Tango — Mambo — Baião —
Choro — Valsa — Fox — em
apenas 10 dias, pelo moderno
método do Prof. Gino Fornaciari,
autor do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição, melho-
rada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu
domicílio, sem professor. Faça seu
pedido, pelo Reembolso, à Caixa
Postal, 649 — São Paulo. Cr\$ 120,00. —
Encontra-se também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São Paulo. O
Prof. Gino Fornaciari mantém um
curso especializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs. às 22
hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º
andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasi-
adamente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00

Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50

Por Vale Postal Cr\$ 125,50



INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Só na
Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

5 MOTIVOS DO FECHAMENTO DE "A NOITE"

CINCO MOTIVOS estão por trás do fechamento de "A Noite", pelo Governo, mas é possível que os funcionários do jornal consigam impedir o Governo de levar o ato até as últimas consequências e acabem reabrindo o vespertino para ficar com ele. São poucos, porém, os que acreditam nessa hipótese.

"A Noite" tinha 46 anos quando morreu por um ato do Superintendente das Empresas Incorporadas da União, na semana passada. Foi o primeiro vespertino do Rio e também o primeiro a explorar os fatos policiais quando Irineu Marinho (o seu fundador) era diretor. Chegou a vender 120 mil exemplares por dia (até hoje nenhum jornal carioca atingiu essa tiragem) e ultimamente vendia 30 mil. Era do governo.

Dizem os funcionários (280) do jornal (hoje eles estão desempregados) que a assassina da "A Noite" foi a sua própria filha, a Rádio Nacional. Porisso fizeram o entêrrão dos coveiros de "A Noite", o sr. Mário Pires, autor do ato de fechamento do jornal, e o sr. Moacir Arêas, diretor da Rádio Nacional. Afirmam os redatores e gráficos do vespertino que a Rádio Nacional não interessava a sobrevivência do jornal, que era deficitário e tinha suas despesas cobertas pela rádio.

Os empregados do jornal do governo estão dispostos a lutar para fazer o jornal voltar à circulação. Isto porque há um decreto do governo Dutra dando "A Noite" aos seus empregados reunidos numa sociedade anônima. Eles pretendem constituir a sociedade, mas desconfiam das intenções do governo que até agora não disse o que pretende fazer com o jornal.

EIS COMO ESTA SENDO EXPLICADO O FATO:

1. o governo fechou "A Noite" para poder instalar (este ano) a televisão da Rádio Nacional. A aparelhagem e o estúdio da TV-2 ficariam nas salas antes ocupadas pelo jornal.

2. um grupo político mineiro ligado ao sr. Juscelino Kubitschek pretende comprar a "A Noite".

3. ninguém quer comprar apenas o jornal. Há propostas de empresas estrangeiras (americanas) para a compra do jornal, das revistas (Carioca, Lobinho, Noite Ilustrada) e da Rádio Nacional.

4. uma companhia americana está particularmente interessada na compra do jornal e da rádio (que é a única ouvida em todo o país e a qualquer hora). Jornalistas e homens de negócio brasileiros seriam os "testas de ferro" para a aquisição.

5. o governo fechou o jornal para vendê-lo juntamente com as revistas e a rádio, atendendo os pedidos de grupos políticos e financeiros que acham que o governo não deve ter jornal e rádio.



REI MOMO NÃO PERDEU A COROA

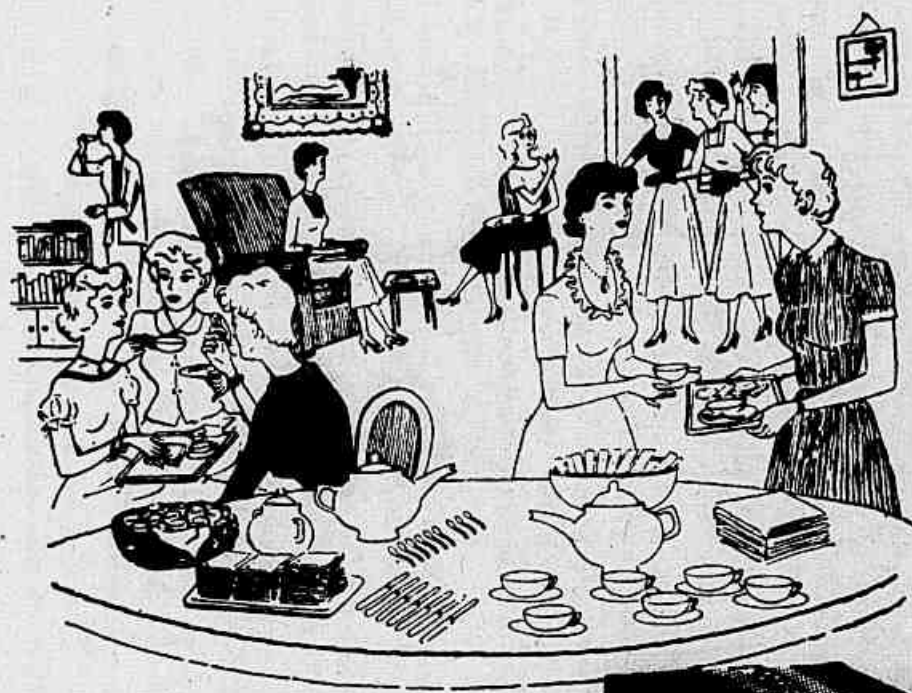
REI MOMO I E ÚNICO vai continuar: outros jornais, rádios e tevês resolveram tomar o lugar da falecida "A Noite" e o promoverão este ano. E ele comparecerá — como sempre acontece entre o Ano Novo e o Carnaval — a cerca de 300 bailes, ganhando mais ou menos 60 mil cruzeiros.

O sr. Nelson Nobre nasceu num domingo de Carnaval há 40 anos. E' casado há 14 anos, tem 2 filhas. Pesa 115 quilos e tem 4 empregos. O jornal que o promove dispõe de todo o seu tempo, durante o período carnavalesco: diz onde ele vai e o que ele faz.

Rei Momo I e Único é o quinto Rei Momo. Antes dele Hipólito Colombo reinou um ano, Morais Cardoso treze anos, Jaime Morais dois anos e Gustavo Matos mais dois anos. Ele reina, agora, no oitavo Carnaval, mas quase perdia a coroa: a Associação dos Cronistas Carnavalescos quis aproveitar o fechamento de "A Noite" para eleger outro Rei Momo I e Único — mas a tentativa gorou.

Certa vez o vespertino "O Mundo" quis fazer um Rei Momo seu, mas não deu certo: o Rei Momo do jornal que se chamava Edmundo Wilzner, era dono de uma casa funerária.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO

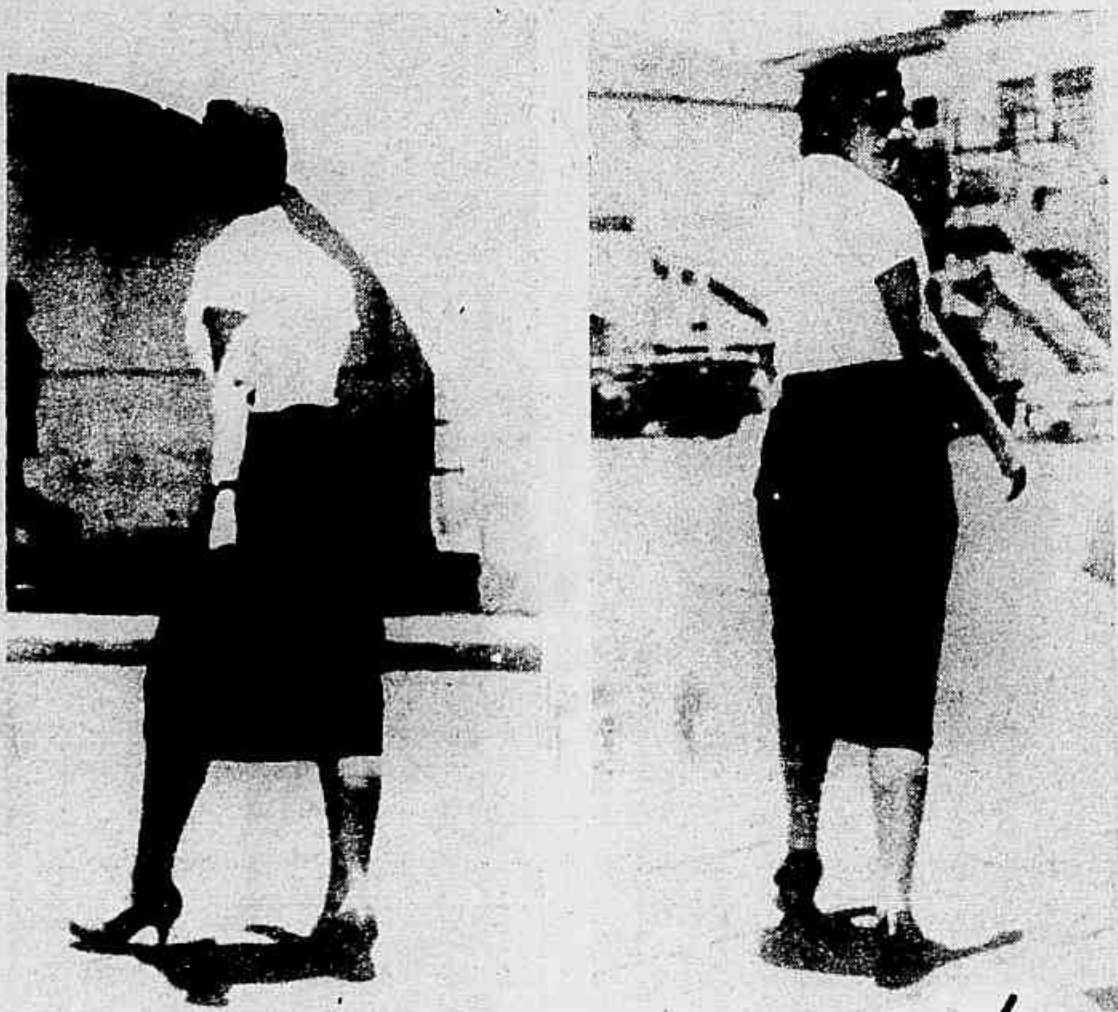


açúcar **PEROLA**
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA



MAIS UMA ÓTICA BRASIL EM COPACABANA

No dia 18 de dezembro, inaugurou-se mais uma loja das Óticas Brasil (a sétima) em Copacabana, à Av. Nossa Senhora de Copacabana n° 695. Personalidades políticas estiveram presentes, entre elas o General Juarez Távora, que aparece na foto ao lado do sr. Oscar Gabriel (à esquerda), proprietário da Organização.



AS MOÇAS DE JACQUES HEIM E A AERO-MOÇA

PARA APRESENTAR trinta modelos (a coleção "Varieté") inclusive seis da linha "saco", chegaram domingo último ao Rio cinco manequins da Casa Jacques Heim, de Paris: Georgine, Martine, Claude, Marie France e Jackie.

Elas desfilarão primeiro na quinta-feira 9, na festa das ex-debutantes "Sombra", no Copacabana Palace Hotel, sob o patrocínio das Pioneiras Sociais.

Sexta-feira, sábado e domingo, se apresentarão na piscina do Copa, inaugurando os jantares-dançantes da temporada de verão.

Georgine, Martine, Claude, Marie France e Jackie são cinco moças, muito elegantes e simpáticas, mas estão muito preocupadas. Motivo: aguardam com interesse o resultado da apresentação da Coleção do jovem figurinista Ives St. Laurent, dia 21, em Paris, quando o mundo vai saber se Christian Dior já tem sucessor.

Jacques Heim apresentará sua coleção a 26.

Marie France é a mais antiga na Casa Heim: dois anos. Todas as modelos disseram que a linha "saco" está fazendo sucesso em Paris, apesar dos pesares.

Esperando as moças no Galeão estava Jorginho Guinle, que saiu com elas em seu carro.

O grande sucesso foi sobre o Atlântico: no DC7C da Panair aconteceu o primeiro desfile de modas no ar.

O segundo grande sucesso da tarde foi Myriam Steiner, a aero-moça.

Morena de cabelos louros, se usasse sinais de trânsito usaria um triângulo de fundo amarelo, com um S preto no centro.

ESPORTE

PASSANDO DE UMA só vez um argentino e um russo, e causando surpresa a todos os entendidos o atleta português Mancel Faria venceu, pela segunda vez consecutiva, a Corrida de São Silvestre, dia 1.º, em S. Paulo.

O favorito da prova era o russo Kutz, campeão mundial de corridas, que liderou a S. Silvestre até a rua Gabriel Santos, onde há uma ladeira. Ele subiu correndo muito e acabou sentindo dores e fraqueza nas pernas. O português que vinha mais atrás aproveitou a oportunidade e aumentou a velocidade das pernas, ganhando a corrida.

A corrida foi assim:

1. antes todos temiam o corredor soviético Kutz, que vinha com um título mundial e estava sendo apontado como favorito absoluto da prova.

2. na saída o soviético destacou-se na frente, deixando os seus adversários para trás. Ele foi o primeiro a entregar a ficha de passagem na avenida São João, próximo ao Cine Metro.

3. quando os corredores passaram pela avenida São João, a colocação era: 1.º o russo Kutz, 2.º o inglês Hatley, 3.º o argentino Suarez. Manoel Faria estava bem atrás.

4. na rua Gabriel Santos o russo aumentou a velocidade e subiu rápido a ladeira. Os outros desapareceram.

5. Kutz não agüentou as pernas e diminuiu a velocidade. O argentino Suarez passou na sua frente e mais atrás vinha Manoel Faria em desabalada carreira.

6. na rua das Palmeiras o argentino passou o russo e ficou na frente uns cem metros. Logo foi superado pelo português que vinha devagarinho, guardando suas forças para a reta final.

7. só no Largo de Santa Cecília todos acreditaram na vitória do português Manoel Faria que passou a correr mais moderadamente, garantindo o 1.º posto.

8. Manoel Faria se distanciou cada vez mais dos seus adversários e foi aplaudido por centenas de espectadores que esperavam a vitória do russo. Cada passo que ele dava era uma salva de palmas.

9. na avenida Ipiranga, onde terminou a corrida a colocação era a seguinte: vencedor Manoel Faria, seguido do argentino Suarez, em 3.º o belga Hedwig Leenaert, em 4.º o argentino, Luis Sandoval, em 5.º o francês Maurice Chiclete, em 6.º o finlandês Hannu Posti, em 7.º o brasileiro Edgar Freire e em 8.º o soviético Kutz.

10. comentário do corredor português Manoel Faria depois de vencer a prova de S. Silvestre: "Não há segredo. Venci porque usei a inteligência e todas as minhas forças".

Quinta-feira, 3, um público que, em São Paulo pagou a renda "record" em competições de atletismo no Brasil (Cr\$ 355.800,00), viu a segunda derrota do campeão olímpico russo Vladimir Kutz para o português Manoel Faria: Kutz chegou em terceiro, Faria em segundo e o argentino Osvaldo Suarez em primeiro.

QUANDO ESTAVA terminando o jogo de futebol entre o Milão (2) e o Fiorentina (1) pelo Campeonato Italiano, o meia argentino Montuori, do Fiorentina, aproveitando a forte neblina sobre o Estádio São Ciro (em Milão, Itália) agarrou a bola e desapareceu, enquanto o capitão de seu time pedia ao juiz anulasse o jogo. O juiz recusou-se a anulá-lo. O árbitro resolveu então encerrar o jogo.

A Federação Italiana de Futebol declarou o Milão vencedor do jogo, que foi realizado porque o juiz (Ângelo Maurelli) achou que, apesar da forte neblina, havia suficiente visibilidade para o seu desenrolar.



HOMEM DO ANO

NIKITA KRUSCHEV foi eleito nos Estados Unidos (pela revista "Time") o "Homem do Ano de 1957". Escreve "Time" que "o homem do ano foi sem dúvida o calvo, loquaz e brilhante homem soviético Nikita Krushchev", assinalando que ele é o terceiro ditador calvo da escola. Hitler foi eleito em 1938 e Stalin em 1939 e 1942.

"Em 1957 Nikita Krushchev fez mais que vigiar o lançamento do primeiro satélite artificial do homem. Transformou-se no indisputável e único senhor da Rússia. Poucos homens chegaram tão longe e tão rápido".

CINEMA

PORQUE O FILME NACIONAL "Absolutamente certo" (direção de Anselmo Duarte) foi considerado pela Câmara Municipal de São Paulo como "obra que demonstrará aos pessimistas e inimigos do nosso cinema que temos elementos capazes e recursos próprios para o desenvolvimento do cinema nacional", dez vereadores paulistas requereram à Câmara Municipal de São Paulo a 20 de novembro de 1957:

"Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário, em regime de urgência e dispensadas as formalidades regimentais, a inserção na Ata dos nossos Trabalhos do dia de hoje de um voto de congratulações aos cineastas que direta ou indiretamente tomaram parte no filme nacional intitulado "Absolutamente Certo", que, de um modo geral, vem agradando ao público amante do bom cinema. Requeremos, ainda, seja dado ciência ao elenco que tão naturalmente desempenhou as cenas do filme, demonstrando aos pessimistas e inimigos do nosso cinema que temos elementos capazes e recursos próprios para o desenvolvimento do cinema nacional. Anselmo Duarte e os demais artistas do filme estão de parabéns e a Câmara Municipal de São Paulo, órgão representativo do povo, não podia deixar de se manifestar, tendo em vista o interesse patriótico dos senhores Vereadores em apoiar as boas iniciativas de cunho nacionalista. Sala de Sessões, 20 de novembro de 1957. (aa) Agenor Lino de Mattos, Jacob Zveibil, Matilde de Carvalho, João Louzada, Rubens do Amaral, Carlos Cassoni, Monteiro de Carvalho, Archimedes Lammoglia, Américo Trabulsi, Alfredo Trindade. Aprovado — 20-11-57. (a) Elias Shammas".

RELIGIÃO

UMA ORAÇÃO da Família, composta pelo Papa Pio XII foi publicada no "Osservatore Romano". Diz a Oração:

"Na desordem das idéias que seguidamente perturba os espíritos, nós proclamamos altamente a santidade, a unidade e a missão divina da família cristã, célula da sociedade e da Igreja, e cada um no seu lugar — parentes e filhos — com modestia mas com firmeza nos comprometemos a fazer o que estiver em nosso poder para que esses santos ideais sejam no mundo uma realidade".

CARNAVAL

SÓ COM ORDEM do general Amauri Kruel poderão ser travadas as batalhas de confete do Carnaval. A portaria do general já está em vigor (para as batalhas preparatórias). Será organizado um estado maior (policial) diretamente subordinado ao general Kruel, para dirigir a Operação Carnaval.

DANÇA

SUGERINDO QUE a dança pode ser "um meio de acalmar os povos" o delegado japonês à Conferência Afro-Asiática pediu a reunião de uma conferência especial de especialistas da dança para "estudar um novo modo de expressão cultural, que seria a dança África-Ásia", livre da "influência deformante" da Europa.

1958

Para onde vai Hollywood

Fotos United Artists



John Wayne é "bilheteria" certa. Participa financeiramente dos Sophia Loren e Rossano Brazzi.



Talento jovem e independência: Susan Harrison e Burt Lancaster em "A Embriaguês do Sucesso", elogiadíssima produção dos independentes Hecht-Hill-Lancaster

HOLLYWOOD ENCERROU 1957 com apreensão. O cinema não escapou à súbita marcha-a-ré da economia americana, mas devido à antecedência de planificação no trabalho dos estúdios, os resultados sobre os filmes só se farão sentir a partir do segundo semestre de 1958. Várias companhias, principalmente Universal e Columbia, fizeram grandes cortes de pessoal. Columbia despediu de 300 a 400 empregados. Universal despediu 400 de seus 1.300 servidores permanentes e anunciou que, tendo um estoque de 32 filmes inéditos, faria uma "pausa para meditação".

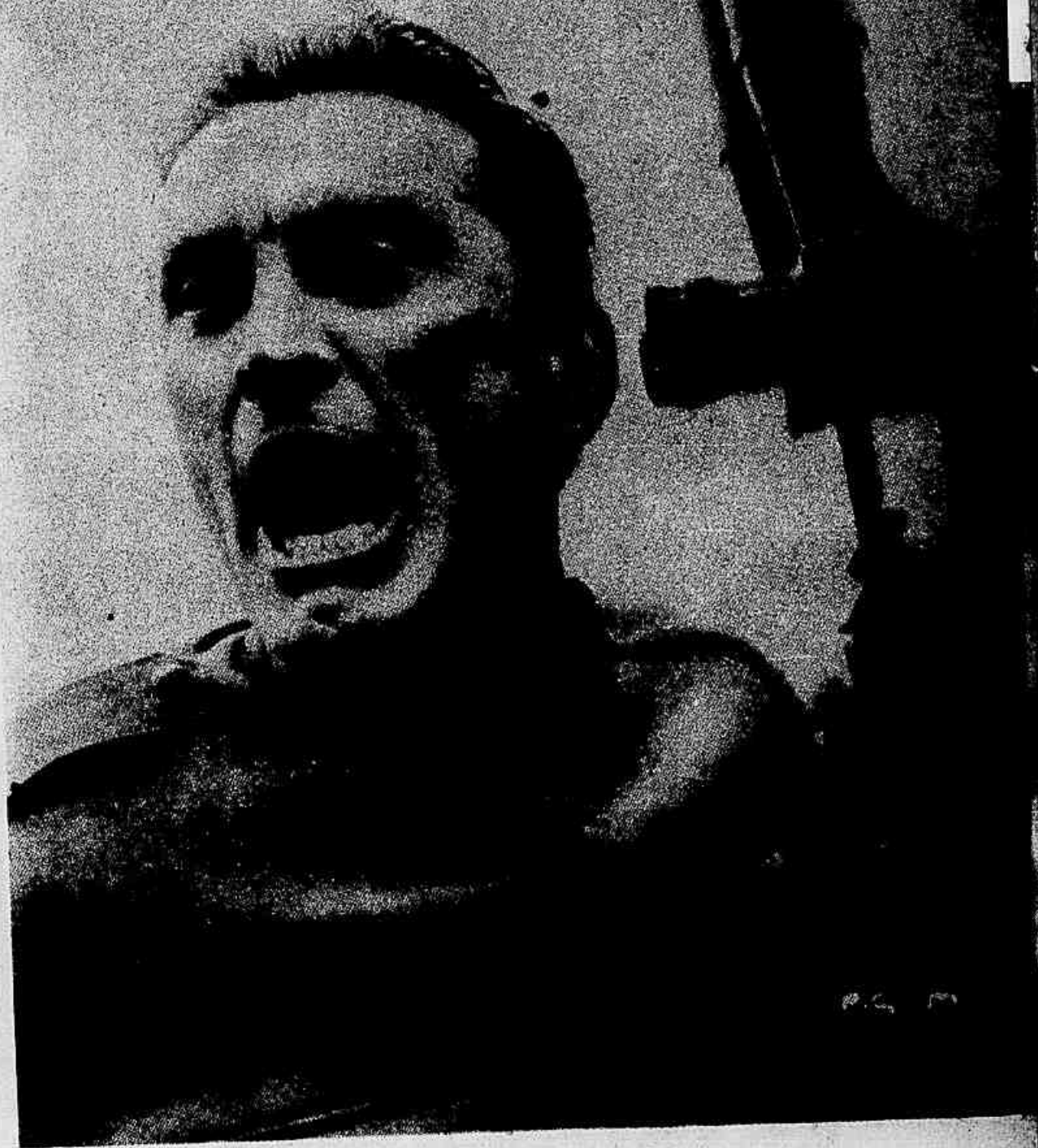
A decepção começou em meados do ano — verão nos Estados Unidos — tradicionalmente a melhor época para as bilheterias. Com exceção das "superproduções" "Os 10 Mandamentos" e "A Volta ao Mundo em 80 Dias" (em regime de exibição especial, a preços mais elevados), só "Ilha nos Trópicos", "Funny Face" ("Cinderela em Paris") e "Tarde Demais Para Esquecer" não decepcionaram entre as produções ambiciosas ("classe A") das grandes companhias.

Segundo a experiência de 1957, podem-se assinalar as seguintes tendências para o corrente ano:

(1) Aumento da produção destinada ao público juvenil: os musicais com "cartazes" da música popular, como Elvis Presley, Pat Boone, Harry Bellafonte, Julie London, Frank Sinatra — até o velho Bing Crosby não chega para as encomendas; os filmes de "horror", inspirados principalmente pelo sucesso comercial de "The Curse of Frankenstein" ("A Maldição de Frankenstein", "shocker" barato produzido pe-



os filmes em que trabalha, como "A Lenda dos Desaparecidos", com



Kirk Douglas em "Glória Feita de Sangue", direção de Kubrick

los ingleses para a Warner, e uma das surpresas do verão): os "westerns".

(2) Maior ênfase na criação e consolidação de novos intérpretes. Entre as decepções de bilheteria figuraram "O Príncipe Encantado" (Marilyn Monroe & Laurence Olivier), "Amor no Crepúsculo" (Gary Cooper & Audrey Hepburn), "A Passagem da Noite" (James Stewart), "Orgulho e Paixão" (Frank Sinatra, Cary Grant & Sophia Loren), "Melas de Seda" (Fred Astaire & Cyd Charisse), "Amor Eletrônico" (Katherine Hepburn & Spencer Tracy) e "Teu Nome é Mulher" (Gregory Peck & Lauren Bacall). A empresa-líder no terreno da renovação de valores é a Fox, com Joanne Woodward, Robert Wagner, Joan Collins e Anthony Franciosa entre os trunfos novos de bilheteria.

(3) A produção independente ou semi-independente, responsável pela alta qualidade do cinema americano "de vanguarda" ou "médio", e por grandes êxitos de bilheteria como "Sindicato de Ladrões" e "Marty", não sofrerá solução de continuidade. A acentuação da crise econômica será até incentivo a esse "new look" da indústria. Hollywood tende cada vez mais à divisão de responsabilidades e à ênfase nos talentos como solução para a compressão de orçamentos.

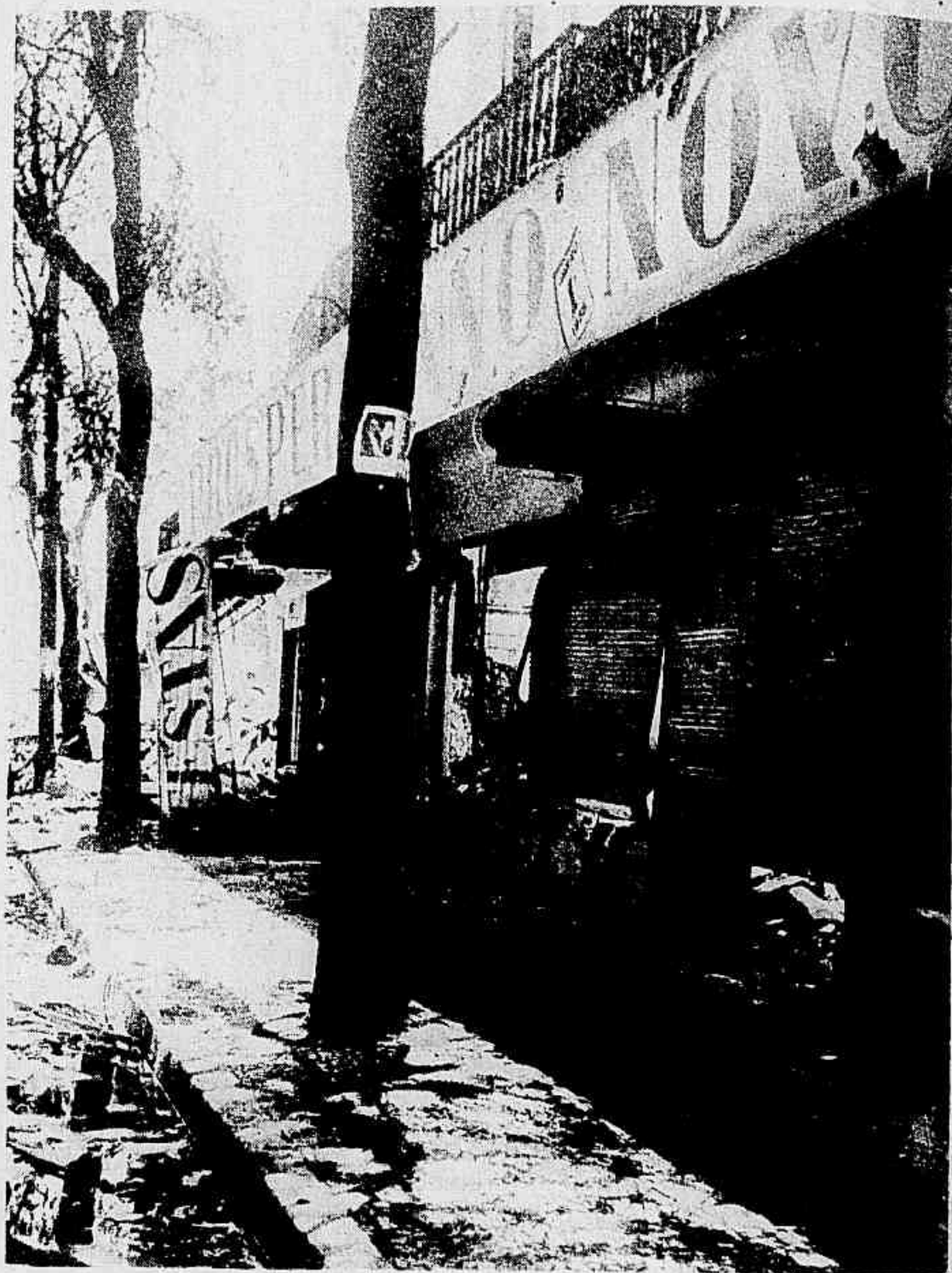
(4) Os velhos "cartazes" serão "filtrados" cada vez mais, pois, além da concorrência dos novos, há a urgência de economia nos gastos com "estrelas". Só permanecerão de pé por muito tempo os grandes chamarizes de bilheteria. O emprego de atores à base de participação nos lucros (Cary

Grant, Gary Cooper, Bing Crosby) ou formação de empresas "satélites" (Marlon Brando, Sinatra, John Wayne) continuará em ascensão.

(5) Ainda que não haja aumento nas receitas, 1958 verá a concretização de alguns programas milionários. A Fox tem em filmagem ou preparação produções no valor total de 55 milhões de dólares, aproximadamente. Tendo caído a 14 fitas em 1954, essa empresa estará à frente de todas as outras no corrente ano, com setenta filmes; 38 de produção própria, "classe A" ou "double A"; e 32 menos ambiciosas contratadas com a empresa-satélite Regal Productions. Os projetos espetaculares para 1958 são: "Ben-Hur", nova versão da Metro, provavelmente com Rock Hudson, direção de William Wyler; "A Maior História Jamais Contada" (The Greatest Story Ever Told), super-produção bíblica, e "DeLuxe Tour", filme de viagens a lugares geralmente fora do roteiro turístico — ambos da Fox; e "O Milagre", produção inicial do programa Warner-National Theatres em "Cinemiracle", novo processo rival do "Cinerama".

(6) Prosseguirão as experiências com processos de "televisão paga", mas a grande maioria dos produtores é incrédula a esse respeito. Os que acreditam no futuro da "pay-as-you-see-TV" só acreditam em sua utilização em futuro próximo em caso de uma nova crise igual ou superior à que declinou em 1954-1956. Seja qual for o figurino do cinema americano em 1958, os produtores europeus estarão a postos para dançar de acordo com a música.

A "CAMISARIA PROGRESSO" PASSOU O ANO NOVO PEGANDO FOGO



O INCÊNDIO NA "Camisaria Progresso" (fundada há 60 anos) começou com um curto-circuito às 19,31 horas de terça-feira (31 de dezembro) e terminou às primeiras horas de 1958, dando um prejuízo de 20 milhões de cruzeiros à firma dos irmãos Artur e Carlos Brandão, ferindo quatro bombeiros, deixando sem emprego (temporariamente) centenas de funcionários e oferecendo um espetáculo

aos cariocas que ocuparam a Praça Tiradentes para assisti-lo.

As chamas na "Camisaria Progresso" (Praça Tiradentes, 2 e 4, esquina da Rua da Carioca) ainda atingiram a Casa Barbosa, Bombonière Gaby, Casas Pernambucanas, Casa Oliveira e A Escolar, localizadas nas proximidades, que tiveram prejuízos mínimos.

A atriz Heloísa Helena, que não teve a

saúde abalada quando o Botafogo (seu clube) foi campeão uma semana antes, quase morreu com o incêndio porque seu marido, o sr. Paulo Magalhães, era proprietário do prédio da "Camisaria Progresso": estava segurado em três milhões de cruzeiros, mas seu valor real era de 30 milhões.

A mercadoria da "Camisaria Progresso" estava segura em 8 milhões de cruzeiros.

O 10.º Distrito Policial abriu inquérito para apurar as verdadeiras causas do incêndio.

No mesmo dia 31, à tarde, duas firmas da Rua do Senado (atrás da Praça Tiradentes) pegaram fogo: "Mundo da Borracha" e "Casa da Borracha". Ficaram somente as cinzas e um prejuízo total de 30 milhões de cruzeiros.

Os irmãos Brandão, da "Camisaria Progresso", mostrando-se abalados pelo incêndio, declararam depois à imprensa que:

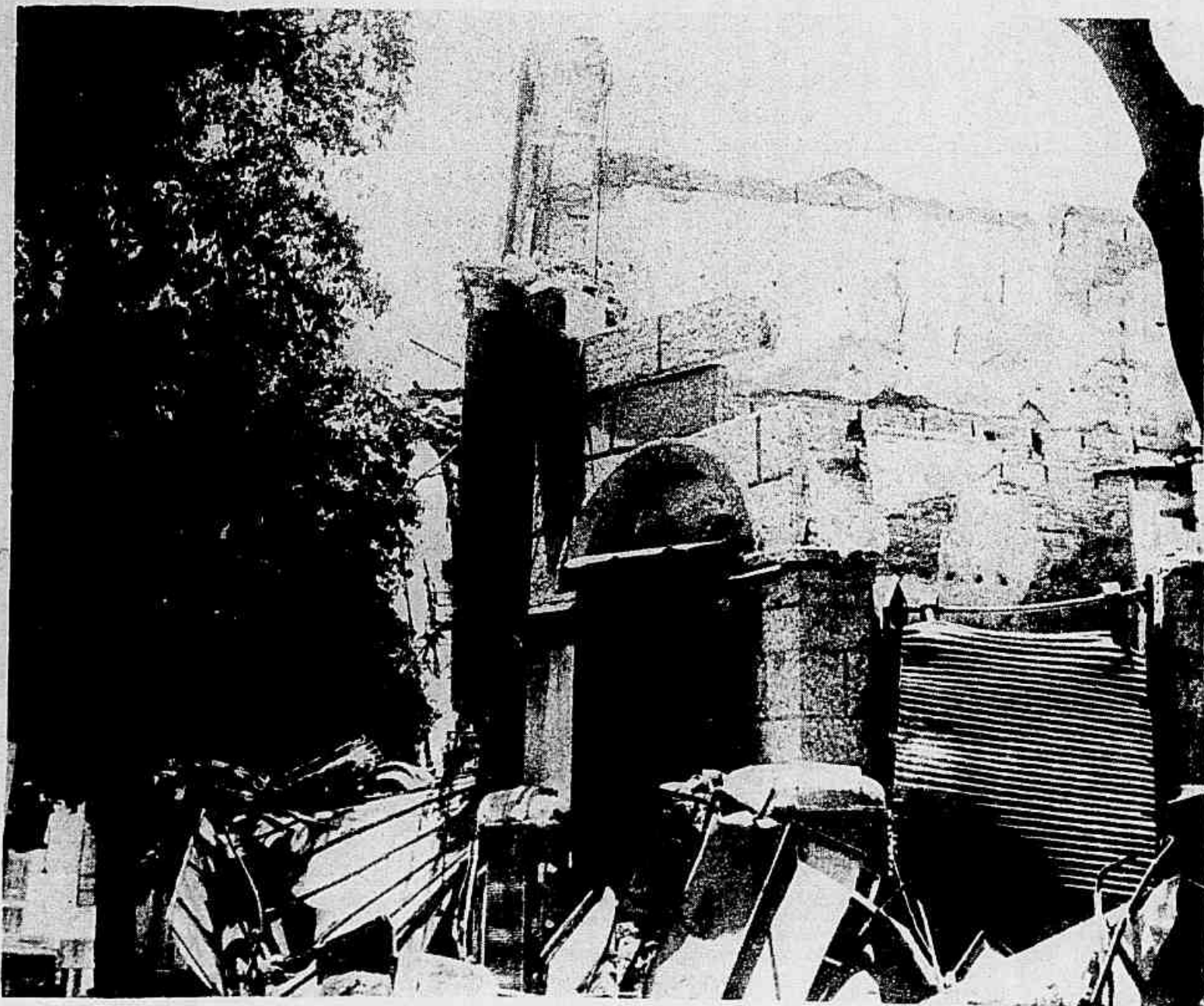
1. Devido às grandes vendas no Natal, distribuíram gratificações aos empregados.

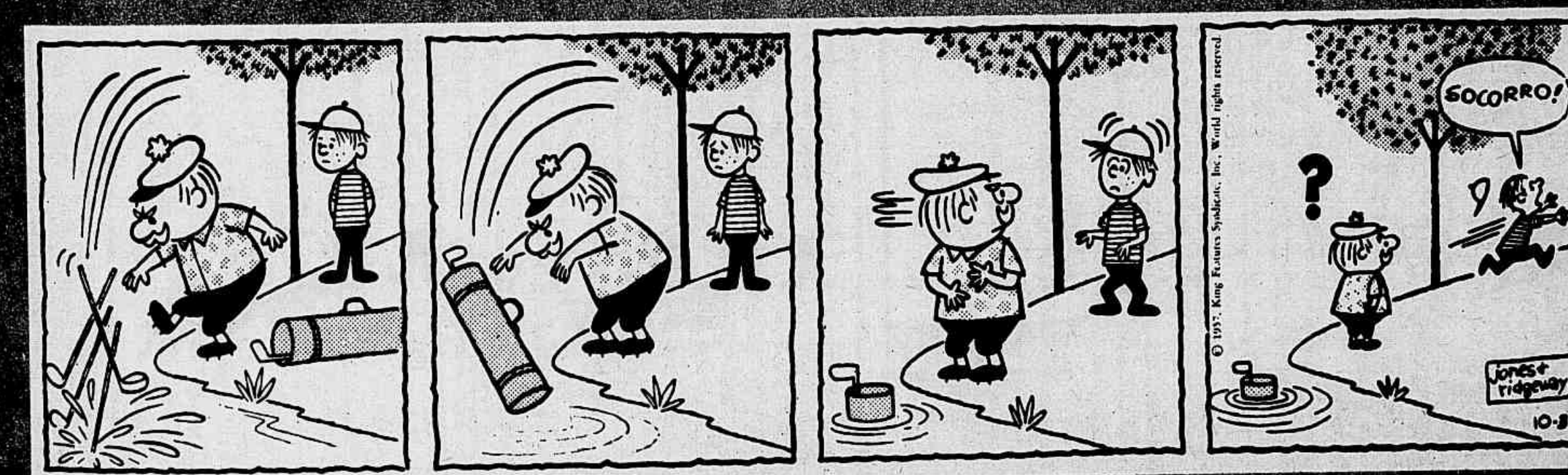
2. Promoveriam grandes reformas na firma em 1958.

3. O prédio da "Camisaria" estava alugado por 65 mil cruzeiros.

4. Os empregados da "Camisaria Progresso" matriz (incendiada) serão distribuídos pelas outras duas filiais.

Na fachada da Camisaria Progresso, na Praça Tiradentes, estava escrito: "Feliz Natal". Na da rua da Carioca "Próspero Ano Novo".





CARLITO ROCHA BEBEU A ÁGUA DO MANEQUINHO

A história do Manequinho, o menino que faz pipi na praia de Botafogo, não começou aqui mas na Bélgica. Foi em Bruxelas que apareceu pela primeira vez no mundo o boneco que faz pipi sem parar. E se chamava "Manneken-Piss."

O "Manneken-Piss", foi feito pelo escultor Duquesnoy em 1619 e sempre foi o mais popular chafariz da Bélgica. Lá como aqui ele sofreu campanha dos moralistas, que não admitiam um menino nu fazendo pipi na frente de todo mundo, no meio da rua. Mas o Rei Luís XV, que era muito moderno e avançado, ofereceu ao Manneken, em nome do país que governava (a França) uma roupa de tecido de prata, bordada a ouro. E o Manneken ficou famoso. E hoje em dia quase todas as cidades do mundo têm o seu menino que faz pipi.

Foi Belmiro de Almeida quem fez o nosso Manequinho, em 1924. Como na Bélgica, houve muitos protestos e o Manequinho teve de sair da Cinelândia para o Mourisco, que era longe e escondido. Nosso Manequinho também ficou famoso e querido. Principalmente entre os botafoguenses, que o transformaram em símbolo do Botafogo. Todo jogador novo que entrava no Botafogo era entronizado no Manequinho; tinha a cabeça banhada com o pipi do menino. Também quando o Botafogo era campeão os jogadores iam tomar banho lá. Era o costume, que não foi esquecido pelos botafoguenses, apesar de o clube passar tanto tempo sem ser campeão. Este ano vestiram o Manequinho com a camisa alvinegra. Os jogadores não foram lá; preferiram subir as escadas da Penha. Mas o Renato Estellita e o Carlito Rocha, que são muito supersticiosos, foram beber um pouco da água.



COMENDO
E SUBINDO
O MORRO

PEDESTRES ESTOMACAI FUNDARAM O BOTAFOGO

FORAM OS PEDESTRES Estomacais que fundaram o Botafogo de Futebol e Regatas em 1904.

Êles eram rapazes que se consideravam "boêmios inocentes" e "Pedrestes Estomacais" porque comiam muito e depois iam passear nos morros, a pé, para fazer a digestão.

O Botafogo foi fundado assim:

1. Os Pedrestes Estomacais estudavam também. Mas não gostavam da matemática. E foi numa aula de álgebra que Flávio Ramos passou um bilhete ao hoje ministro Emmanuel Sodré.

2. O bilhete (que o professor não viu) propunha a fundação de um clube de futebol no Largo dos Leões porque o colega Itamar, que não era Pedestre Estomacal, tinha fundado um clubezinho na rua Martins Ferreira.

3. Os colegas logo foram "cantados": Werneck, Artur César, Vicente, Jacques. Faltava convencer o outro Werneck, o Alvaro, que queria fundar um outro clube, o Ideal, com o Itamar e o Viveiros de Castro.

4. À noite, depois do jantar, êles se encontraram na rua Voluntários da Pátria. Ali mesmo traçaram os planos e decidiram fundar o clube: o Botafogo.

5. Os Pedrestes Estomacais não duraram muito tempo. Depois de fundarem o Botafogo e de muitos passeios, picnics e excursões a pé, acharam que não era mais necessário subir morro para fazer a digestão. Encerraram suas atividades com uma fotografia feita no morro da Babilônia. Cada um dêles

guardou uma cópia com a seguinte explicação: "Pedrestes Estomacais, compostos de 8 cabeças, 16 pés, e outras tantas mãos. Uma das cabeças, dois pés e duas mãos não podem aparecer, porque são do fotógrafo". Os nomes: Emmanuel, Lauro, Cipriano, Rolando, Nestor, Vicente, Artur César e o "Zingo".

6. A idéia de fundar o Botafogo nasceu na aula de álgebra, mas a fundação mesmo foi realizada no casarão da dona Chiquitota, avô de Flávio Ramos. O casarão ficava na rua Humaitá, esquina do largo dos Leões. O Itamar (que ia fundar o Ideal) desistiu da idéia e entrou no Botafogo. Primeira coisa que êles decidiram: eleição da diretoria, com Flávio na presidência, Otávio na vice e Alvaro na tesouraria. Mensalidades: 2 mil réis, jóias de dez.

7. O primeiro treino foi realizado no Largo dos Leões. Mas quebrava muitas vidraças. E êles se mudaram para outro lugar, na rua Conde de Irajá, num terreno cedido pelo pai de Werneck, o Barão de Werneck.

8. Primeiro jogo: derrota. Contra o Football and Athletic Club, com o presidente de goleiro, no campo do Athletic, na rua Haddock Lobo. Placar: 3x0.

9. O time: Flávio Ramos, Vitor Faria e João Leal; Basílio Viana Junior, Otávio Werneck e Ademar Delamare; Norman Hime, Itamar Tavares, Alvaro Soares, Ricardo Régio e Carlos Bittencourt.

10. Êles não desanimaram com a derrota. As vitórias viam depois, como em 1957.



Botafogo, 1948: Pirilo foi campeão



Botafogo, 1957: campeão contra time de Pirilo

FOI UM AMOR DE FESTA o "souper" oferecido pelo Sr. e Sra. Alfredo Thomé para festejar o casamento da srta. Maria Lúcia Gomes com o Sr. Márcio Braga, hoje muito conhecido como "Tabelião Caçula". Como vocês sabem, os noivos, sobrinhos do Sr. Presidente da República ganharam um cartório como presente de casamento...

A maioria das senhoras estavam de vestido comprido Lourdes Catão, de jersey azul turquesa; Gilda Sarmanho, jersey; Yvone Lopes, chiffon branco; Tereza dos Anjos, imprimé sobre tons vermelhos de Dior (copiado em Paris) e a sra. Rita Lôbo, num magnífico vestido italiano, idealizado por José Ronaldo. Dona Sara Kubitschek esteve presente, como sempre com simpatia e encanto.

O MAIS JOVEM MINISTRO do Itamaraty é o sr. José Augusto Macedo Soares, cuja promoção foi um escândalo no Palácio dos Cisnes. O jovem diplomata passou por cima de setenta colegas que estavam à sua frente. Explica-se: Quem tem padrinho não morre pagão... Seu tio é o próprio Ministro do Exterior e a Primeira Dama do País também pediu por ele... Aliás, o Sr. J. A. foi o segundo Ministro que Dona Sara promoveu no ano que passou. O primeiro foi o sempre gentil Pascoal Carlos Magno...

O SENADOR VITORINO FREIRE que rompeu definitivamente com o Embaixador Alvaro Lins, comentava em uma roda que o diplomata-intelectual é o maior desastre da nossa diplomacia e sobretudo "não está girando bem..."

HA UMA FORTE CORRENTE no Jockey Club para trazer de volta à presidência o sr. João Borges, pois o sr. Mário de Azevedo Ribeiro, o máximo que tem feito à frente do Jockey, são as poses que toma quando os fotógrafos se aproximam. Aliás, não é segredo para ninguém que o verdadeiro Presidente do Jockey Clube é o Vice, sr. Francisco Eduardo de Paula Machado que tem o apoio de seu tio sr. Guilherme Guinle...

COMENTA-SE QUE A SRA. Tereza Souza Campos teve um colapso, e a senhora Eunice Modesto Leal, safu imediatamente da cidade (para Petrópolis) quando foram divulgadas as listas das "mais elegantes" onde seus nomes não figuraram...

FALA-SE NAS RODAS sociais que os mineiros que estão fazendo o possível para entrar no chamado "society" ainda não passaram do timinho do Embaixador da Venezuela, que ainda está classificado no terceiro time, sendo o segundo time o da sra. Sara Kubitschek e o primeiro time ainda o da Princesa Dona Fátima... Há ainda o quarto time, mas nesse há tantos nomes, que prefiro

não mencioná-los para não gastar espaço...

O "SOUPER" MAIS ELEGANTE da última semana do ano foi o oferecido pelo Sr. e Sra. Carlos Heilborn...

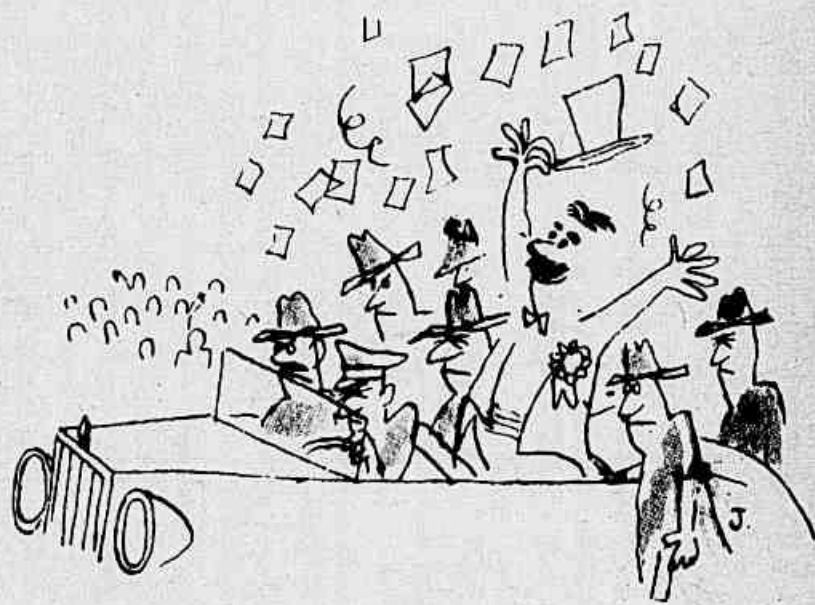
A EMBAIXATRIZ ANTÔNIO DE FÁRIA, feliz da vida, está se despedindo do Rio...

NO SIMPATICO "DRINK" da Embaixatriz Gilda Sarmanho, muito elegante a sra. Jô Bastian Pinto e a jovem Marquesa de Segur, usando um "deuxpièce" de renda Chantilly bege, com colares Chanel. A jovem Marquesa estava "très à la mode": muito parisiense... Mas o Marquês, coitado... estava mesmo o fim. Que paletó!

VOCÊS PRECISAM REPARAR os elegantes vestidos que estão sendo usados pela bonita sra. Danuza Wainer. Uma beleza! Uma coleção maravilhosa!

O SR. JAIME CASTRO BARBOSA elegeu no Country Clube o time mais "cacete". Dizem que o líder da lista é o sr. Virgílio Carneiro...

QUERO PREVENIR AOS meus queridos leitores que não fica bem escreverem para mim em termos impubescíveis... Mesmo porque, apesar de mulher, se fôr necessário topo a briga. Sejam bonzinhos e não me escrevam indelicadamente. Tá?



INEGAVELMENTE O DEPUTADO Renato Archer descobriu a vida noturna carioca. Do jeito que vai ele acabará tomando a liderança nos "Night-Clubs" que divide-se atualmente entre os deputados Edilberto Ribeiro de Castro, José Cândido Ferraz e Leoberto Leal...

PARECE QUE DESTA VEZ o sr. Afonso Arinos Melo Franco sofrerá uma derrota. A sua vontade de entrar para a Academia Brasileira de Letras não será satisfeita, porque os Acadêmicos estão mais inclinados a votar no sr. Guimarães Rosa. Também essa família Melo Franco quer mesmo estar em tôdas... Embora estejam sempre em oposição aos governos...



Por que são diferentes nossos filhos ?

ESTA É UMA PERGUNTA que faz a grande maioria dos pais. Alguns especialistas a ela respondem de forma demasiada simplista: são diferentes as crianças nascidas dos mesmos pais porque nelas agem as forças da hereditariedade, as leis do atavismo, forças e leis que reagem diferentemente sobre cada um dos irmãos. Assim um pode herdar qualidades de um ancestral de cinco gerações passadas enquanto o outro herda diretamente de seu pai. Outros, entre os quais os da corrente chefiada por J. B. Watson, adotariam, ante a mesma questão, posição diversa. Watson lançou ao mundo uma mensagem que aumentou, de muito, a responsabilidade do educador: "Não há instintos. Nada herdado em matéria de fenômenos psíquicos... Tudo é formado pelo meio".

Pode-se perguntar: Acaso são idênticos os momentos de fecundação? A mãe que gera o primeiro filho tem as mesmas disposições afetivas, os mesmos entusiasmos, as mesmas avaliações sociais da

mulher que já foi mãe? A gravidez é sempre idêntica para todos os filhos? O momento do nascimento, que tanta importância tem hoje na psicologia, é sempre igual, para a criança e para a mãe? E pesos são sempre iguais, formas de crescimento, desenvolvimento motor? Bastariam algumas respostas negativas a essas perguntas para que já se tivesse evidenciado alguns "por que" geradores das diferenças entre crianças criadas no mesmo ambiente, nascidas dos mesmos pais. Adler se incumbiu de mostrar, além disso, que há forças importantíssimas criando o que Lewin chama de **sensibilidade ao ambiente** — o primeiro filho reage de forma diferente dos demais. A ele incumbe sempre a pretensão, a vigilância dos irmãos. Há pouco tempo levei meus sobrinhos a um jardim zoológico. O mais velho não viu nem o jacaré nem elefante... ficou o tempo todo a vigiar as mãozinhas dos irmãos e a gritar... "Sérgio, tira a mão da grade" — "Ana Maria, vou dizer a mamãe que você se dependurou

no fôssos dos hipopótamos". Não descansou um instante nem gozou o passeio, porque tem demasiadas preocupações com os irmãos. Isto, acaso, não o fará diferente da menorzinha que nem por um instante teve de cuidar dos outros?

QUE É UM NEURÓTICO? Até o momento ninguém foi mais feliz que Karen Horney ao caracterizar os tipos neuróticos. Em seu livro "A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo", ela mostra que o neurótico é, em primeiro lugar, um produto da época. A desenfreada competição de nossos dias, a luta permanente pela mudança de "status" social, as dificuldades econômicas as guerras etc. geram dúvidas, incertezas, preocupações demasiadas que, às vezes, superam de muito a capacidade que tem o indivíduo para se adaptar às exigências da vida.

Eis como Karen Horney caracteriza o neurótico e a diferença dele para o indivíduo normal.

INDIVÍDUO NORMAL	INDIVÍDUO NEURÓTICO
Distingue um elogio sincero de um falso	Não os diferencia e sente repugnância por eles em qualquer circunstância.
Pode mostrar-se indeciso em face de alguns assuntos difíceis de solucionar	Sempre tem dificuldades para decidir.
Tem desejo de afeto e retribuição. Quando exige, retribui.	Desmesurado desejo de afeto. Notável contradição entre seu desejo de carinho e sua própria capacidade de oferecê-lo. Muitas exigências e pouca consideração para com o próximo.
Sabe o que deseja	Inibições para determinar o que, em verdade espera e deseja da vida.

E A NEUROSE TEM CURA? O primeiro passo para a cura é o reconhecimento por parte do doente e o sincero desejo de tratar-se.



ANDY GRIFFITH

"Um rosto (Premiado) na Multidão"

CINEMA

A CRÍTICA PREFERE OS NOVOS



JOANE WOODWARD

A mulher do próximo é melhor

CANTINFLAS

"A Volta ao Mundo em Oitenta Dias"



A INFLUÊNCIA DECISIVA DO ACTORS' Stúdio e Elia Kazan, um de seus mentores, sobre o cinema americano, foi mais uma vez confirmada na seleção dos "melhores do ano" pela crítica americana (Independente da opinião de Nova York), patrocinada por "Film Daily", jornal do comércio e indústria cinematográficos. Quatro elementos desse grupo renovador figuram entre os "melhores intérpretes" de 1957: Joanne Woodward (1º lugar), Eva Marie Saint (2.º) e Carol Baker (33.º), entre as atrizes; Andy Griffith, o "melhor ator". Os Veteranos James (Cagney e Stewart) fizeram fila atrás de Griffith. E, embora alheio ao "Método" do Actors' Stúdio, o "melhor diretor" Michael Anderson, com "A Volta do Mundo em 80 Dias", representou também uma tendência: a consagração dos novos talentos em Hollywood.

JOANNE WOODWARD, membro do Actors' Stúdio, revelou-se no cinema em papel reminescente da maior atriz do "Método": Julie Harris. Sua órfã da Guerra Civil criada masculinamente na casa do pregador Van Heflin em "O Vale da Redenção" (Count Three and Pray) lembrou muito a menina inquieta de Carson MacCullers em "Cruel Desengano" ("The Member of the Wedding"). Morreu no primeiro terço de "Amor, Prelúdio da Morte" ("A Kiss Before Dying") e o "thriller" perdeu quase todo o interesse. Com "As Três Máscaras de Eva" ("The Three Faces of Eve"), que lhe deu o prêmio da crítica, subiu definitivamente ao estrelato. Após esse filme, onde interpreta um caso de múltipla personalidade, fez outro provavelmente melhor, "A Mulher do Próximo" ("No Down Payment") Os dois últimos são da Fox, que vem prestigiando em toda linha sua ascensão.

ANDY GRIFFITH ficou famoso instantaneamente na Broadway com "No Time for Sargeants" Elia Kazan foi buscá-lo para "Um Rosto na Multidão" ("A Face in the Crowd" sua estréia em Holly-

wood, agora premiada pelos críticos. E' uma crítica violenta à tendência das massas à adoração de falsos ídolos, principalmente nos Estados Unidos, onde a força dos meios de comunicação entregues a interesses comerciais poderosos tendem a criar uma Opinião Pública monolítica, temerosa de qualquer discordância. Griffith já fez outro filme, adaptação de "No Time for Sargeants", na Warner.

MICHAEL ANDERSON, diretor moço, começou em funções subalternas nos estúdios ingleses. Sua ascensão como diretor foi consolidada pelo sucesso comercial de "Labaredas do Inferno" ("The Dam Busters"), reconstituição da destruição das represas do Ruhr pela RAF, durante a última Guerra Mundial. Conhecemo-lo também de "1894". Certamente suas inegáveis qualidades ainda não encontraram a oportunidade ideal em "A Volta ao Mundo em 80 Dias", que é mais um "filme de produtor" (Michael Todd).

JAMES CAGNEY encontrou em "O Homem das Mil Caras" biografia de Lon Chaney, mais um veículo para seu talento versátil. Dorothy Malone e Jane Greer são suas companheiras nesse filme da Universal.

EVA MARIE SAINT, que estreou no cinema com um "oscar" (coadjuvante) em "Sindicato de Ladrões", tem outra excelente atuação em "Cárcere sem Grades" ("A Hatful of Rain"), que a colocou após Joanne Woodward na seleção da crítica americana. Aparece com Don Murray e Anthony Franciosa nesse filme de Zinnemann.

JAMES STEWART, embora velho e inadequado à personalidade do Lindberg, poucas vezes esteve tão bem como em "Águia Solitária" ("The Spirit of St. Louis"). O filme, porém, fracassou na bilheteria e representa uma etapa indifferente na carreira do diretor Billy Wilder.

CAROL BAKER, terceiro lugar entre as atrizes, ficou famosa da noite para

o dia com "Boneca de Carne" ("Baby Doll") que Elia Kazan realizou sobre um "script" de Tennessee Williams. A condenação da Legião de Decência e a sucinta camisola que se transformou em moda foram seus grandes triunfos propagandísticos. O grande sucesso fez todo mundo esquecer que ela já participara de um filme, "Giant" ("Assim Caminha a Humanidade") em pequeno papel no elenco liderado por Rock Hudson, Elizabeth Taylor e James Dean.

JAPÃO INAUGURA CINEMA EM S. PAULO

A COMPANHIA TOHO, uma das "cinco grandes" do cinema japonês, que arrendou o novo Cine Tóquio (S. Paulo) por 25 anos, a começar em janeiro, é a produtora de "Os Sete Samurais", premiado com um "Leão de Prata" de 1954, no Festival de Veneza. É produtora, distribuidora e exibidora. Começou em 1932. Durante a segunda guerra mundial, seu presidente foi ministro e a companhia liderou a produção de filmes militaristas. Exemplo: "A Batalha Naval de Hawai e da Malásia", sobre Pearl Harbour e a deflagração da guerra no Pacífico — filme comemorativo do primeiro aniversário do ataque à base americana.

A inauguração do Tóquio vem sendo aguardada com grande interesse, porque colocará a produção japonesa mais recente ao alcance do público paulista. Não só em quantidade (o maior produtor mundial, com mais de 500 filmes por ano), mas também qualitativamente, o Japão está entre os mais importantes centros cinematográficos. Além de filmes da Toho, que produz quase 70 anualmente, o Tóquio apresentará produções de outras companhias (umas 10 no primeiro esquema de importação), principalmente da veterana Nikkatsu.

Filme inaugural: "Os Samurais da Universidade" ("Daigaku no Samurai Tatti"), da Toho, em "Eastmancolor" e "Tohoscope", com Akira Takarada, o ídolo musical do momento, Yoko Tsukassa, Akira Kubo e Mitsuo Saburi. Talvez o mais importante entre os já anunciados: "Kumosujo", um "Macbeth" à japonesa, dirigido pelo cineasta de "Rashomon", Akira Kurosawa.

RITA VOLTA COM LÁBIOS DE FOGO

ROBERT MITCHUM E JACK LEMMON, sócios em contrabando nas Antilhas, recebem uma proposta incômoda, mas comercialmente interessante: levar de Porto Rico à ilha de Santa Nada, uma européia (Rita Hayworth) sem pátria e sem qualquer sucedâneo para documentos cuja solicitação é um mau hábito das autoridades de todo o mundo. Rita acaba de ser despedida por seu úl-

timo "protetor", negociante de Detroit. Como nos piores melodramas a mulher sem destino provoca a separação dos grandes amigos. O "bom rapaz" (Lemmon) resolve regenerar-se para dar uma nova vida à infeliz, sem saber que ela prefere o "mau", que a trata brutalmente. Lemmon empreende sem o companheiro a última viagem à margem da lei. Mitchum, enxarcado em álcool, avisa a polícia marítima. Lemmon consegue escapar, abandonando o barco e a "moamba". Compra um revólver e embarca como tripulante em um navio grego com destino a Santa Nada.

Súbito, o filme muda de tom. É que o navio colidiu com outro ao se aproximar do porto, Lemmon ficou com as pernas presas sob uma enorme viga, no porão, e o carregamento de borracha começou a incendiar-se. O navio atraca para o possível socorro. As mangueiras entram em ação enquanto um simpático tenente da Marinha americana (Bonar Colleano) procura por todos os meios retirar a viga que aprisiona Lemmon. Se o fogo se alastrar, o carregamento de nitrato explodirá com o porto e boa parte da cidade. Se continuarem acionando as mangueiras, o navio irá ao fundo sob o peso da água, as docas ficarão interditadas, seus trabalhadores desempregados, o capitão (Peter Illing) jamais conseguirá outro navio e o encarregado do porto (Herbert Lom) perderá sua posição. Se Lemmon não permitir a amputação de suas pernas (presas mas não inutilizadas) tudo indica que morrerá afogado, sufocado (pela fumaça) ou esfacelado por explosões. Mas ele prefere morrer inteiro e, embora o fim pareça inevitável, conserva até o último instante de tortura a decisão de matar Mitchum se Deus (ou o Demônio) lhe derem chance. E, após horas e horas de tentativas infrutíferas, o navio moribundo é rebocado até distância conveniente e abandonado. No cais, o médico (Bernard Lee), os tripulantes e a população esperam em silêncio o fim.



RITA HAYWORTH
De volta à "jungle" de Hollywood

Final francês, é claro, não acontece em filme americano. "Façamos silêncio sobre os últimos instantes — os que menos interessam em "Fire Down Below" ("Lábios de Fogo"). O filme não é 100% bom, nem 100% mau. Perdeu-se uma grande oportunidade quando o "script" caiu na mão de Robert Parrish, diretor sem talento, personalidade ou mesmo qualidade artesanal. O grande valor de Parrish é não fazer nada, porque uma intervenção intensiva de sua parte poderia desfigurar e tornar insuportável o "script" que o novelista ("The Young Lions") Irwin Shaw extraiu da história de Max Catto.

Ausente o diretor, o filme se desenvolve em imagens quase neutras, com as enquadrações habituais do processo "Cinemascope". O espectador mais convencional pode achar que há muita ruga em Rita, pouca Rita na fita ou muita "fita" (quase 2 horas) para uma história que, afinal de contas, não tem o "suspence" erótico ou a movimentação melodramática de "Gilda", "Mulher de Satã" ou "Uma Viúva em Trinidad". Os mais impacientes ou indiferentes podem sair no meio ou logo em seguida ao sensual calipso de Rita, porque aí "acabou o que era doce". Em verdade, a fita ameaça ficar mais doce do que doce de leite — um dos truques da receita de Irwin Shaw — e, de repente, vai ficando amarga a ponto de provocar caretas em todos os portadores de "drops" na platéia. Primeiro o "script" joga com os clichês mais batidos da dramaturgia hayworthiana, jogando com ironia nos diálogos e até com patetismo no paralelismo do final de carreira de uma aventureira quando-possível-de-luxo com o retorno da ex-Sra. Ali Khan à selva de asfalto de Hollywood. Depois ameaça um final à mexicana, outro à francesa e, quando acaba mesmo à "Vanguard" é para satisfazer os comedores de pipocas — que preferem uma explosão monumental ao silêncio inteligente na terra à que todos estamos condenados — mas, embora eles não saibam, já terminou de verdade cinco minutos antes. No dia em que o bom cinéfilo se compenetrar de que os cinco minutos finais dos filmes pertencem ao produtor e à censura, haverá menos apêto na saída e o cinema será encarado com mais otimismo.

No saldo positivo: o elenco liderado pelo talento de Jack Lemmon, com Robert Mitchum sonolento e sujo como convém ao papel, a canção-título de Lemmon e a fotografia feita parcialmente em Trinidad.

PRODUÇÃO Warwick-Columbia, 1957. Diretor: Robert Parrish. "Screenplay" de Irwin Shaw, baseado na novela "Fire Down Below", de Max Catto. Fotografia: Desmond Dickinson. Música: Arthur Benjamin e Vivian Comma. Com Rita Hayworth, Robert Mitchum, Jack Lemmon, Herbert Lom, Bonar Colleano, Bernard Lee, Edric Connor, Peter Illing, Anthony Newley, Eric Pohlman. "Cinemascope" & "Technicolor".

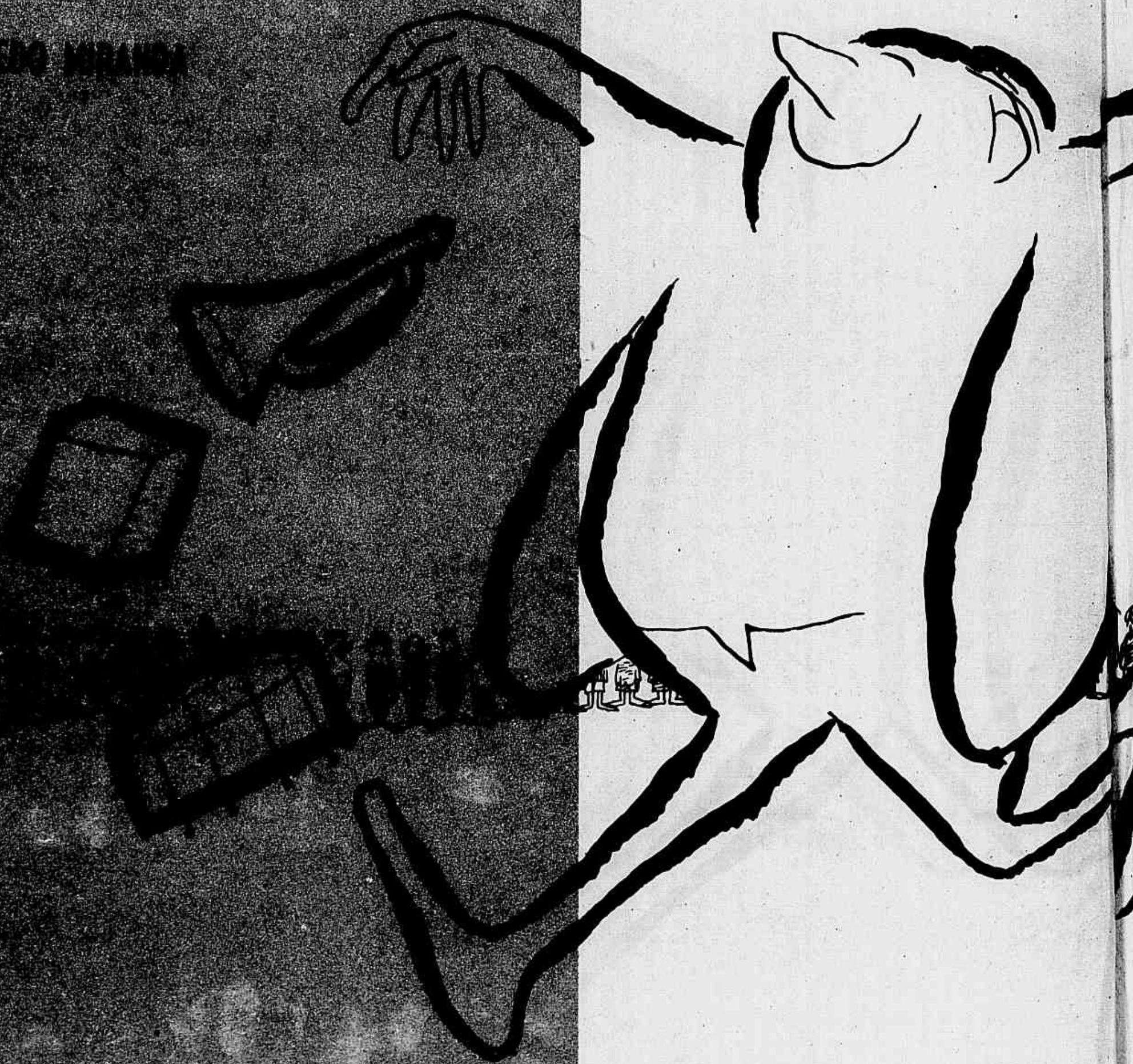
DAR ALEGRIA ÀS CRIANÇAS

MAURO MORANDA

AO SAIR O CONTABILISTA-CHEFE de suas empresas, meu tio ficou feliz. Tinha estado algumas poucas horas estudando balanços e relatórios e, agora, charruto no canto da boca, ele sorria, satisfeito de si mesmo, de sua capacidade, de sua eficiência, acariciando aquelas laudas que encerravam, num disciplinado exército de algarismos, o retrato dos lucros que alcançara durante o ano.

Viúvo sem filhos, o trabalho era para ele diversão e necessidade. Creio que meu tio acumulava gansos fabulosos mais por espírito esportivo que por ganância de dinheiro. Antes de tudo, colocava o gozo de deixar para trás os concorrentes. Aí, talvez, a explicação do seu êxito.

Naquela noite, enquanto atirava baforadas azuis para o teto, deixou-se lentamente invadir pela generosidade que a satisfação com a gente mesma às vezes desperta. Acabou sentindo precisão absoluta de ser bom. Que poderia fazer pelo bem da humanidade? Tudo quanto o dinheiro proporciona, sem dúvida. Mas que



fazer? Longe dele o desejo de caridade ostensiva. Tampouco lhe satisfaziam um hospital, uma creche, um asilo, coisas frias e impessoais, onde os amparados não sentiriam o calor humano de seu desprendimento e ele veria diluir-se o prazer de praticar o bem, dada a interposição de uma série de fatores puramente formais.

Queria, realmente, era fazer alguém feliz e sentir-se fazendo alguém feliz. Por uns segundos, tentou-o um gesto espetacular e singular. Coisa assim como abordar de repente um pequeno funcionário, uma pobre mulher de rua, um operário que voltasse sujo e esfomeado para o seu trem de subúrbio, estender-lhe um pacote e desaparecer. Seduzia-o ficar pelo resto da vida imaginando as reações da humilde criatura, quando abrisse o pacote e encontrasse mil contos!

Meu tio abanou a cabeça, com o charuto entre os dedos. Não, aquilo não lhe servia. E se o homem (ou a mulher) desconfiasse daquilo e, temendo as consequências, fôsse levar o dinheiro à Poli-

cia? Com que cara ficaria? Ir reclamar a devolução seria ridículo. Não acreditariam na sua história fantástica e julgariam que estava tentando apropriar-se do que não lhe pertencia. Perder estupidamente a excelente soma que destinara à felicidade alheia? Depois, as aparências enganam. E se desse a régia esmola a um escroque, a um caften, a um traficante? Decididamente, aquele não era o caminho.

Demais a mais, não estava em suas intenções beneficiar uma pessoa apenas. Na realidade, o operário poderia ter família grande, muitos filhos, e as crianças... As crianças! Meu tio quase gritou e quase se ergueu da poltrona, contrariando os seus hábitos de sobriedade. As crianças... Mas como não pensara nisso antes? Era do preceito evangélico tornar as crianças felizes. E que felicidade maior que essa de dar felicidade aos pequenos seres que eram todo o encanto do mundo?

Fôssem para o diabo os jornais, se tentassem explorar seu ato como sede de pu-

blicidade! Estava decidido a comprar toneladas de doces e mandar distribuir tudo entre as crianças da cidade. Sentir-se-ia pago de todas as amarguras, de todas as decepções, ao ver as carinhas risonhas, as ingênuas mãos entendendo-se para o inesperado banquete. A palpação daqueles frágeis corações marcaria as horas realmente felizes de sua vida.

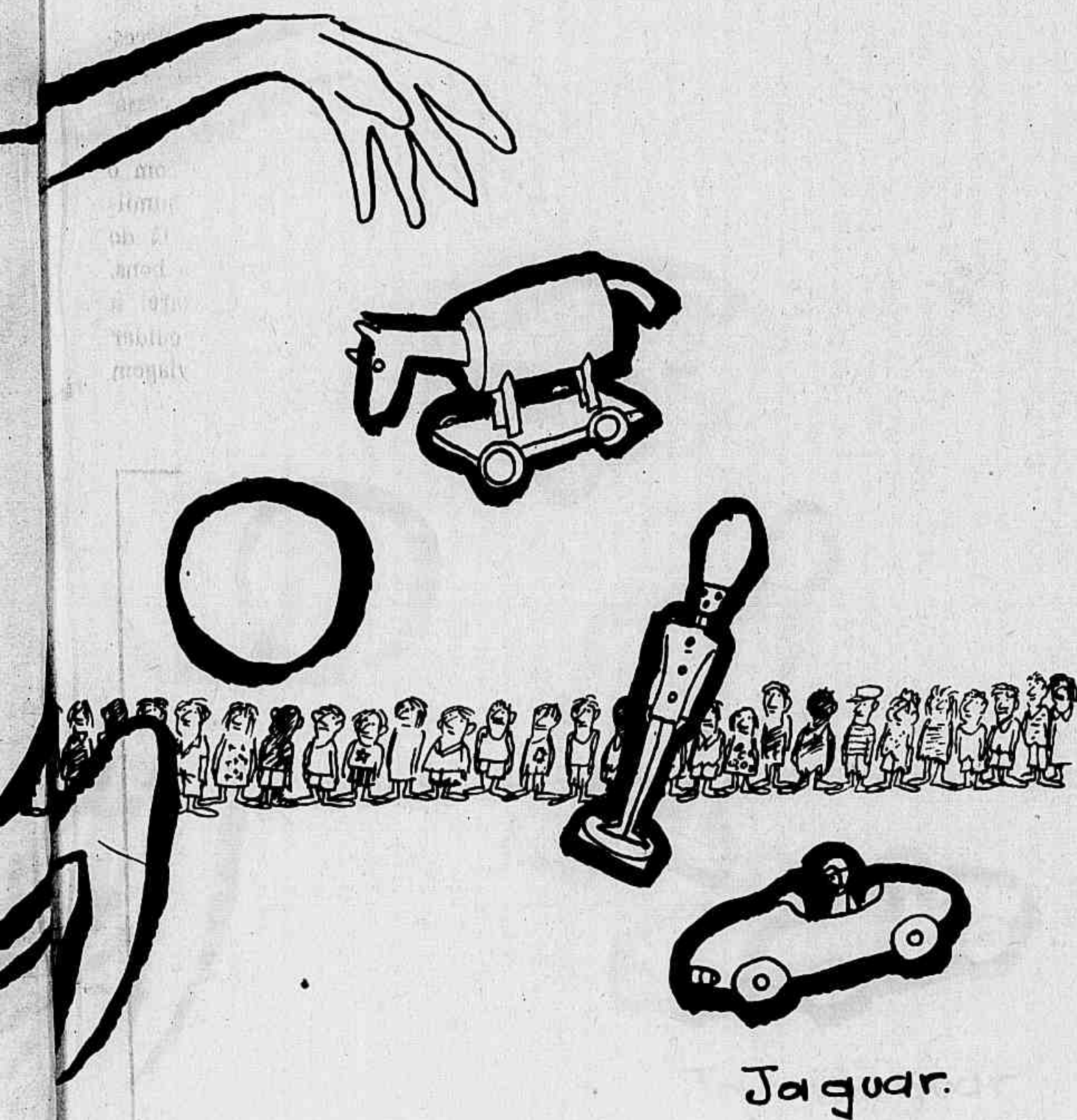
Meu tio era um homem bom. Mas era também um homem de negócios. Nessa dualidade, acabava sempre por levar a melhor a parte prática. O principal — raciocinou — era tornar venturosas as crianças. Não necessariamente dando-lhes doces. Havia outras maneiras, e mesmo melhores, de atingir igual objetivo. As crianças gostam mais de balas. Por outro lado, se encomendasse enorme porção de balas a uma fábrica, certamente obteria um bom desconto. Não que o preocupasse a quantia a despende. Repugnava-lhe, porém, gastar inutilmente. Se os beneficiários de sua inédita filantropia seriam felizes da mesma maneira, para que aumentar os lucros de um industrial que nenhuma parte teria na alegria dos petizes e na sua própria alegria?

Estava quase a fixar-se na solução das balas, quando melhor idéia — esta, em verdade, genial — lhe ocorreu. Muito mais que doces ou balas, as crianças apreciam brinquedos. E os brinquedos proporcionariam dupla vantagem. Em primeiro lugar, duravam mais, prolongando o prazer dos pequeninos. Enquanto existissem a boneca, a bola, a bicicleta, ele seria lembrado e abençoado no coração de filhos e de pais. Em segundo lugar, tinha uma fábrica de brinquedos. Levando em conta que seus lucros eram nunca inferiores a setenta por cento (pois sabia dirigir seus negócios), gastaria cifra, muito menor, dando muito maior prazer — a si mesmo e aos escolhidos de sua bondade.

Ficou contente com a própria perspicácia, decidindo-se definitivamente pela solução dos brinquedos. Tirando a última baforada do charuto, foi satisfeito e feliz para a cama. Em paz com Deus, com os homens e consigo. No dia seguinte, cuidaria de tornar realidade os planos arquitetados naquela noite. Mas precisou, logo de manhã, entregar-se aos preparativos da viagem de recreio que faria à Europa. Transferiu o projeto por um dia, dois, uma semana, duas — e acabou esquecendo o sonho que tivera numa noite feliz.

x x x

Meu tio não chegou a viajar para a Europa. Morreu antes. A história de seu testamento é curiosa e vale a pena de ser contada. Viúvo sem filhos, como já disse, tinha em mim o único herdeiro em perspectiva. Fôra pelo menos assim, até que recolhera e resolvera criar uma pobre menina, pois era um homem bom, como também já disse. Serafina apareceu para se interpor entre mim e a fortuna, já que para ela foram logo todo o caminho e a intenção de testar de meu tio.





Não odiei Serafina por isso. Pelo contrário, cheguei a amá-la, até certo ponto e de certa maneira. Em verdade, quando meu tio praticara a caridade de tomar a si a vida daquela menina de pais ignorados, estava eu na doce quadra em que não sabemos de testamentos e de heranças. Com a idade, veio a consciência da derrota que a pequena significava para mim. Mas veio também a noção dos seus encantos de quase moça, que já era por então. Na luta entre o amor e a cobiça, venceu o lado bom. Pelo menos, até certo ponto e de certa maneira.

Chegou, entretanto, a hora da tragédia. O coração de meu tio foi alanceado pela ingratidão de Serafina, que deu o famoso e imperdoável passo errado. Quando perdeu a coroa da virgindade aquela que ele abrigara em sua casa e em sua alma, nunca mais quis vê-la. Negou-se a ouvir qualquer explicação. Mesmo porque o ato inominável nada apresentava que o pudesse justificar. Eu havia combinado com Serafina deixar meu tio findar seus dias ignorando o nosso romance. Não lhe amargaríamos tanto o fim da vida. Não lhe diríamos que, além de a pupila ter-se deixado reduzir, o sobrinho fôra o sedutor. Por esse lado, tenho a consciência tranqüila.

Serafina confiava plenamente em mim e se dispôs a vencer em silêncio o lance cruel. Na realidade, perdia muito pouco — ou mesmo nada — além da reputação e do amor de meu tio. Não sendo ela a herdeira universal, o herdeiro universal seria eu. Nosso casamento, após a morte de meu tio, reporia tudo em seu antigo estado. Pois, herdando ela, estava contratado entre nós que nos casaríamos. Se precipitei as coisas, foi apenas no desejo muito compreensível de me garantir, uma vez que não se pode confiar nas promessas das mulheres. Não contávamos com a evidência física da consumação do ato contratual, que acabou depondo Serafina da afeição de meu tio.

Odiei tanto essa evidência, que insinuei a Serafina a possibilidade de a suprimir. Juro, perante Deus e os homens, que não

a induzi ao aborto. Até falei nisso com displicência, sugerindo somente que a existência de um filho prematuro talvez criasse obstáculos à nossa felicidade futura. Ela devia compreender que a coisa por enquanto não transpusera as paredes de nossa casa. Não havia necessidade de torná-la pública. Pelo contrário: todo o interesse estava em evitar que isso acontecesse. A culpa não me cabe, se Serafina é uma criatura demasiadamente sugestível. Embora de consciência limpa, cheguei a perturbar-me um pouco, quando ela cometeu o estúpido ato. Admoestei-a àasperamente. Mas, como sou, graças a Deus, um homem de ânimo forte, consegui esquecer o episódio com a desejável rapidez.

Ninguém me pode acusar pelo não cumprimento do contrato que Serafina condescendera em selar antes do prazo. Disse um famoso pensador francês — cujo nome não me ocorre no momento — que o coração tem razões que a própria razão desconhece. Afinal, Serafina não é muito bonita nem muito inteligente. Dulce leva tôdas as vantagens sobre ela. E eu (que diabo!) sou hoje um industrial, um homem de negócios. Tenho deveres para comigo mesmo e para com a sociedade, que o comum dos homens não tem.

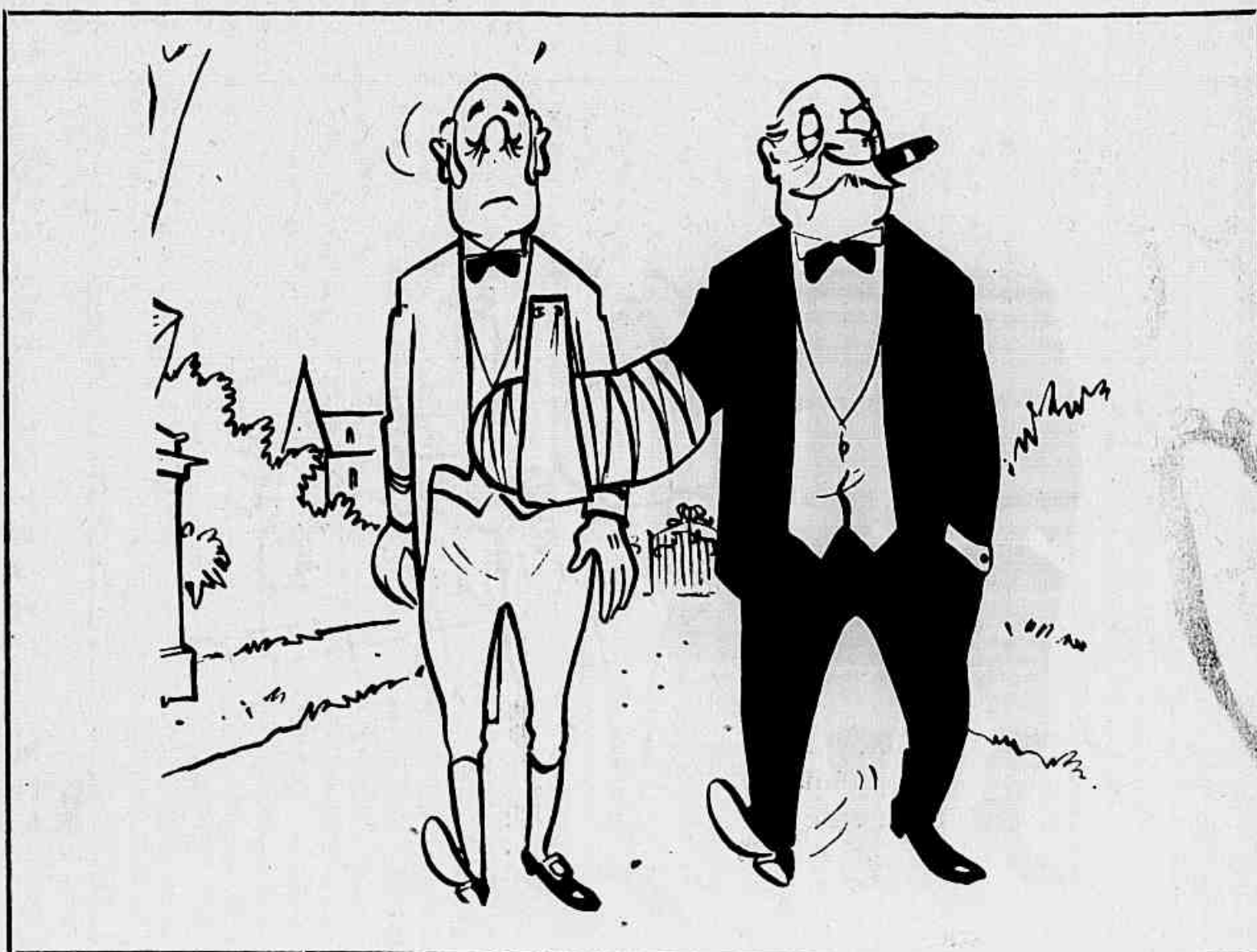
E' preciso ser um forte e não sacrificar a vitória na vida ao amor de uma menina piegas, que, de qualquer forma, sem a bondade de meu tio e a minha tolerância, estava destinada à mais negra miséria. Se culpa houve, ela — esta, a realidade — teve-a tanto quanto eu, na cabeçada que demos. Éramos moços, confiantes, sadios — e a Natureza pode muito. Acabado o mistério, lá se vai o amor se motivos mais vigorosos não ocorrem.

Tenho também o dever de consolidar as emprêsas que meu tio me transferiu. Nenhum caminho mais indicado, para isso, que o casamento com a filha de um grande industrial como o comendador.

Além do que, Dulce é o tipo de mulher que todos me invejarão. Há entre nós amor verdadeiro. E somos ambos suficientemente ricos, de modo a impedir que se fale num casamento de conveniência. Para lavar as mãos, embora, repito, nenhuma culpa reconheça no caso, destinei um pequeno presente a Serafina: os mil contos que meu tio resolvera converter em alegria para as crianças da cidade.

Ah, é verdade, as crianças... Por que não realizarei, com esse dinheiro, em vez de expiar pecado que não cometi, o projeto de meu tio? Do céu, de onde nos contempla, seu coração generoso rejubilará com a minha generosa ação. Comprarei doces, toneladas de doces, para os petizes meus contrerrâneos, muitos dos quais, pobres diabos, talvez não saibam o paladar de um confeito. Mas... por que doces? Meu tio era, em muitos pontos, um homem sábio. Sua bondade não excluía um seguro discernimento. Sim, ele devia ter razão: as crianças preferem balas. Preferem balas, é certo. Porém os brinquedos levam vantagens que doces e balas não apresentam. Estou mesmo com um enorme estoque encalhado, com probabilidades de lucrar somente uns cinquenta por cento, o que é quase trágico para um homem que tenha a visão de negócios que, modéstia à parte, não posso deixar de reconhecer em mim.

Está dito. Distribuirei entre as crianças o estoque que me entulha os depósitos, de cujo precioso espaço tanto necessito. Cuidarei disso imediatamente. Não tão imediatamente quanto seria necessário para a felicidade que me trará a felicidade das crianças contempladas com o presente que, através de mim, seu humilde instrumento, meu tio lhes faz lá do céu, lá da glória dos justos e dos bons. Não tão imediatamente, repito, farei a mágica oferta — porque preciso cuidar das minúcias de minha próxima viagem de recreio à Europa.



MONIQUE, ELEGANTE DE PARIS, ENCONTROU SEU AMOR NO RIO

Foto Apla

MONIQUE ANDEOL LIEBEL, a loura modelo francesa que vai casar-se com um advogado carioca, tornou-se manequim em 1956, após ter-se divorciado de seu primeiro marido, e disse à REVISTA DA SEMANA que apesar de não ter ganho muito dinheiro divertiu-se muito, viajou pela Europa, Oriente e América do Sul, "sem depender de ninguém, sem ser rica, sem ter herdado fortuna ou mesmo sem dinheiro de homem".

"Precisaria ter gasto muito dinheiro se tivesse de pagar o quanto me diverti em minha profissão de modelo", disse monique, que já foi capa da revista "Noir et Blanc", apareceu em "Jours de France", foi fotografada para a capa do "long playing" "Tudo Lembra Você" (Orquestra Robert Farnon) e para caixinhas de fósforos nos Estados Unidos, apareceu em diversas publicações mundiais e, em 1955, foi apontada pela "Nouveau Femina" como um dos sete sucessos de Paris.

O que Monique tem: 25 anos, cabelos louros, olhos verdes, narizinho arrebitado, jeito completamente feminino, 1m70 cm. de altura, 55 ks., 54 de cintura, 89 de busto, 90 de quadris e 48 de coxa.

Do que Monique gosta: de lírios, de música, de cinema, de teatro, de livros





policiais (Conan Doyle é seu autor preferido), de jogar piriba, de usar calças (compridas) vermelhas com blusinha branca floreada e de calçar sapato tipo "ballet".

Quem é Monique: francesa de Bordeaux, filha de um enfermeiro (a mãe já morreu), tem um irmão menor que recentemente foi convocado para servir na Argélia. Foi casada com um comerciante-modista (Liebel) de capas de peles.

Como manequim, Monique viajou para os costureiros Magguy Rouf, veio pela primeira vez ao Brasil em fevereiro de 1957, desfilando para a Bangu, esteve em Punta del Este, em Buenos Aires, brincou no Carnaval do Rio e conheceu o advogado Leoni Machado, que esposará porque, entre outros fatores:

1) — Ele viu nela: beleza, bom coração, sentimentalismo, ambrosidade, sabe dizer o que pensa;

2) — Ela viu nele: dois olhos verdes, alegria e compreensão.

Monique, que se diplomou em penteados, acha que a mulher parisiense é a mais elegante do mundo por causa da vida que leva, porque Paris é o centro da alta costura, porque ela tem facilidade para adquirir artigos de moda e por causa da tradição. Para ela, a brasileira é muito elegante, mais bonita do que a francesa e mais natural. "A francesa é mais sofisticada".

O costureiro de que mais gosta é Balianciaga.

Quanto à linha "saco", diz que só se é contra à inovação porque tudo que é novo causa protestos e admiração. "A novidade quando é revolucionária choca, mas nem por isso se deve desprezar o seu valor. A linha "saco" nas mulheres magras embeleza muito", acrescenta Monique, eleita pelos modistas parisienses como a mais elegante em 1956.

Monique diz que revelará mais tarde o nome dos produtos de beleza que usa. Ela fuma, bebe socialmente, é tipicamente parisiense e seu maior sacrifício é adaptar-se ao Rio, que acha completamente diferente de Paris, apesar de todos os seus encantos.

"Se fôsse só o calor, o problema estaria resolvido com as praias. Mas a alimentação no Rio, quando chega a se parecer com a de Paris é de tal forma cara que exige verdadeiros sacrifícios financeiros para se comer bem", diz Monique, achando que a vida noturna no Rio é muito reduzida, razão por que a mulher dá menos atenção às suas roupas e ao seu modo de vestir.

Monique conhece a Princesa Soraya ("muito bonita e, sobretudo, muito coberta de jóias") e o Rei do Irã, acha o homem italiano muito elegante, principalmente quando une seu modo de vestir ao do inglês e dos artistas de cinema aprecia bastante Jean Marais.

MONIQUE ENSINA:

COMO VESTIR-SE BEM

PROCURE DEFINIR qual é o seu tipo de mulher, olhando-se com severidade e sem indulgência no espelho. Escolha vestidos que se adaptem à sua personalidade, à vida que costuma levar e ao clima em que vive.

Se você é uma mulher ativa, sua preferência deverá ser, pela manhã pôr um vestido "chemisier" ou uma saia e blusa bonitas, simples, femininas, que você poderá iluminar com dois "bijoux" em ouro; jamais use brilhantes pela manhã. Acessórios (bolsa, luva, cinto, etc.) devem ser alegres e divertidos.

Poderá ainda escolher duas peças: saia e blusa retas ("cardigan"), ou vestido folgado, ligeiramente cerrado à cintura.

Depois das 17 horas, vestidos retos, ligeiramente decotados, ou vestidos largos, sempre em moda, e que dão um andar mais macio.



À noite, seja mais original e ainda mais feminina, acentuando sua personalidade. Vista-se de acordo com o lugar a que deverá ir e o tipo de convidados que você terá.

Se você é alta e magra tem a chance de poder usar tudo sem restrições, mas sem esquecer que excentricidade não quer dizer elegância.

Se você tiver que receber amigos para ouvir discos ou se você for escutá-los em casa de alguém, deve usar calças compridas. É muito mais prático e próprio para sentar-se sobre um "pouff" ou mes-

mo sobre o tapete, o que, de resto, é chic e está muito em moda. Escolha calças de cores luminosas. Use-as com bonitas blusas. Para fazer "estilo toreador", utilize-se de um cinto largo, e você mesma poderá fazê-lo costurando ao longo das pernas das calças uma fita ou cadarço de cores vivas ou florido. Existem alguns muito bonitos. Isto fará um "ensemble" original e muito pessoal.

Contraste as cores, mostarda e turquesa, bege e verde vivo, vermelho e preto, ou harmonize-as com violeta parma e rosa, azul marinho e azul céu, vermelho morango e amarelo areia, marron e verde.

Para uma recepção, um jantar e uma "soirée" em uma "boite" você poderá escolher entre o vestido de noite, o vestido de jantar e o vestido de dançar.

Para o vestido de noite, escolha tecidos e cores ricas e luminosas. O "lamé", cetim, "faille" e a renda são bastante femininas.

O vestido de jantar deve ser mais simples e discreto. O "crêpe" e a "mousseline" estão muito em moda. Fazem os vestidos de uma delicadeza "souplesse". Pequenos "feurreaux" bem curtos, pretos, que devem sobressair pela fantasia dos chapéus. Eles podem ser em "gersey", "lamé", em casemira ou em veludo.

Os vestidos para dançar deverão ser amplos, folgados, pois se tornam mais graciosos. Poderão ser em "faille" (uma espécie de seda) ou em "mousseline", bastante decotados.

As mulheres menores e de bom contorno são sempre mais femininas. Elas podem (mais ou menos) usar tudo, mas prestando muita atenção à cor e ao corte. Devem evitar "plissé" e bolsos na altura dos quadris. Podem usar também calças compridas, mas, de preferência, de cores escuras: preto, cinza, azul marinho ou "grenat".

Não se esqueça de que para seguir a moda não é necessário um orçamento grande. O bom gosto, a engenhosidade e um pouco de personalidade são suficientes para fazer de você uma mulher elegante.

MONIQUE ANDEOL LIEBEL



KRUSCHEV INAUGURA (SEM CONCORRENTES) A ESTRADA DE DAMASCO



"NOSSA ÚNICA CONDIÇÃO é auxiliar-vos sem condição alguma". Este slogan foi lançado pelo representante soviético à Conferência Afro-Asiática do Cairo (última semana de dezembro) e define a nova política da URSS para os países subdesenvolvidos do mundo, dos quais pretende varrer toda influência ocidental — e o conseguirá, se o Ocidente não responder convenientemente.

Radichov Charaf Radichovitch, chefe da delegação da União Soviética (único país europeu a participar da Conferência) pronunciou o discurso mais importante, colocando o Ocidente na contingência de ter que dar uma resposta (em palavras e atos) no mesmo terreno — o que envolve grandes dificuldades, principalmente decorrentes dos enormes compromissos norte-americanos em quase todos os países ocidentais.

Disse Radichov Radichovitch:

"Hoje as nações da África e da Ásia estão em posição muito melhor do que aquela em que a União Soviética se encontrava, há quarenta anos. Os países capitalistas altamente desenvolvidos não têm mais, agora, nem o monopólio do equipamento, nem o das máquinas do crédito ou da experiência científica e técnica".

"Podemos construir em vosso território

uma usina ou um sistema de transporte, um centro de pesquisa ou uma universidade, um hospital ou um instituto cultural. Podemos enviar-vos os nossos especialistas para estudar os vossos problemas e podeis enviar os vossos especialistas às nossas empresas e nossos centros de pesquisas".

"Podemos enviar nossos professores para ensinar em vossos estabelecimentos de educação ou podeis enviar vossos estudantes aos nossos institutos. Fazei o que vos parece melhor aos vossos interesses. Dizei-nos quais as vossas necessidades e estaremos prontos a dar qualquer assistência, seja por intermédio de créditos, auxílio técnico ou qualquer outro meio".

"Nosso único limite é o das possibilidades econômicas da União Soviética. Não procuramos vantagem alguma. Não queremos lucros, nem privilégios, nem participação na administração, nem concessões, nem matérias primas. Não vos pedimos que participeis de bloco algum, que mudeis vosso governo ou modifiqueis vossa política interna ou externa. Vimos auxiliar-vos como um irmão auxilia outro irmão, sem interesse algum. Sabemos pela experiência própria o quanto é difícil sair da pobreza. Nossa única condição é auxiliar-vos sem condição alguma".

Este é o "caminho de Damasco": a política de coexistência pacífica na prática da ofensiva econômica, que subtraiu a Síria à influência ocidental e atraiu-a à influência soviética.

Exatamente no dia em que Radichov Radichovitch pronunciava seu discurso na capital egípcia, uma voz menos pacífica se fez ouvir em Djakarta, como para demonstrar que os "irmãos pobres" esperam também outra classe de ajuda soviética.

O ministro do Exterior da Indonésia, Subandrio, falando a um grupo de jornalistas, declarou o seguinte: "Talvez o governo indonésio envie missões aos países do Leste europeu, com o encargo de negociar a compra de armas, se os Estados Unidos continuarem a deixar de tomar em consideração o pedido formulado neste sentido pelo ex-primeiro ministro Ali Sastroamidjojo".

As palavras de Subandrio são bem claras, e seria inútil acrescentar que o Ocidente examinou o pedido de Sastroamidjojo com cautela, pois fornecer armas, nas atuais circunstâncias, ao governo de Djakarta, significaria armar os comunistas que se encontram praticamente no governo. E' evidente que se os Estados Unidos não fornecerem armas à Indonésia, a



URSS, a Polônia e a Tchecoslováquia o farão.

O próprio chanceler Subandrio declarou que o governo indonésio manteve negociações nesse sentido com a Polônia, a Tchecoslováquia e a Iugoslávia, países que forneceram grandes quantidades de armas (russas) ao Egito e à Síria.

Horas após o discurso de Radichovitch, a embaixada soviética no Cairo, que, ao lado da representação russa na Síria e em Addis Abeba (Etiópia), constitui o mais importante centro de expansão da influência soviética no mundo afro-asiático, ofereceu uma recepção na qual somente foram admitidos os jornalistas dos países afro-asiáticos e soviéticos, para expor minuciosamente o sentido das propostas de Moscou.

Alguns jornalistas ocidentais que conseguiram receber informações de seus colegas afro-asiáticos, dizem que a recepção se revestiu de brilhantismo verdadeiramente excepcional: cada convidado recebeu, além de vários livros luxuosamente encadernados e impressos, em cujas páginas os soviéticos expõem sua nova política econômica da maneira mais tentadora, ricos presentes, em forma de "lembranças": canetas-tinteiro, relógios de bolso e de pulso, carteiras de couro com monogramas de ouro, caixas de caviar,

garrafas de "vodka" suntuosamente empacotadas, caixas de cigarros do melhor fumo búlgaro, perfumes de fabricação búlgara, e muitos outros objetos.

O impacto que esse mundo de coisas produziu nos jornalistas e representantes dos países que, conforme as palavras do delegado russo, "procuram sair da pobreza", pode ser facilmente imaginado.

Recordando com bastante habilidade que a Rússia conseguira, no período de quarenta anos, aumentar trinta vezes sua capacidade de produção (conforme indicam estatísticas soviéticas), Radichovitch fez brilhar a esperança de um futuro paradisíaco para as nações afro-asiáticas subdesenvolvidas, sem esquecer de recordar a "generosa ajuda" já prestada ao Egito, à Síria e à Indonésia, países que durante a reunião recém-realizada se transformaram não somente em porta-vozes das vantagens expostas pelo governo soviético, mas em firmes aliados seus, sobretudo no que se refere à colaboração no plano econômico e financeiro.

A proposta soviética tão habilmente apresentada aos irmãos pobres, da África e da Ásia, representa a resposta direta à "Doutrina Eisenhower", que os Estados Unidos ofereceram aos países do Levante, e que, até agora, constituiu um fracasso sem precedente, pois nem sequer os

países que a aceitaram teoricamente mostraram-se interessados em adotá-la na prática.

Ao mesmo tempo, a nova linha econômica soviética, visa a destruir (e provavelmente o conseguirá) todo o sistema de defesa do Ocidente, especialmente na zona do Pacto de Bagdad, onde estão países como o Iraque, o Irã e o Paquistão, na região da SEATO (Tratado de Defesa do Atlântico Sudeste) e no Oriente Próximo.

Ainda mais: por intermédio deste auxílio "sem condição alguma", os russos pretendem conquistar a simpatia de países como a Índia e o Marrocos, que mantêm sérias divergências com "potências colonialistas" como Portugal, França e Espanha.

Para conseguir, nas atuais circunstâncias, suplantare a influência ocidental, Moscou não precisa disparar nenhum tiro. Mantendo sua posição vantajosa frente aos Estados Unidos, que ainda não conseguiram lançar seu satélite artificial, os russos precisam, apenas, instalar seus professores, estudantes, técnicos, conselheiros, médicos, educadores — e principalmente seus recursos materiais — em todos os países que estiveram reunidos no Cairo. E se o Ocidente não fizer o mesmo, os soviéticos realizarão sua nova política sem concorrentes.

INDONÉSIA

“MERDEKA É POUCO; QUEREMOS BEBAS”

OS LÍDERES INDONÉSIOS estão jogando com a sorte e o futuro do seu novo país de apenas 8 anos. Para desviar a atenção dos seus 83 milhões de concidadãos da política e da situação econômica que possivelmente trará revoluções, eles estão alimentando as chamadas do patriotismo contra o “velho bode expiatório” que é o Colonialismo Holandês, e a velha questão da propriedade da Nova Guiné Holandesa ou Irian do Oeste.

Para os 6 milhões de votos comunistas, oferece-se uma oportunidade única: para onde quer que a luta se desenvolva, eles poderão tomar o poder, ganhando então a União Soviética um rico e estratégico aliado.

Jakarta está toda pichada. Nas paredes das lojas, edifícios, em todas as partes que se olhe, estão os dizeres: “Expulsemos os Holandeses, o Irian do Oeste é nosso!” Nas proximidades do maior hotel, o “Bandung” multidão de jovens cantam:

“Se os Holandeses não comerem,
eles morrerão;
Se todos os Holandeses morrerem,
Então haverá paz!”

Até em Bali tudo é motivo para humilhar os holandeses, em represália pelo

que fizeram aos indonésios. Essas represálias têm aumentado muito. Somente a natural aversão do javanês à violência e ao espírito pacífico do holandês é que devemos o resultado da luta até hoje sem mortes nem feridos. Podemos citar o exemplo de indonésios da alta classe que levam pão e comida aos seus amigos holandeses a quem o **boycott** governamental tem privado de água, eletricidade e comida.

A situação ainda permanece tensa mas não tanto quanto no começo, quando a “Ação do Comitê dos Trabalhadores”, — a maioria recrutada dos sindicatos Comunistas — tomou conta e içou bandeiras vermelhas no “Hotel des Indes” e no escritório central da KPM, uma firma holandesa que controla a maioria do comércio nas ilhas.

Essas encampações foram feitas contra as ordens do Premier Djuanda. Quando finalmente as bandeiras “vermelhas” foram arriadas e substituídas pelas cores nacionais vermelhas e brancas, foi realmente um sinal de capitulação do governo.

Depois veio um “boycott” oficial de 1 dia (por ordem do governo), contra os holandeses, como parte da campanha posta em prática para obrigá-los a libertarem e entregarem à Indonésia as sel-

vas holandesas da Nova Guiné juntamente com os peludos nativos de Papua.

Os sindicatos, dirigidos por Comunistas, fizeram do “boycott” uma desculpa para apoderarem-se das propriedades holandesas com a aparente aprovação do presidente Sukarno.

As encampações prosseguiram apesar das contínuas ordens do gabinete para que elas cessassem e apesar das ameaças dos comandantes militares de Jakarta.

Trabalhando cuidadosamente atrás dos bastidores, têm os Comunistas auxiliado o atual governo sem força. Eles têm feito piadas sobre o vacilante Sukarno e sua vaidosa “democracia dirigida”.

A 30 de novembro último, na tentativa de assassinar o presidente (quando 9 pessoas que se encontravam próximas ao mesmo foram mortas), conforme a Polícia investigou, nada menos de 20 terroristas suspeitos eram novos membros do Partido Moslem Masjumi, que sonham com um Estado Islâmico. No entanto o Serviço Secreto Ocidental apurou que 18 deles foram presos como Comunistas.

Por uma ordem governamental foram obrigados a deixar o país todos os holandeses considerados “não essenciais”. Navios de guerra holandeses aguardavam uma possível evacuação em massa. Enquanto isso, na Holanda, o governo em situação de vexame, estudava planos de emergência para os refugiados sem teto.

É uma verdadeira tragédia humana o completo e repentino desraigamento de 50.000 holandeses, alguns deles de raça Eurásiana que nunca conheceram outros lugares.

Até ontem os holandeses administraram a nação. Operando as linhas de navegação aérea, assim como os serviços de comunicação, a oficialidade dos navios mercantes e os serviços de utilidade pública. Agora pois está se libertando, em meio à maior desorganização.

Para um partido que foi completamente esmagado após um levante sem êxito, os Comunistas tiveram, sem dúvida, uma vitória sensacional.

Na eleição nacional em 1955 os Comunistas surgiram como o 4.º colocado sem apoio nenhum; este ano vieram com arrebatadoras vitórias em Java e proclamaram que **Merdeka** (liberdade) não era bastante e que o que a Indonésia precisava era de **Bebas**, (liberdade do domínio econômico holandês).



JAKARTA — “Expulsemos os holandeses do oeste da Nova Guiné” e “holandeses: vão embora do Irian oeste”.

A MATA-HARI MODERNA

JACK SOBLE

ESPIONAGEM

NOVA IORQUE, DEZEMBRO — Jane Foster Zlatovski era uma mulher muito atraente.

Esta esbelta e bela artista moderna, que nasceu e se educou no aristocrático bairro de Nob Hill, em São Francisco, converteu voluntariamente seus talentos em uma arma a serviço da espionagem soviética.

De forma fria e metódica, a bonita mulher trabalhou entre os membros das forças armadas e do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos, tratando de despojá-los de suas inibições e de seus segredos.

Se a alguma mulher pode dar-se o título de "Mata Hari moderna", essa mulher seria a alegre Jane. Durante cerca de dez anos, Jane Zlatovski entregou suas informações, acompanhadas de fotografias, sobre os agentes norte-americanos do Serviço de Inteligência e contra-inteligência. Jane trabalhava muito bem, e nunca se queixou do fato de receber apenas 75 dólares mensais pelos seus serviços de espia.

QUANDO EU CONHECI essa devota agente do Partido Comunista, ela acabara um trabalho de 3 anos com o escritório super-secreto de Serviços Estratégicos.

Jane estava passando suas férias em Nova Iorque, antes de passar para outro ponto estratégico com o exército norte-americano em Viena e Salzburgo, Áustria, onde se encarregaria da estação de rádio Rot-Weiss-Rot (Vermelha-Branca-Vermelha).

Jane estava casada com um oficial do exército, George Zlatovski, de Duluth, Minnesota, que a essa época era tenente do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos.

George Zlatovski, também se converteu em agente soviético sob minhas ordens. Seu trabalho consistia em aterroizar os refugiados que buscavam proteção americana.

Quando conheci Jane, fiquei impressio-

nado com o seu entusiasmo pela causa comunista.

Sua primeira informação, aparentemente, também provocou um grande impacto no Kremlin. Pude verificar isto mais tarde, em fevereiro de 1946, menos de dois meses depois que Jane passara informação sobre a Indonésia, obtida durante o tempo em que esteve empregada na OSE (Organização dos Serviços Especiais).

EM UM JORNAL QUE estava lendo, vi o seguinte título: "Manullsky acusa os britânicos de ameaçar a paz na Indonésia". Isto despertou-me interesse, e continuei lendo o comentário sobre o debate da reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas em Londres.

Manullsky, Ministro das Relações Exteriores da Ucrânia — antigo colaborador de Stalin — referia-se à comissão que se nomeara para investigar as acusações contra a Grã-Bretanha.

A medida que lia o seu discurso, acusando os britânicos de tentar abafar o nacionalismo indonésio, pareceu-me que reconhecia declarações que havia visto antes.

Finalmente descobri o que se tratava. Manullsky fortalecera seu ataque com citações exatas da informação que Jane me entregara.

Jane me entregara o documento na semana de Natal de 1945, na residência de Alfred e Martha Stern, milionários simpatizantes do comunismo, e sócios de empresas comerciais que serviam de fachada às atividades da espionagem soviética.

(Atenção: Alfred Stern e sua esposa Martha, como os Zlatovsky, foram acusados recentemente por um "Grande Júri Federal", acusados de conspiração contra os Estados Unidos. Os Stern, que se encontravam no México quando foram acusados, renunciaram a sua cidadania americana e viajaram para a Rússia. Os Zlatovsky vivem na França, cujo governo se negou a conceder a extradição para que possam ser submetidos a Júri nos Estados Unidos.)

Jane entrou no nosso grupo através de sua velha amiga e companheira de bebidas Martha Stern, e quando eu cheguei ela estava disposta a mostrar a sua ansiedade em servir à nossa causa.

MAL EU ACABARA de entrar no apartamento dos Stern, Martha jogou Jane nos meus braços, dizendo:

"Jack, este é um "brôto" maravilhoso que quer trabalhar para você". Por Jane dou a minha vida. Tenho nela uma confiança ilimitada".

Depois de tomar alguns Martinis (ela bebia como se fosse água), Jane falou sobre o marxismo-leninismo, e me disse que ela e seu esposo estavam dispostos a fazer "qualquer coisa" para serem úteis à União Soviética.

Disse-me que trabalhava para a OSE na Indonésia, quando era casada com o representante holandês naquele país. Ao dizer isto, tirou da sua bolsa um envelope branco que continha cerca de dez folhas de papel escritas à máquina. Jane me explicou que acreditava que os meus "amigos" achariam útil o material.

NO DIA SEGUINTE encontrei-me com "O Professor", um pombo-correio russo chamado Stefan Choudenko, e lhe entreguei a informação que Jane me dera.

Dias depois Choudenko deixou o país. Em nosso último encontro, numa rua perto de minha casa, deu-me suas instruções finais:

"Não adiante nenhuma atividade da espionagem durante 1946, e espere que obtenha seus documentos de cidadão americano. Quando os receber, apresente-se em Moscou para receber sua próxima missão.

Pouco tempo depois de receber minha cidadania em 1947, viajei só para Paris.

Em setembro desse mesmo ano encontrava-me em meu quarto no Hotel Racine quando bateram à porta. Ao abri-la, Jane apareceu sorridente:

"Camarada — disse-me, beijando-me e abraçando-me — posso fazer alguma coisa por você"

OS 10 CRIMES MAIS MISTERIOSOS DE 57

POLÍCIA PEDE TEMPO EM 58 PARA DESCOBRIR CULPADOS

ESTA É A LISTA dos 10 crimes mais misteriosos de 1957 fornecida pela Polícia, que ainda não descobriu o autor (ou os autores) desses homicídios:

1. Acompanhada pelo portuário Julio César Furquim, a sra. Irene Camanho foi passear de automóvel na "Chácara do Céu", na noite de 3 de janeiro. Assaltantes ainda não identificados feriram o portuário e assassinaram a sra. Camanho.

2. Na noite do último sábado de maio, Antônio Francisco do Amaral apareceu estrangulado no seu escritório de contabilidade, à Avenida Rio Branco, 257, sala 701.

3. Na noite de 9 de junho, Odila

Romana foi encontrada morta no pátio do Edifício Itu (Avenida 13 de maio, 47). A Polícia não acreditou em suicídio, achando que Odila foi jogada pela janela de um dos apartamentos. Mas, até hoje, não descobriu quem deu o empurrãozinho.

4. A 5 de agosto, em frente ao número 372 da Rua Imá, em Bangu, foi morto a facadas o funcionário municipal João de Souza Gomes.

5. A 24 de agosto, em São Cristóvão, foi assassinado ao volante (tiro na nuca) o motorista profissional Florivaldo Alves Couto.

6. A 28 de agosto, na "Chácara do



Florivaldo Couto, o motorista assassinado em agosto.

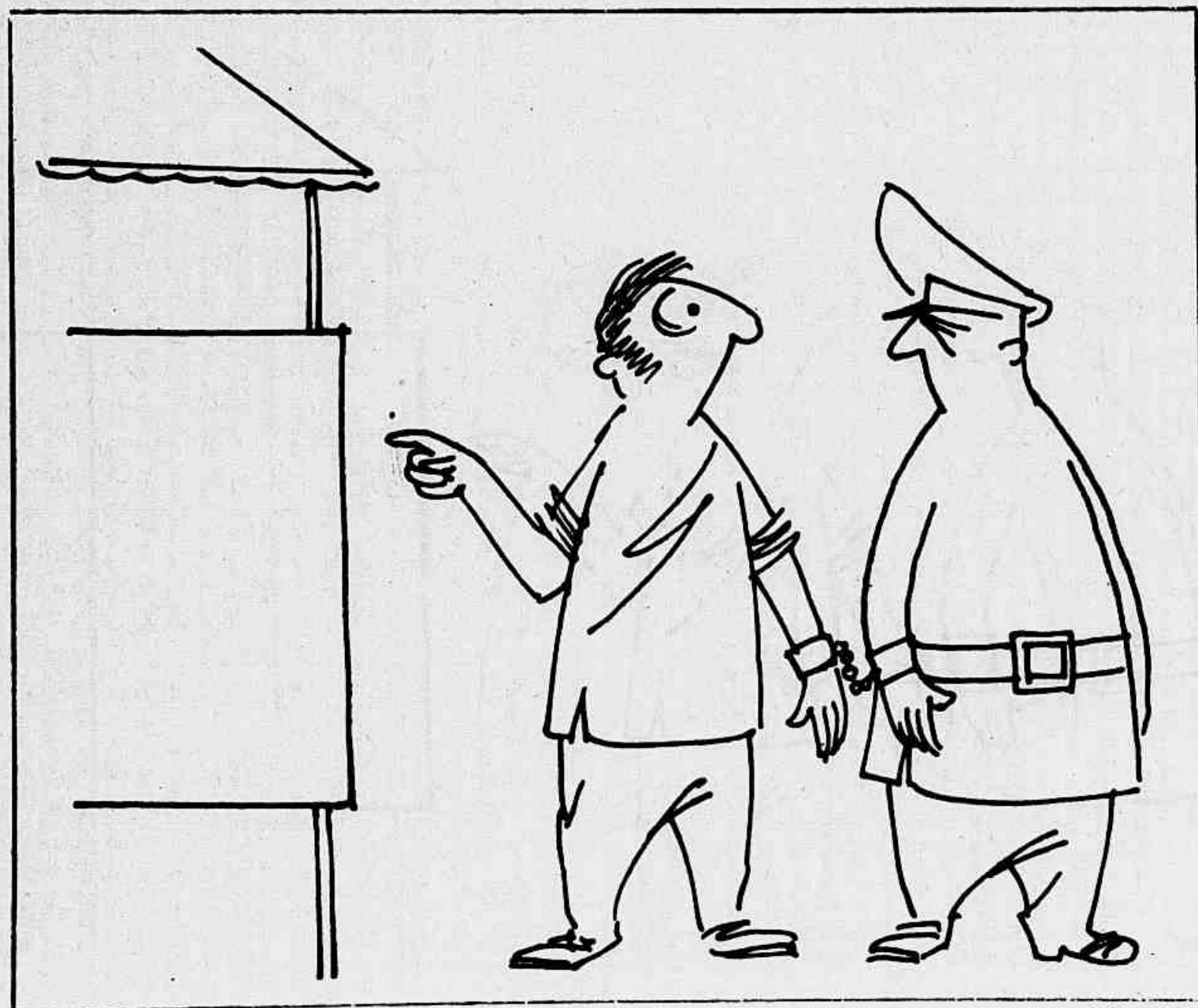
Céu", o investigador Válder Pereira da Silva, que passeava num automóvel com uma senhorita, foi assassinado. Era o segundo crime ocorrido na "Chácara do Céu", recanto preferido pelos românticos.

7. A 18 de setembro, de madrugada, o médico-dentista Pedro Verecílio, morreu baleado, em sua casa, à Rua Bueno Paiva, 136, no Méier. A esposa disse à Polícia que um homem de terno marrom entrou em sua casa e disparou a pistola contra o marido. A Polícia apenas soube que o calibre da pistola era 7,65. Houve muitas diligências, reconstituições, suspeitou-se de muita gente. Falou-se, até, em vingança ou em agiotagem. Motivo: o dentista tinha romances com louras e morenas.

8. "Mango", ladrão menos conhecido por José da Silva, morreu baleado numa manhã de outubro. A Polícia disse que os assassinos também eram ladrões. Mas, até hoje, ainda não descobriu quais eram.

9. O penúltimo crime (não esclarecido) do ano foi o do engenheiro norueguês Elmar Oel Hoff, assassinado em seu apartamento 705, na Rua Octaviano Hudson, 16, em Copacabana. Um cigarro com marcas de baton serviu de pista à Polícia. Mas ela ainda não descobriu quem fumou o cigarro e o manchou de baton. Para ela, o maior suspeito é o sr. Runard Wigg, também norueguês e amigo do morto, que retornou à Noruega dias depois do crime. O sr. Runard Wigg negou ser o criminoso e ameaçou judicialmente um vespertino que o acusou abertamente de criminoso.

10. O último crime de 1957 não esclarecido foi o do sr. Juarez Távora (dos Santos), encontrado morto a 24 de dezembro em frente ao prédio 271 da Rua Gonçalves dos Santos, na Circular da Penha, com facada no peito.



AMBROSIO

O ANO DA PROTEÇÃO

EM LINHAS GERAIS, recapitularemos aqui o que foi o ano de 1957 para o teatro carioca, no setor de peças declamadas.

Logo no início de janeiro houve o III Congresso Brasileiro de Teatro, patrocinado pela ABCT (Associação Brasileira de Críticos Teatrais), que nada produziu, a exemplo de outros congressos dessa mesma entidade.

Na segunda quinzena, um acontecimento agitou os meios teatrais, a realização do I Festival de Amadores Nacionais, congregando 19 grupos amadoristas de diferentes Estados, resultando na revelação de um jovem e vigoroso autor, Ariano Suassuna, que mereceu o primeiro prêmio com "O Auto da Compadecida", numa brilhante apresentação do Teatro Adolescente de Recife.

A primeira estréia profissional do ano foi a comédia de Silveira Sampaio, "Vovó, Papai e Rock and Roll", pela Cia. Odilon Azevedo, no Rival. Também no início do ano, o Rio conheceu "O Diabo Cospe Vermelho", peça laureada com o Prêmio Fábio Prado, de autoria de Maria Inês Souto de Almeida, apresentada na Maison de France, por uma companhia de Porto Alegre, sob a direção de Carlos Murtinho.

Em fins de fevereiro, a ABCT suscitou a criação de um "Código de Ética" entre os profissionais especializados da imprensa, pretendendo cercar a liberdade dos críticos. Felizmente esse "código" foi unanimemente rejeitado.

EM MARÇO, DULCE RODRIGUES montou uma companhia de comédia, inaugurando a temporada com a peça de seu irmão Nelson, "A Mulher sem Pecado". Ainda em março, Aurimar Rocha arrendou o Teatro de Bôlso, estreando a companhia com a sátira de sua autoria, "Infidelidades em Petit Comité".

Em abril, Alda Garrido voltou ao Rival, lançando-se autora, com "Chuvisco", paródia da conhecida história de Somerset Maugham, "Chuva". Procópio Ferreira reapareceu ao público carioca com "Esta Noite Choveu Prata" de Pedro Bloch. A Cia. Nicete Bruno-Paulo Goulart, no Municipal, encenou "Os Amantes" de Samuel Rayet. Ainda nesse mês, o TBC montou no Ginástico um dos melhores espetáculos do ano, "Leonora de Mendonça" de Gonçalves Dias, infelizmente não atraindo público. "Os Artistas Unidos" apresentaram "As Loucuras de Mamãe", de J. Gama, sob a direção do espanhol Luca de Tena, que tão auspiciosamente iniciara suas atividades no Brasil, no ano anterior, com

"Chéri" de Colette. Ainda em abril, morreu tragicamente Zaquia Jorge, uma incansável batalhadora do teatro de revista.

EM MAIO, REABRE o Teatro do Leme, com uma peça muito fraca de Sinclair Sena, "Juramento a Longo Prazo". O TBC estreou "Gata em Teto de Zinco Quente" de Williams, sob a direção do belga Maurice Vancau, oferecendo um espetáculo de grande categoria. No Municipal, a Cia. Nicete Bruno-Paulo Goulart apresentou de Acioly Neto, "A Vida não é Nossa". O incêndio do Ginástico, destruindo-o quase completamente, obrigou o TBC a interromper por alguns dias a carreira de "Gata", que transferiu-se primeiramente para o Municipal e depois para o Teatro da Maison de France. No final de maio, o Tablado encenou "O Tempo e os Conways", de Priestley, sob a direção de Geraldo Queiroz, agradando ao público e à crítica.

Em junho o Rio abrigou a "Companhia dos Jovens" (De Lullo-Falk-Guarnieri-Valli), encenando no Municipal "O Sucesso", "Diário de Anna Frank", "A Tocha sob o Almude", "Espiritismo na Antiga Casa" e "Lázaro", demonstrando excelentes trabalhos. Como segundo espetáculo, a Cia. Dulce Rodrigues monta "O Manda Chuva" de Richard Nash, ainda no Serrador. Há a assinalar a rápida passagem do mímico Marcel Marceau, que deu três recitais no Municipal, agradando bastante. Nelson Rodrigues (o discutidíssimo), apresentou-se como ator em uma companhia empresada por Gláucio Gil, na peça "Perdoa-me por me traíres", afirmando que a encenaria somente por 10 dias — o que não cumpriu, visto que a remontou meses mais tarde no palco do Carlos Gomes. Alda Garrido apresentou sua segunda peça na temporada do Rival, "D. Brasília Quer Casar", de Carlos Llopi.

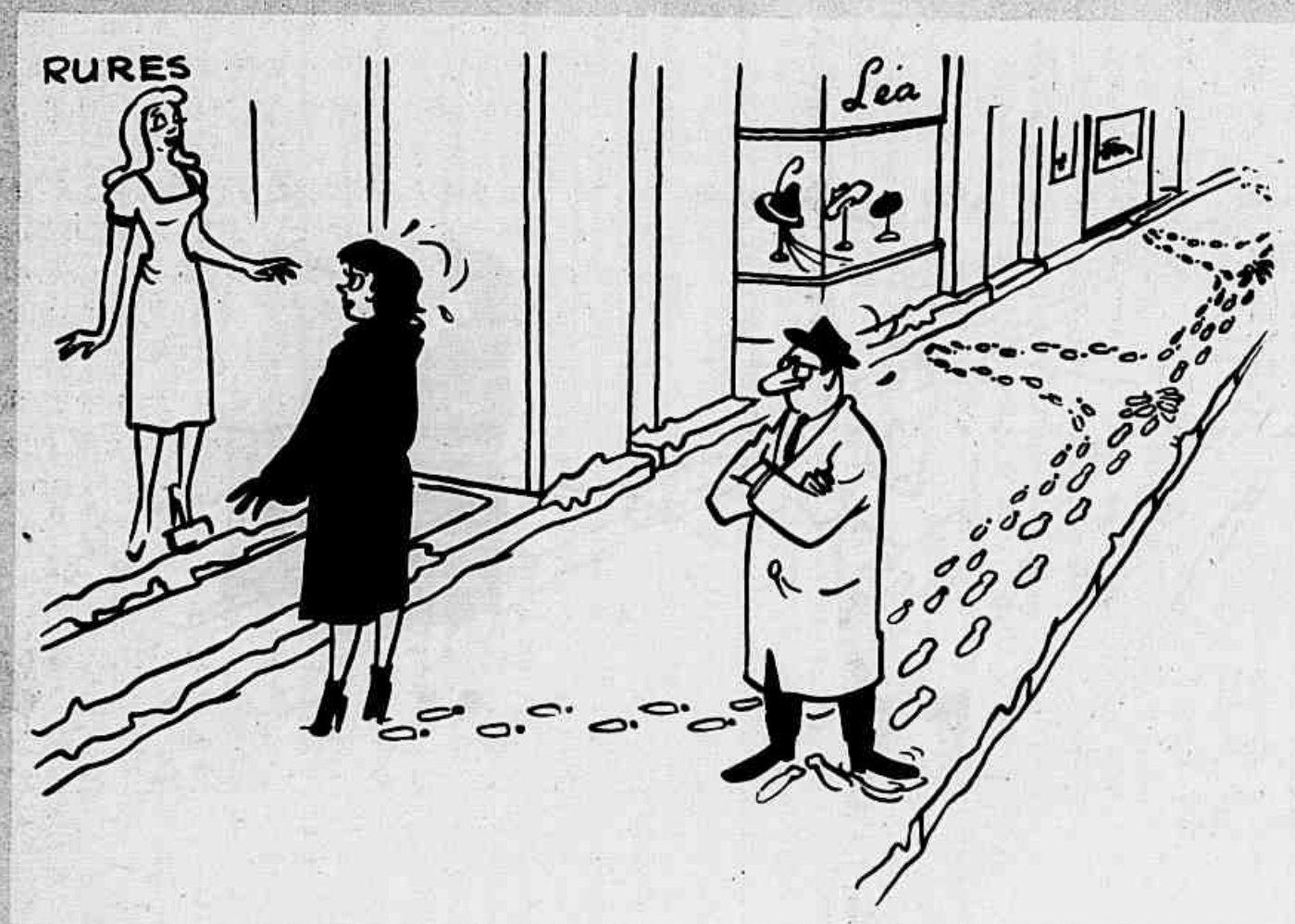
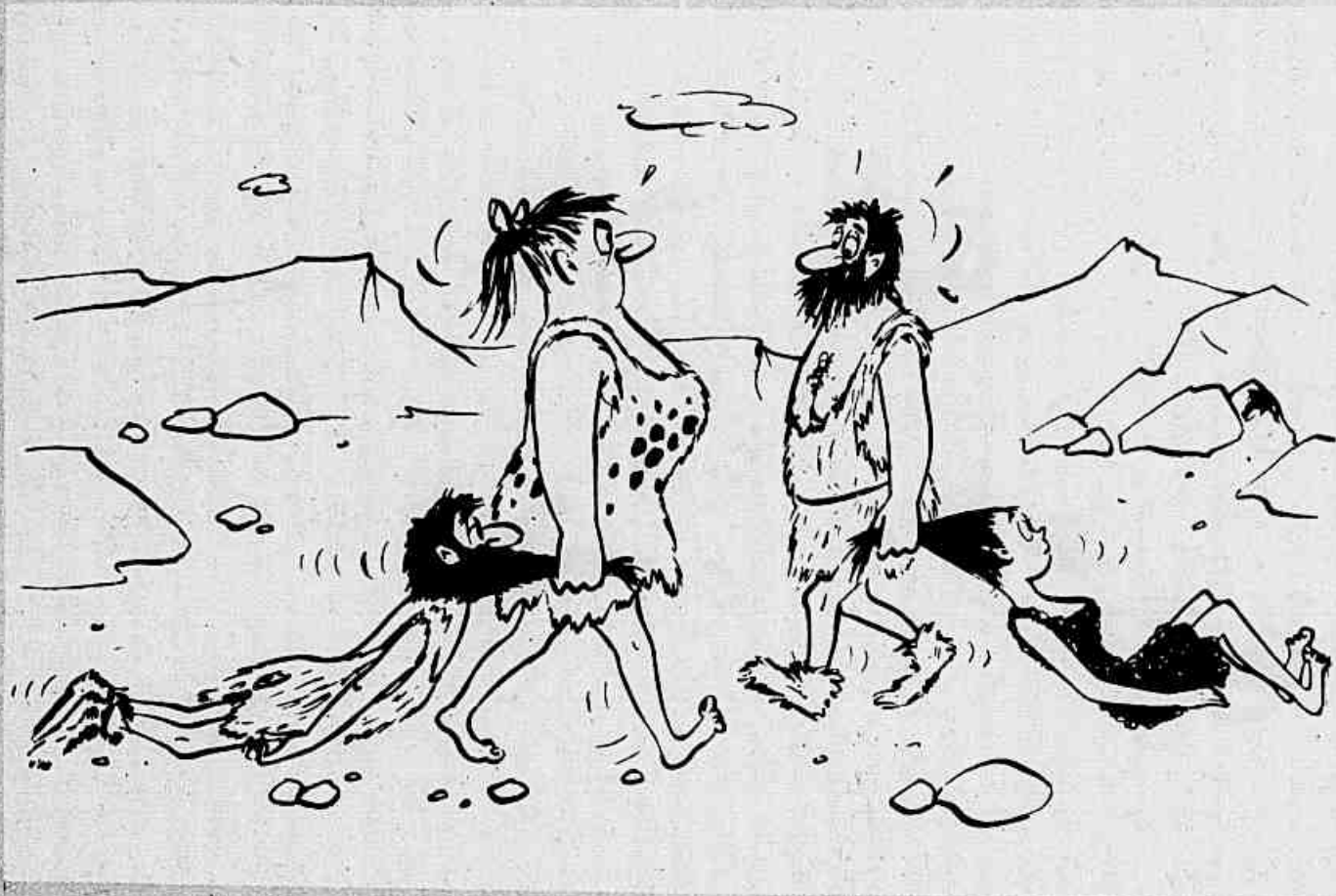
Em julho, o Teatro dos Amadores de Recife fez uma curta apresentação, com 3 peças: "Bodas de Sangue", de Lorca, "A Verdade de Cada um", de Pirandello e "A Comédia do Coração", de Paulo Gonçalves.

"Os Artistas Unidos" encenam "A Margem da Vida" de Williams, com uma estranha direção de Luca de Tena. No Municipal, Dulcina representou "Mulheres" de Claire Boothe, com os primeiros nomes femininos dos nossos palcos, no "Poeira de Estrélas" de 1957, em benefício da Academia Brasileira de Teatro.



MOSE

HARVEC



Agosto marcou o retorno da CTCA (Cia. Tônia-Celi-Autran) ao palco do Dulcina, com "Frankel" de Antonio Calado, depois de quase um ano de excursão pelo sul do país. O TBC montou "Adorável Júlia" de Maughan-Sauvageon, em cujo espetáculo Cacilda Becker teve uma esplêndida atuação. A CTCA foi obrigada a renovar seu cartaz, estreando "Um Deus Dormiu lá em Casa" de Guilherme Figueiredo; Eva, após remontar "Lotária", estreou "A Valsa de Aniversário", de Chodorow, no Serrador.

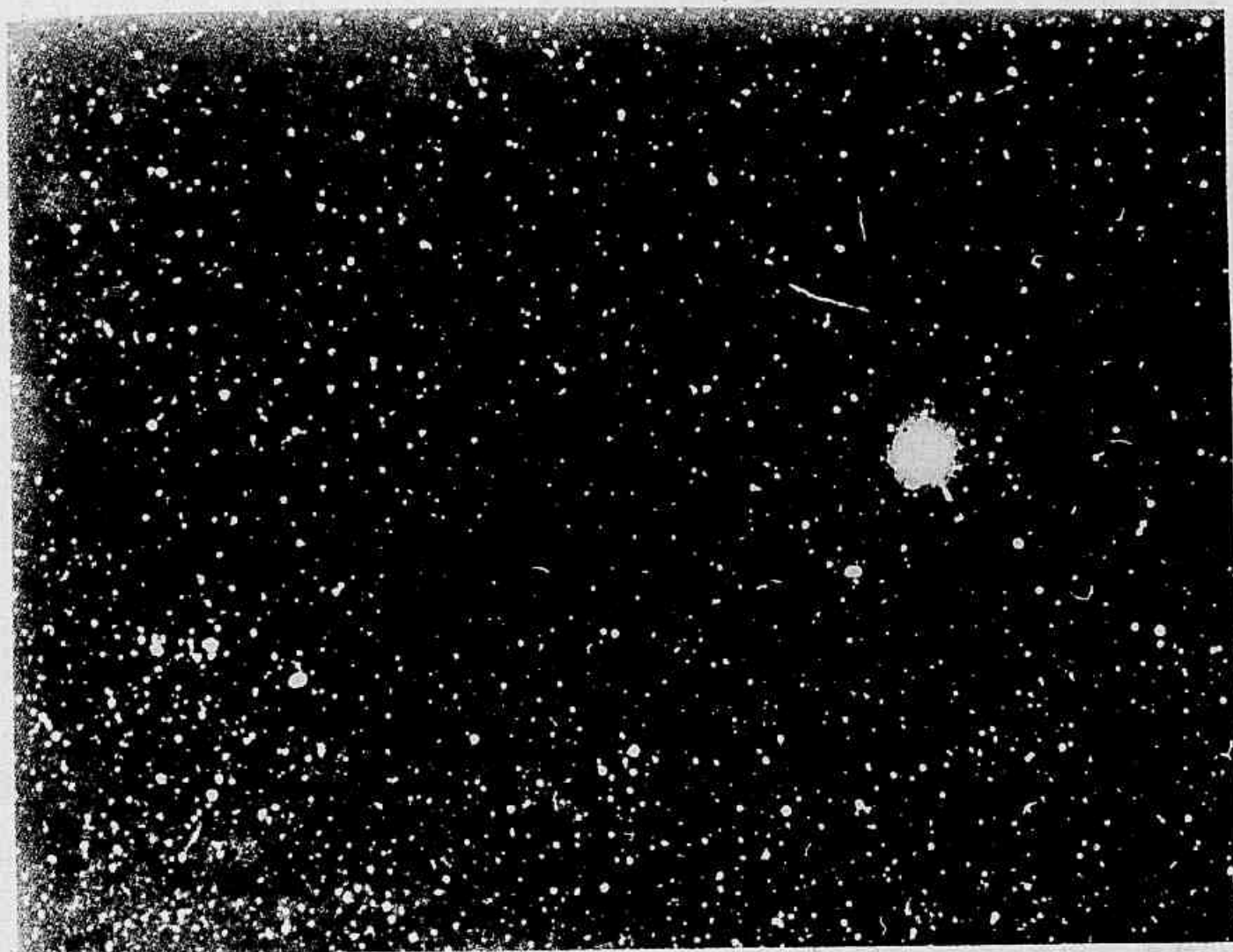
EM SETEMBRO, tivemos a temporada do "Théâtre National Populaire", com o ator-diretor francês Jean Vilar, trazendo como integrante de sua companhia a atriz Maria Casarés. Apresentaram 4 espetáculos: "Don Juan" de Molière, "Le Triomphe de l'Amour" de Marivaux, "Le Faiseur" de Balzac e "Marie Tudor" de Victor Hugo. Ainda em setembro, houve o espetáculo inaugural do TNC, companhia oficial, no República, com 3 peças em 1 ato: "O Telescópio" de Jorge Andrade, "Jôgo de Crianças" de João Bittencourt e "Pedro Mico" de Antonio Calado. A CTCA novamente troca de cartaz, desta vez com "Esses Maridos" de Axelrod, enquanto "Os Artistas Unidos" montaram "É de Amor que se Trata", uma expressiva obra de Jean Anouilh.

Em outubro, Oscarito e Família voltam à Cinelândia, no Glória, com "Zero à Esquerda" de José Wanderley e Mário Lago. A cidade ganhou mais um teatro, o São Jorge (no Catete), estreando com a Cia. Dulce Rodrigues-Jece Valadão, a comédia de Nelson Rodrigues, "Viúva, porém honesta". "A Compadecida" de Suassuna, foi remontada, precariamente, no Teatro Jardel, por uma companhia paulista.

Luiz de Lima, inaugurando o Teatro da Mesbla, apresenta um espetáculo Ionesco: "A Cantora Careca" e "A Lição"; mais tarde cumpriu temporada às segundas-feiras no Teatro de Bólso. Neste teatro, Aurimar Rocha montou "Um Francês em Nossas Vidas" de Noel Coward. Ainda em outubro, o TNC apresentou sua segunda peça, com o clássico brasileiro "Guerras do Alecrim e da Manjerona", de Antônio José, sob a direção de Gianni Ratto.

EM NOVEMBRO, houve o Festival do Rio de Janeiro, no Municipal, com "Paixão da Terra", peça histórica de Heloísa Maranhão, sob a direção de José Maria Monteiro. O "Tablado" encenou "O Embarque de Noé", de Maria Clara Machado, enquanto o TNC apresentou seu terceiro espetáculo, "A Bela Madame Vargas" de João do Rio. A última estréia do ano foi com o CTCA, "Natal na Praça" de Henri Ghéon, revelando o diretor Benedito Corsi.

Conforme pudemos observar, 1957 não foi um ano brilhante para o nosso teatro e tampouco para o autor nacional (excluindo o "fenômeno" Suassuna), apesar de ser o ano em que começou a vigorar a lei de proteção (?) ao autor brasileiro, confirmando que talento não se consegue por força de decretos.



OS ASTROS: 58 SERÁ TERRÍVEL

Egipcios darão a notícia mais esperada: o segredo dos discos-voadores



**OS AMERICANOS
CONTINUARÃO
SEM A LUA**

**EISENHOWER
NÃO TERMINARÁ
O MANDATO**

**PANICO
NA INDÚSTRIA
E COMÉRCIO**

**O MISTÉRIO
DOS DISCOS
SERÁ REVELADO**

**O GOVERNO
BRASILEIRO
ESTARÁ
AMEAÇADO**



Os astros também falaram sobre Ike

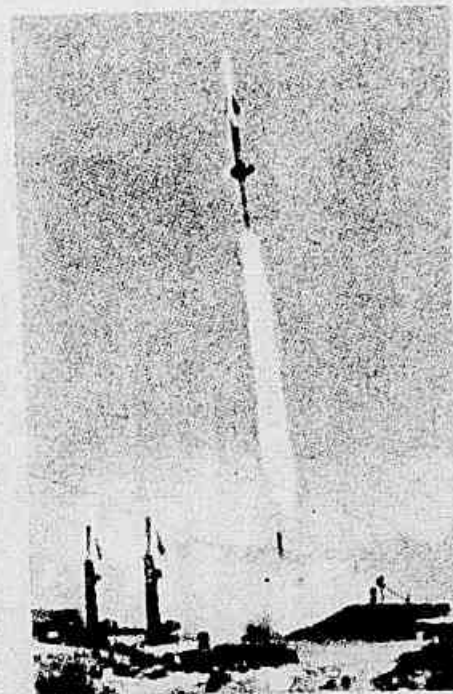
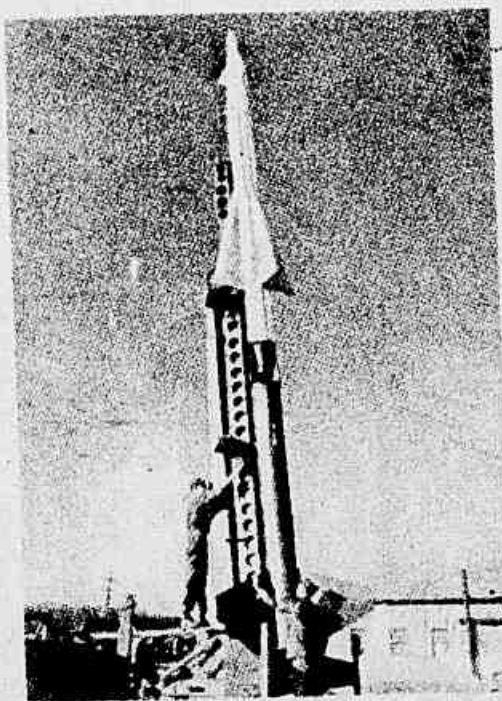
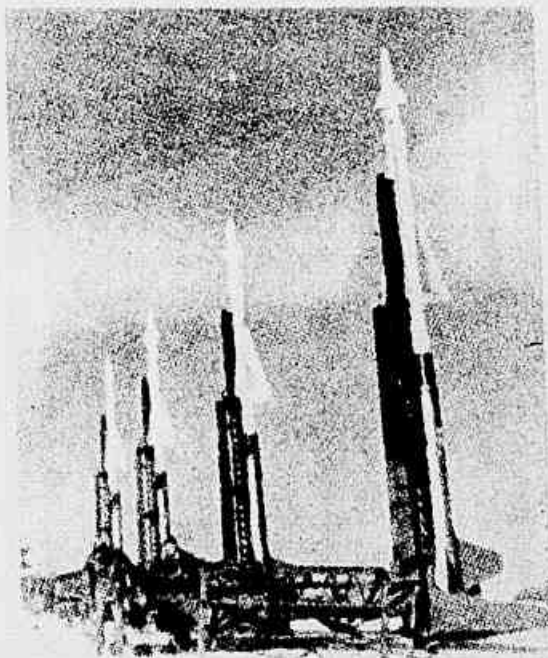


JK vai balançar. Cal?

SEGUNDO OS ASTROS (interpretados pelos professores Ragon, ocultista; Kosia-ki, astrobiologista; Leonetti, quiromancista; Ronay, numeralogista; Nog, quirologista e leitor de bola de cristal) 1958 será um ano nefasto.

PREVISÕES:

1. A III Guerra Mundial não será ainda para 1958, que tem Mercúrio como seu planêta regente.
2. O poderoso planêta Júpiter no signo da Balança indica que os estadistas estarão interessados na manutenção da paz mundial.
3. Os perigos são iminentes porque Marte, o planêta Guerreiro, está ao lado de Saturno, planêta escuro, o que significa uma situação funesta.
4. Israel em 1958 ficará em brasas.
5. A China Formosa e Coréia estarão na ordem do dia no panorama internacional.
6. Moscou realizará ações políticas mais intensas pelo desarmamento, inclusive, entendimentos com o mundo espiritualista e religioso.
7. Ainda não será em 1958 que os Estados Unidos lançarão o seu satélite.
8. Grandes personalidades dos Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra morrerão.
9. Suas iniciais: E., B., C., F. e M.
10. Grave crise financeira abalará a Inglaterra, que se salvará com a ajuda comercial da União Soviética e da China.
11. O Partido Trabalhista da Inglaterra vencerá o Conservador.
12. Agitações, greves e conflitos sangrentos abalarão a Inglaterra e a França.
13. Vacilações da libra e do franco.
14. O governo francês se romperá.



O americano continuará sem luar artificial

15. Terão sucesso os entendimentos entre a Inglaterra, Alemanha, China, União Soviética e Tchecoslováquia.

16. As Américas serão verdadeiros rastilhos de pólvora: México, Guatemala, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Salvador, Colômbia, Venezuela, Paraguai, Chile e Bolívia passarão por conflitos violentíssimos.

17. Os Estados Unidos se defrontarão com problemas sociais e econômicos de tremenda gravidade.

18. O desemprego nos Estados Unidos será alarmante.

19. Eisenhower estará vivendo o maior e o derradeiro drama de sua vida. Ele não completará seu governo.

20. Grave crise econômica sacudirá o Brasil de Norte a Sul; pânico na indústria e no comércio; problema de desemprego.

21. Desastres no comércio no início do ano.

22. Crimes de morte espetaculares.

23. Agitações e distúrbios populares, com prováveis motins e sublevações abalando os alicerces governamentais.

24. Quase nenhuma "sorte grande" de loteria para Rio ou São Paulo.

25. A grande Pirâmide será testemunho na revelação e redescoberta dos mistérios divinos.

26. Um dêles: disco-voador.

27. O Egito foi, assim, predestinado a ser a terra das revelações.

28. Haverá tremendos escândalos sociais.

29. O Governo brasileiro terá de se manter muito equilibrado em suas ações se não quiser cair logo no início do ano.

30. Miséria, fome e violência irromperão na Argentina.

31. Resumindo: 58 será pior que 1957.



O "C" pode ser Churchill

Conto popular bem moderninho

QUANDO o Herói leu na coluna social que a Filha do Presidente estava encantada pelo anel que o Ministro da Guerra lhe dera, pôs-se a caminho do País Fulano.

No bernal levava a merenda, um pedaço de michelim, uma lanterna vermelha e uma nota nova. Na cabeça, três frases mágicas.

Quase chegando à Capital Sicrana, encontrou um carro, parado ao lado da estrada. Não podia seguir caminho porque estava com um peneu furado. O Herói, que tinha bom coração e noções gerais suficientes, tirou o prego do peneu, tapou o furo com o pedaço de michelim e lá se foi muito contente.

Mais adiante o Herói encontrou um pobre telefone, com o fone fora do gancho. Alguém, por pura maldade (ainda por cima) discara 09. O Herói colocou o fone no gancho e nem esperou pelos agradecimentos: pé na estrada.

Para chegar à Capital Sicrana só faltava atravessar uma ponte sobre o Rio. Mas essa uma, coitada, não tinha quase cimento. Estava que era só areia, com os vergalhões aparecendo. Com pena, o Herói tirou os sapatos e atravessou o Rio a nado, depois de comer a merenda.

CHEGANDO ao Palácio o Herói foi entrando. Disse que ia desencantar a Filha do Presidente. Foi quando o Polícia prendeu-o. E o Herói usou a primeira frase mágica: "Você sabe com quem está falando?"

Sóto, o Herói tratou de procurar a Filha do Presidente, mas a moça não estava no Palácio. Tinha ido ver o Trem, que estava matando um cidadão por dia. O Herói imaginou logo que ela estivesse em perigo e saiu correndo. Chegando na caverna do Trem, tropeçou nos degraus que estavam inacabados e foi — catrapus — cair bem na linha do Trem, que veio correndo, correndo para passar por cima dele.

O Herói abriu o bernal e tirou de dentro a lanterna vermelha, que sacudiu na frente do Trem. Foi o que valeu. Chiando ar comprimido o Trem parou, fazendo um barulhão tremendo de ferros.

VEIO um Oficial de Justiça e prendeu o Herói segunda vez. Era hora da segunda frase mágica: "Não se dá um jeitinho?" Deu-se. Mas foi preciso tirar do bernal a nota novinha de cinco mil cruzinhas que o Ministro da Fazenda tinha feito na véspera para pagar um cafézinho.

A Filha do Presidente, que vinha saindo do Trem (depois do caso da lanterna vermelha ele estava manso) simpatizou muito com o Herói e levou-o para o Palácio, falar com o Presidente.

O Presidente até que não era mau sujeito. Quando soube que o Herói estava ali para desencantar a sua filha e livrá-la do Ministro da Guerra, não entendeu muito bem e pensou que fôsse metáfora. Admirou muito a bravura do moço.

Então, deu-lhe a mão da filha em casamento e melade de um cartório que rendia 120 mil cruzinhas por mês. Essa não é uma quantia digna de um fim de história moderna, exatamente porque é o começo — um bom começo, para ser justo.

O Ministro da Guerra, quando soube da história, ficou muito mais vermelho, zangadíssimo. E mandou prender o Herói. Mas o Herói tomou o carro amigo dele e tratou de fugir.

Atravessou a Ponte e quando os tanques foram passando ela — que era amiga do Herói — desabou.

FOI quando o Herói conseguiu um telefone (o tal, amigo dele) e telefonou para o Ministro da Guerra, dizendo a terceira frase mágica.

Dêsse dia em diante o Ministro ficou muito bonzinho e chegou até a deixar que alguns rádios, presos há muito tempo por falar demais, dessem voltinhas no pátio.

Dizem que a terceira frase (muito mágica) era essa e era aquela. Mas a verdade é que nunca se soube ao certo.

A única certeza é de que nela havia duas palavras: candidatura e Presidente-eleito.



"Harvey! Desça dessa nuvem e responda à pergunta do padre!"

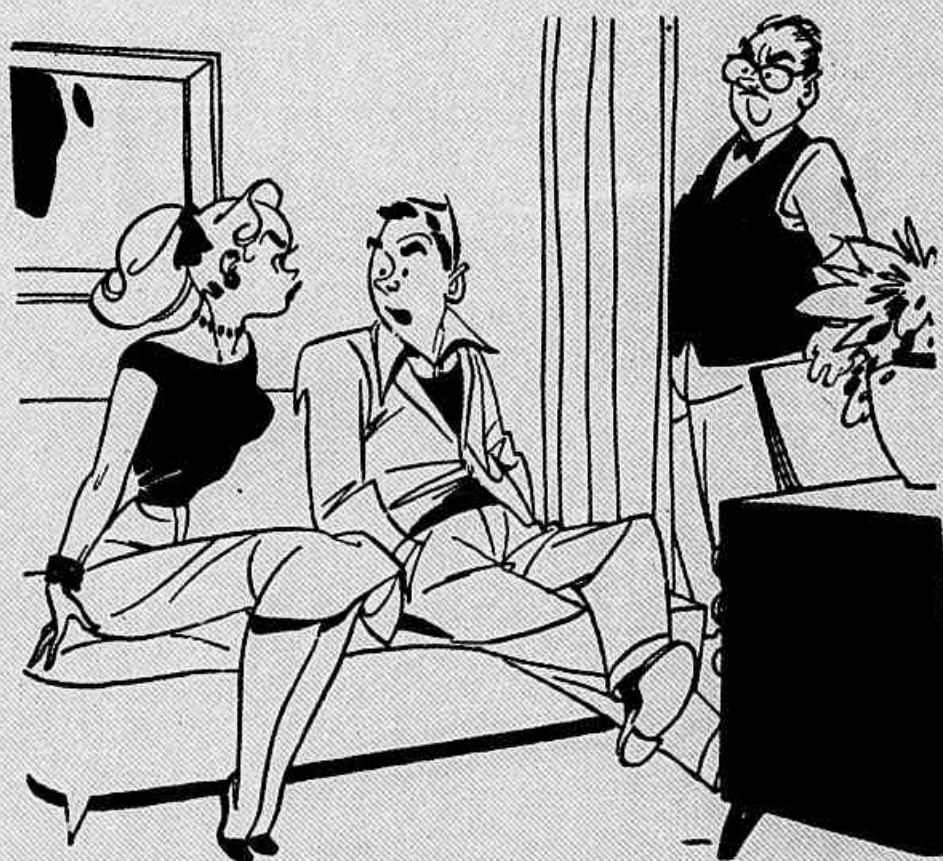


"Nove jardas de tapete vermelho... Mas se êsse Billy não propuser casamento dou-lhe uma surra".

ELAS

DON FLOWER

"Quando é que seu pai vai comprar uma TV a côres? Para ver em preto e branco eu vejo mesmo em casa".



"Eu acho que êle está querendo o seu lugar, patrão"



"Ôba! A comida aqui é boa mesmo".

